BIBLIOTECA MAÇÔNICA — 2

A. TENÓRIO D'ALBUQUERQUE

A MAÇONARIA E A INCONFIDÊNCIA MINEIRA

EDITÔRA ESPIRITUALISTA

iranga
1

DEC-30502
-6996-

O QUE É A MAÇONARIA

de A. T. Cavalcante de Albuquerque

Obra que expõe, com franqueza e de modo objetivo, o verdadeiro caráter da Maçonaria, seus objetivos altruísticos, sua luta permanente contra o obscurantismo e a intolerância, sua atuação sempre orientada no sentido de aprimorar e dignificar a criatura humana.

Provando à saciedade a insubsistência das acusações de anti-religiosa, anti-patriótica, etc. que seus inimigos lhe arrogam, o A. mostra que, ao reverso, a Maçonaria estêve sempre na vanguarda das idéias magnânimas e das lutas em prol do bem comum e do progresso humano.

Uma síntese histórica da Maçonaria constitui a última parte do livro.

880

A MAÇONARIA E A INCONFIDÊNCIA MINEIRA

A. TENÓRIO D'ALBUQUERQUE

A MAÇONARIA E A INCONFIDÊNCIA MINEIRA

MOVIMENTO DE CARÁTER MAÇÔNICO — A BANDEIRA MAÇÔNICA DOS INCONFIDENTES

"A Inconfidência de Minas tinha sido dirigida pela Maçonaria. Tiradentes e quase todos os outros conjurados eram pedreiros-livres" (Dr. Felício dos Santos, Memórias do Distrito Diamantino da Comarca de Sêrro Frio, pág 253

366.1D981
D137m

EDITÔRA ESPIRITUALISTA LTDA.
Rua Frei Caneca, 19
— Rio de Janeiro —

Ao velho e estimado Amigo

Deputado Hernâni Maia,

com a minha fraternal amizade

Aos caríssimos Irmãos do Círculo de Estudos da Sereníssima Grande Loja de Minas Gerais e aos modelares Irmãos das Lojas de Ituiutaba e Araxá, merecedores da minha fraternal admiração.

Ao erudito Mestre

Dr. José Honório Rodrigues,

com as homenagens da minha admiração à sua grande cultura e com os meus agradecimentos

ÍNDICE

A HISTÓRIA DA CONJURAÇÃO MINEIRA 15
— Iluminismo e Maçonaria 24
— Teoria de Weishaupt 26
— Princípios divergentes da Maçonaria 26
— Iniciação de Weishaupt na Maçonaria 27
— Organização dos Iluminados 27
— As iniciações 29
— Conquista de adeptos 29
— Reação da Maçonaria 30
— Dissolução dos Iluminados. Weishaupt condenado à morte 31

O NOSSO TRABALHO 33

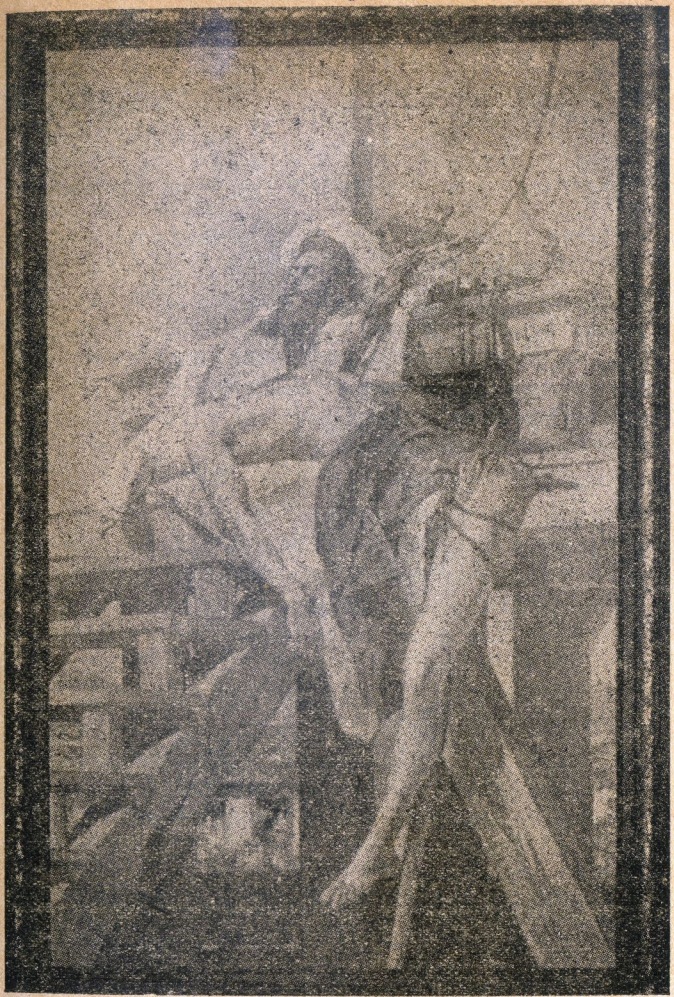
A INCONFIDÊNCIA MINEIRA 35
— Movimento de caráter maçônico. A bandeira maçônica dos Inconfidentes 35
— O encontro de José Joaquim da Maia com Thomas Jefferson 47
— A iniciativa de José Joaquim da Maia. Lutou pela libertação do Brasil antes de Tiradentes 60
— Auto Sumário de testemunhas mandado proceder pelo Governador e Capitão General da Capitania de Minas Gerais 61

AS VIAGENS DE ÁLVARES MACIEL 75
— Visita à Loja Grande Reunião Americana de Londres. 75

JOSÉ ÁLVARES MACIEL FUNDA LOJAS MAÇÔNICAS NO BRASIL 85

A INICIAÇÃO DE TIRADENTES NA MAÇONARIA 93
TIRADENTES FUNDA UMA LOJA MAÇÔNICA EM TIJUCO 101
TIJUCO FOCO DAS IDÉIAS REVOLUCIONÁRIAS 103
— Apoio da população à Maçonaria. A Inquisição atira às masmorras um maçon 103
— O Dr. Vieira Couto 104
— A iniciação do padre Rolim na Maçonaria 104
— A missão do maçon Vieira Couto 108
PORQUE OCULTAM A VERDADE? 109
— A Inconfidência Mineira, empreendimento maçônico. Informações categóricas, concludentes 109
— Sepultado com insígnias maçônicas 111
A BANDEIRA MAÇÔNICA DOS INCONFIDENTES 117
— O expressivo Triângulo 117
— Influência do Grande Oriente Francês 121
A CÔR DA BANDEIRA 125
— Está errada a Bandeira de Minas Gerais 125
— Inovação descabida. Minas Gerais com duas bandeiras 139
O MISTERIOSO EMBUÇADO 141
— Episódio inexplicado da Inconfidência Mineira 141
— Apavoradas as autoridades portuguêsas. O aparecimento do embuçado provoca novas inquirições 143
— Sumário da inquirição de testemunhas para averiguação do fato do aparecimento do embuçado 144
A PRISÃO DO MAÇON PADRE JOSÉ DA SILVA ROLIM.. 151
— O depoimento do Padre Rolim 152
— Auto de perguntas feitas ao Padre José da Silva de Oliveira Rolim 153
UM MAÇON DE GRANDE VALOR 171
— Álvares Maciel o intelectual da Inconfidência. Seu depoimento 171
— Auto de perguntas feitas a José Álvares Maciel 171
TRÊS FIGURAS MISTERIOSAS DA INCONFIDÊNCIA MINEIRA 183
— Maçons que escaparam dos suplícios impostos pelos portuguêses 183

— O Dr. José de Sá Bittencourt, colega de Álvares Maciel em Coimbra 184
A JUSTIÇA DE PORTUGAL 191
A BANDEIRA DE MINAS GERAIS 195
— Uma Comissão da Assembléia Estadual para estudar o assunto. Proposta do Deputado Hernâni Maia, baseando em um livro do autor dêste 195
BIBLIOGRAFIA 201



TIRADENTES ESQUARTEJADO — Impressionante quadro de Vitor Meireles, pertencente ao Museu de Mariano Procópio, em que vemos o Mártir da Inconfidência Mineira esquartejado, com a cabeça e uma perna separadas do corpo

"Da forca, onde padeceste a morte infamante reservada aos malfeitores, baixou à tua pátria o sonho republicano, que outras gerações tinham de ver consumado. Teu suplicio é um dos crimes da perseguição històricamente fatais aos perseguidores. A posteridade enflorou o teu cadafalso em altar; porque o vilipêndio da expiação, que te imolou, fêz da tua memória divinizada, a padroeira nacional do direito. Supliciado por uma idéia, deixaste de emblemar a figura especial dela, para te converteres em símbolo universal da inviolabilidade da opinião humana. Morto pela república, ó Tiradentes, és a lição imortal dada à república, da aversão ao sangue e à intolerância; és, perante a república, o advogado geral contra a vingança e a opressão. Vítima de um terror, passaste à posteridade como a condenação de todos os terrores. Tua história não afina com os cantos da guerra cruenta, mas com as imaculadas aspirações da liberdade, que floresce na paz. Se se erigisse um templo à Justiça, onde os tribunais se abrigassem da política, na frontaria dêsse templo, ó Tiradentes, seria o lugar para o teu nome". (Rui Barbosa — *Coletânea Literária*).

1) — Pois, com tôda essa constante e profícua atividade não faltava tempo ao alferes Joaquim José, para estudar os assuntos que êle entendia serem de interêsse para a sua terra. Tinha o que hoje denominamos e raramente encontramos: "espírito público".

Iniciado na Maçonaria, tomava parte nas reuniões desta, no Rio de Janeiro e pregava as suas doutrinas onde quer que se encontrasse.

(Augusto de Lima Junior, *História da Inconfidência Mineira,* página 106).

2) — Pretendeu, o alferes, ocultar-se por alguns dias, até que pudesse com as trevas da noite ganhar os matos, escapar-se para as Minas Gerais, onde haveria de, certamente, por em movimento a insurreição.

Para isso foi avistar-se com um seu amigo e talvez sócio de maçonaria, o capitão Joaquim de Sá Pinto do Rego Fortes, oficial da Legião de Voluntários Reais de São Paulo, a quem narrou as suas dificuldades e pediu auxílio em tão delicadas circunstâncias. Lembrou-se Rego Fortes de esconder o alferes numa fazenda de um seu amigo, o mestre de campo Inácio de Andrade Souto Maior Rendon, que possuia uma fazenda em Marapicú, de onde, com facilidade, Tiradentes poderia ganhar o caminho das Minas. Não é necessário muita argúcia, para que a gente desconfie de que nesses contatos e auxílios que se faziam ao Tiradentes, andava muito cautelosa a ação dos *"pedreiros"* do Rio de Janeiro".

(Ibidem, páginas 158).

3) — "Os movimentos de Minas em 1789, do Rio de Janeiro em 1794 e da Bahia em 1789, reconhece o grão mestre Mario Bhering, autoridade indiscutível na matéria, foram tratados no

seio das associações secretas e obedeceram à mesma orientação brasileira; o movimento de Pernambuco (1801-1817) foi ainda conseqüência do trabalho das lojas maçônicas, já espalhadas por todo o Brasil; e todos êsses movimentos se prepararam sob a orientação direta ou a influência dos centros emancipadores da América Espanhola, com o auxílio ou a simpatia dos Estados Unidos".

(Gustavo Barroso, *História Secreta do Brasil*, vol. I, páginas 258 e 259).

"A Maçonaria teve a maior parte das responsabilidades naqueles acontecimentos. Foi o sigilo maçônico a alma da revolução desde 1789; nos mistérios de sua catequese está a razão da coerência, da harmonia, da lógica, da facilidade com que se deslocou o Brasil sem comoções anárquicas, sem experiências temerárias, pela persuasão de uma elite ilustre do obscurantismo até a civilização liberal".

(Pedro Calmon, *História Social do Brasil*, vol. I, página 52).

A HISTÓRIA DA CONJURAÇÃO MINEIRA

"Conhece-se apenas a versão dos juízes, pois a publicidade era interdita, por isso que avaliava-se a fôrça dêsse poderoso registro; o processo tinha sido secreto e arbitrário, e o tribunal supremo gozava nesse caso das prerrogativas absolutas da Coroa".

(Charles Ribeyrolles, *Le Brésil Pittoresque, chapitre IV, la Conspiration des Mines*, página 76).

Ainda está por ser escrita, uma história veraz, de acôrdo com a realidade, da Conjuração Mineira.

E alguém a conseguirá escrever em seus pormenores, investigando as suas minudências e origens, o *espírito* incentivador dos seus promotores?

Parece-nos assaz difícil. Sobejam-nos razões para crer que jamais serão desvendados, inúmeros segredos da Conjuração Mineira.

Não resta dúvida, porém, de que muita coisa do que se tem publicado é mera fantasia ou falseação preconcebida, criminosa deturpação da verdade histórica.

A maior parte da documentação foi destruída, inclusive pelos conspiradores, a conselho de uma personagem misteriosa (1). Os algozes desumanos, feras crudelíssimas absurdamente

---

(1) O Tenente-coronel Antônio Xavier de Resende, ajudante de ordens, disse que a aparição do *homem embuçado* fôra em a noite de 18 para 19 de maio de 1789, e que o vulto entrando pelo quintal da casa do Dr. Cláudio Manuel da Costa o chamou, batendo na janela, para avisá-lo que o haviam de prender ou a alguns outros. *At. datado de Vila Rila a 13 de Janeiro, 90 Ap. 11, Dev. de M. G.*

Consta do *Sumário de testemunha*, do citado *Apensi*, a que mandou proceder em 11 de janeiro de 1790 o desembargador ouvidor da Comarca de Vila Rica, Pedro José Araújo de Saldanha, por ordem do V. de

a funcionar como juizes — adulteraram muitos depoimentos. Ademais disso, tal era o pavor que os dominava das chamadas idéias novas, da pregação democrática, dos princípios de dignificação do *Homem*, tamanho era nêles o terror infundido pelo fanatismo contra a maçonaria, que temiam até proferir a própria palavra.

A neutralidade de canhestra, a covardia avassalante das autoridades de então era de tal monta que, tão só por alguém ser maçon era o bastante para que o considerassem criminoso. Iam mais ridìculamente além: era suficiente — parece incrível! — alguém ter livros escritos em francês ou possuir a Constituição dos Estados Unidos, para que contra êle se voltasse a sanha sanguissedenta dos policiais, dos juízes reinóis.

Não exageramos. A leitura de um trecho de J. Norberto de Sousa e Silva confirma o que dissemos. Ei lo:

"A leitura das obras relativas à história da república americana e de suas leis, tornou-se a base da acusação para os seus apaixonados como o Dr. José Álvares Maciel e o cônego Luís Vieira da Silva. Tanta importância ligaram os juizes a essa espécie que a coleção das leis da nova república figura como corpo de delito nos autos da devassa inquirida na capitania de Minas Gerais.

Era o doutor José Álvares Maciel um dos alvos mais importantes para os juizes inquiridores. Encaravam-no como o introdutor das leis e da história da única nação livre que então existia na América, mas os indícios que existiam contra êle

---

Barbacena, que no dia 19 de maio contara o desembargador Gonzaga a Francisco de Paula, em viagem de Vila Rica para Mariana, que na manhã daquele dia, indo a sua casa o bacharel Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcelos lhe dera a notícia da aparição do vulto misterioso. De volta à Vila Rica relatou o mesmo tenente-coronel ao governador aquela novidade.

Chamado, porém, o Dr. Cláudio ao palácio, assegurou que fôra poucos dias depois da prisão de Gonzaga, a qual efetuou-se no dia 23 de maio. *Atestado do Ajudante de ordens* já citado.

Asseverou a preta fôrra Antônia da Costa, de nação Mina, maior de 50 anos, a qual morou em casa de Gonzaga, que fôra também depois da prisão do mesmo desembargador. O vulto, porém que ela viu, e cujo sexo não podia distinguir, o qual bateu à porta da casa em que

pecavam por fraquíssimos e atravessou bem os quatro interrogatórios que lhe fizeram na devassa de Minas (1049) e do Rio de Janeiro (1050). Negou que tivesse parte na sublevação, que fôsse um dos contemplados pelos conjurados para dar comêço as suas manufaturas pela sua instrução nesse ramo da indústria e mostrou que só uma vez tomara parte nas palestras da casa do seu cunhado (1051), as quais, não passavam de hipotética; contrariou objeções por meio de objeções (1052) *e quanto à pecha não só de possuir a história e leis da América como de compulsá-las e lê-las, defendeu-se alegando que as comprara em leilão entre outros livros e que ainda as possuía no Rio de Janeiro.*

(*História da Conjuração Mineira*, tomo II, página 144 e 145).

Eis outro trecho que nos permite julgar da mentalidade (??) retardatária, do asinismo dos juízes (?), refere-se ao depoimento do cônego Luís da Silva:

"A maneira por que decidiu-se o cônego a confessar o que lhe constava do levante bem patenteia o cansaço que se apo-

---

residia o desembargador, foi alí avisar a Luís Antônio de Freitas, que havia sido criado na casa do mesmo desembargador, por ser afilhado de seu pai, o qual achava-se então em casa de José Veríssimo, e pediu à preta que lhe fôsse dizer que se acautelasse e fugisse, pois o queriam prender, e que já nessa noite não dormisse em casa. Sumindo-se, foi parecer ao Dr. Cláudio, como se referiu José Veríssimo da Fonseca, escrivão de ouvidoria que morava paredes e meia com o Dr. Cláudio, de quem era amigo. Depôs o mesmo que logo que fôra preso o desembargador Gonzaga, e estando êle em certa noite em sua casa conversando com Manuel Fernandes Coelho e o capitão Luís Antônio de Freitas, assistente no caso do mesmo Gonzaga, bateram à porta, e disseram que desejavam falar ao referido capitão de Freitas, e saindo êste, voltou depois e contou-lhes que a preta fôrra Antônia, da casa do mesmo desembarcador, lhe fôra comunicar que naquele instante havia chegado um rebuçado, o qual lhe pediu que participasse à *família* daquele desembargador que fugisse porque seria prêso naquela noite. Achando-se êles nesta conversa, mandou-o chamar o Dr. Cláudio seu vizinho, e lhe conotu o caso da aparição do rebuçado. Perguntou-lhe o mesmo escrivão se o conhecera, respondeu-lhe o doutor que não, e que parecia ser aviso de algum inimigo que pretendia que êle fugisse só para torná-lo culpado de crimes que não tinha. Depôs mais o sobredito escrivão que chamado ao palácio pelo ajudante de V.

derara de sua alma, e a pouca importância que já ligava à existência (1061), e como ainda assim nenhuma culpa lhe acharam senão a de ter deixado de delatar, qual era do dever de todo e fiel vassalo e bom católico, disse o juiz que era êle o mais empenhado no levante por se instruir nas leis e govêrno da América inglêsa; por falar com muito gôsto e complacência no estabelecimento daquela república, no sucesso que os americanos intentaram, e mantinham na sua rebelião (1062), proferindo a respeito dêste continente, expressões sediciosas para excitar os nacionais ao levante e justificar a razão que poderiam encontrar para intentar aquela ação, as quais eram o assunto de suas práticas quotidianas com os sócios que estavam em Vila Rica, sem que falasse em outra qualquer matéria, pelo que chegava a produzir escândalo e aborrecimento aos fiéis vassalos (1063).

Não julgava o cônego um delito contra Portugal o gostar que os americanos triunfassem da Inglaterra (1064); *sòmente como homem instruído e aplicado lera a constituição da nova república, e nunca percebeu que alguém se escandalizasse com a sua conversa por não tocar em matéria que produzisse escândalo".*

(*História da Conjuração Mineira*, tomo II, pág. 148).

Simplesmente grotesco! Reflexo de irremovível estupidez! Tão só e só por ter a Constituição dos Estados Unidos ou por ter-lhe desejado a vitória contra a Inglaterra, homens respeitáveis eram acusados de conspiradores, de traidores.

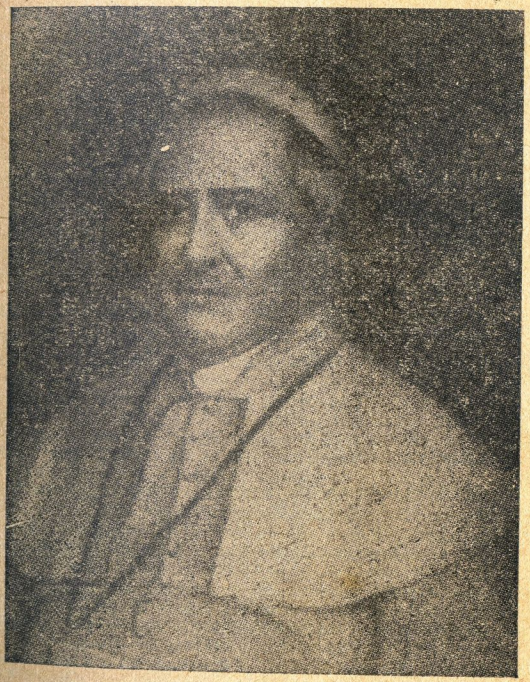
---

de Barbacena Antônio Xavier de Resende, narrara o sucedido, e o que êste lhe ordenara que indagasse da preta se tinha ou não reconhecido o rebuçado. Esta, porém, nunca lhe disse coisa alguma a êste respeito com certeza, e sòmente que lhe parecia ser uma mulher de fora da terra, moradora no arraial dos paulistas de Vila Rica sem que jamais lhe referisse o nome.

Manuel Fernandes, tesoureiro da Intendência, a quem se referiu o escrivão da ouvidoria, narrou o caso tal e qual, e acrescentou que José Veríssimo lhe contara que o Dr. Cláudio se assustara bastante com a aparição, e ficara temeroso, e que êle o animara persuadindo-o de que o aviso devia ser fábula, e não lhe desse crédito.

De que não resta dúvida é que o vulto apareceu na mesma noite

E o mais vergonhoso é que, em 1789, os inquisidores ainda falavam em rebelião dos Estados Unidos quando desde 3 de setembro de 1783 pelo Tratado de Paris, já a Inglaterra reconhecera a emancipação de sua antiga colônia.



Giovanni Ferreti Mastai (Pio IX). Foi mason. Pertenceu ao quadro da Loja Eterna Cadena, de Palermo. Em 1839, na Loja Fidelidade Germânica, de Nurenberg, sob o n.º 13.715, foi arquivada uma credencial fornecida ao Irmão Mastai pela Loja Perpétua, de Nápoles, segundo lemos em várias publicações

Outro fator ocasionante da deturpação da verdade histórica é o mêdo sem limites que a maioria dos nossos historiadores, sob o domínio da ignorância do assunto, têm da *Maçonaria*. Inconcebível! Desconhecem que, nos quadros da Maçonaria, já ingressaram centenas de elementos do clero, inclusive pelo menos, um Papa (2), vários cardeais, numerosos bispos e sacerdotes. Os incrédulos que leiam os livros notáveis pela sua sinceridade, do jesuíta J. Bertelloot, sobretudo os dois volumes de *La Franc-Maçonnerie et L'Eglise Catholique*.

---

ao Dr. Cláudio e à preta Antônia da Costa. Mas como é que ambos combinam em dizer que foi depois da prisão do desembargador Gonzaga se êste antes da sua prisão referiu o caso ao tenente-coronel Francisco de Paula em viagem de Vila Rica à Mariana? Sem dúvida apareceu o vulto antes a Gonzaga, e deu êste o caso como acontecido com o seu amigo Cláudio. Nem de outra maneira se explica tanta confusão de datas."

(J. Norberto de Souza e Silva, *História da Conjuração Mineira*, vol. II, páginas 305 a 307).

(2) Escrevemos às páginas 29 e 30 de *A Maçonaria e A Grandeza do Brasil*, o seguinte:

"Dentre os Papas, destacou-se pelo ódio anticristão contra a Maçonaria, Pio IX. Mostrou-se rancoroso contra a Instituição, depois de Papa. Pio IX chamava-se Giovanni Ferreti Mastai. Êle foi maçon, tendo pertencido ao quadro de obreiros da Loja Eterna Cadena, de Palermo, (Itália). Sob o número 13.715 foi arquivada, em 1893 na Loja Fidelidade Germânica, do Oriente de Nuremberg uma credencial de que foi portador o Irmão Giovanni Ferreti Mastai, devidamente autenticado com sêlo da Loja Perpétua, de Nápoles. Como Irmão, como maçon, Giovanni Ferreti Mastai, foi recebido na Loja Fidelidade Germânica.

O Irmão Ferreti, nasceu em 1792. Passou dois anos no Chile, servindo como secretário do vigário apostólico Muzzi; foi arcebispo de Spoleto em 1827, bispo de Imola em 1832 e foi elevado a cardeal, em 1840 e eleito Papa em 1846. Confrontando-se as datas, verifica-se que, em 1839, quando o Irmão Ferreti foi fraternalmente recebido em Loja Maçônico, na Alemanha, já era bispo. Ascendendo a Papa, Giovanni Ferreti Mastai traiu o seu juramento feito em Loja, com a mão sôbre a Bíblia e *honrou* a Maçonaria com o seu ódio culminando com a publicação, em 8 de dezembro de 1864, do Syllabus, e em que amontoou tôdas as bulas e encíclicas contra a Maçonaria, de que fizera parte.

A Loja Eterna Cadena, filiada à Grande Loja de Palermo, em 26 de março de 1846, considerando o procedimento condenável do Irmão Giovanni, resolveu expulsá-lo como traidor, depois de convocá-lo para defender-se.

Uns historiadores — e constituem a maioria — silenciam acêrca do papel predominante da Maçonaria na Inconfidência Mineira, nem ao menos aludem ao Triângulo da Bandeira, ao seu expressivo significado; alguns — e são pouquíssimos — falam em *iniciados*, dizem que Álvares Maciel era maçon, mais adiante inculcam-no como mentor do movimento, e como hirtos de pavor, detêm-se, fogem murcidamente de tirar a conclusão.

Se é preconceito do Divino Mestre, cultivar e cultuar a Verdade não é ato anti-religioso pretender ocultá-la ou, pior ainda, deturpá-la?

Assim, vem sendo balburdiada a história da Conjuração Mineira. Nesse tumultuar, há o propósito de falsear, de baralhar para confundir, para ludibriar, para ocultar que a Conjuração Mineira foi um movimento maçônico, idealizado por maçons brasileiros que estudavam no estrangeiro, onde se *iniciaram* e que procuraram o apoio de um país — os Estados Unidos — cujo Govêrno era integrado por maçons, isto é, por *Irmãos*, e solicitaram a intercessão de Irmão norte-americano, Thomas Jeffer-

---

Como se vê pelas datas, o traidor Giovanni Ferreti Mastai foi expulso da Maçonaria, quando já era Papa, com o título de Pio IX.

Aí temos um Papa expulso da Maçonaria por procedimento irregular, por traição.

Raymond Dior, à página 56 de *La Franc-Maçonnerie* (publicação feita por Crapouillot) escreveu o esguinte: "Os maçons sempre afirmaram que o Papa Pio IX foi iniciado na Maçonaria, o que explicaria o liberalismo dos primeiros anos do seu reinado.

"Não esqueçais, meus caros colegas, que os quatro últimos Reis de França eram maçons, *que o Papa Pio IX*, quando era cardeal e que participava de assembléias como maçon, declarava: "Eis o único lugar em que posso entender-me com outros homens que aceitam as mais diversas idéias, com o respeito que se deve conceder ao pensamento humano".

Discurso na Câmara dos Deputados, feito por Jammy Schmidt, em 28 de dezembro de 1935).

"Curiosa figura a do Papa Pio IX: Êle foi autêntico maçon... Vitor Hugo, em 23 de janeiro de 1848, pronunciou um inflamado discurso, em honra dêste *Papa da Revolução*". (*Les grandes Thèses Radicales*, por Jammy Schmidt, páginas 174 e 175).

O *Dictionnaire Larousse cita Pio IX como maçon*.

"Loquet, Presidente da Câmara, afirmou que o Pio IX era maçon, na sessão de 11 de dezembro de 1891, o que provocou grande tumulto..."

son, sabidamente maçon, pois que freqüentava Lojas na França, a exemplo do que fizera Benjamin Franklin (3).

É inadmissível considerar a *Inconfidência Mineira* apenas no seu momento, quando da sua descoberta. Cumpre pesquisar as suas origens e reconhecer tratar-se de um movimento libertador do Brasil, desopressor dos mineiros vilmente explorados pela cobiça insaciável da Metrópole, movimento com indiscutível influência das idéias oriundas da França, dos enciclopedistas, que eram maçons, arrancada para a liberdade, dirigida por maçons brasileiros e debatida e planejada em sessões maçônicas.

Não é apenas infantilidade e sim estultice, e sim obstinação decorrente de fanatismo, negar-se a reconhecer na Inconfidência Mineira, um empreendimento maçônico. É bastante atentar-se na sua bandeira, nos seus objetivos: *Liberdade, igualdade,* pela educação do Homem com a criação de sua universidade, e *Fraternidade,* pela união dos brasileiros em tôrno de um ideal supremo: a constituição de uma pátria livre.

É imprescindível considerar que: Alvares Maciel, Domingos Vidal Barbosa, José Joaquim da Maia e outros mais, tinham sido iniciados na Maçonaria, na Europa.

O Cônego Luís Vieira da Silva era grande ledor de livros franceses; nêle, era grande a influência de: Montesquieu, D'Alembert, Diderot, etc. Eduardo Frieiro, em um excelente estudo *"O Diabo" na Livraria do Cônego,* publicou o seguinte:

"Percorra-se, como viemos fazendo, a relação dos livros seqüestrados ao Cônego Luís Vieira da Silva no processo da Inconfidência. Veja-se como, entre êles, se achavam bem representadas a ciência política e a filosofia social da época. Lá estava Montesquieu, com as suas duas obras capitais, *L'Esprit des Lois* (talvez a obra mais importante do século dezoito) e

(3) Benjamin Franklin, apesar de norte-americano, foi Venerável da *Loge Neuf-Soeurs,* em que se iniciou Voltaire.

A Maçonaria da França e a dos Estados Unidos comungavam os mesmos anseios, eram impulsionadoras dos movimentos libertadores. (Veja-se: Bernard Fay, *L'Esprit Révolutionnaire en France et aux Etats Unis à la fin du XVIII Siècle,* Paris, 1925; J. H. Thatsch, *Free Masonry in the 13 Colonies,* Nova York 1919, e S. E. Mose, *Free Masonry in the American Revolution,* Washington, 1924.)

Grandeur e Decadence des Romains. Lá estava, também, outra obra muito lida na época, *Institutions Politiques*, em dois tomos, escrita pelo alemão Bierfiel, amigo do grande Frederico, e *La Science de Gouverner*, em oito volumes de Real. E chama particularmente a atenção, a presença da *Encyclopédie*, de Diderot e D'Alembert, máquina de guerra a serviço do espírito crítico e da incredulidade, movida por livres pensadores que almejaram subverter os fundamentos políticos e religiosos da sociedade".

Não há a negar, o Cônego Luís Vieira da Silva, era um espírito libérrimo, onde amadureceram as idéias dos enciclopedistas.

Muitos outros inconfidentes eram maçons e, como tal, empenharam-se na luta pela conquista da liberdade contra a tirania.

A França, o Grande foco de reação incontida contra a opressão, foi o ambiente propício, incentivador encontrado pelos nossos patrícios, para pensar na Liberdade do Brasil, para planejar a quebra dos grilhões que escravizavam os brasileiros, para fazer cessar a exploração ladravaz, a extorsão desbravada dos portuguêses contra os mineiros.

E tanto era assim que lá se realizou o encontro de Thomas Jefferson e José Joaquim da Maia, aliás ambos maçons.

E naquela época, cada Loja, na França — e lá existiam centenas (4) era um reduto vigoroso de pregação da Liberdade. Nas Lojas, planejava-se a Revolução Francesa. Milhares e milhares de franceses das mais altas camadas sociais integravam os quadros da Maçonaria.

Alguns historiadores, ao tratar da *Inconfidência Mineira*,

---

(4) Consulte-se: Gaston Martin, *La Franc-Maçonnerie Française et la Préparation de la Révolution;* Albert Lantoine, *La Franc-Maçonnerie chez Elle*, J. S. Findel, *Histoire de la Franc-Maçonnerie* (Tradução do alemão), Albert Lantoine, *Histoire de la Franc-Maçonnerie*, 3 volumes. Pouget de Saint-André, *Les Auteurs Cachés de la Révolution Française*, Daniel Mornet, *Les Origines Intelectuelles de la Revolution*, Maurice Colinon. *L'Eglise en Face de la Franc-Maçonnerie;* Roger Priouret, *La Franc-Maçonnerie sous le Lys*, Maurice Talmeyr, *La Franc-Maçonnerie et la Révolution Française;* L. Amiable, *La Franc-Maçonnerie et la Magistrature en France à la Veille de la Révolution*.

cometeram equívocos graves porque pretenderam adentrar na parte maçônica desconhecendo de todo em todo o assunto, dada a sua condição de *profano*. Foi o que ocorreu com o meu ilustre e erudito amigo Dr. Augusto de Lima Júnior.

À página 74 de *História da Inconfidência de Minas Gerais*, êle escreveu: "Andavam em moda (refere-se à França) as Lojas Iluminadas..." e mais adiante, na mesma página: "Mais tarde, conforme se verificou, *fundiram-se as instituições da maçonaria e a dos iluministas que, por volta dos fins do século dezoito, já constituiam uma mesma coisa*".

Que me desculpe o Mestre, mas contestamos as afirmações acima, que estão em absoluto desacôrdo com a Verdade histórica.

1.º — Inicialmente: O Iluminismo nunca esteve em moda na França, apesar dos esforços de Mirabeau, o seu maior propagador em território francês.

2.º — A Maçonaria e o Iluminismo jamais constituiram uma mesma coisa, ao contrário, foram grandes, fundamentais, os desacordos.

3.º — É inverídico que as duas instituições se fundiram nem seria possível. Houve sim um período como que de interpenetração, muitos iluminados se iniciaram na Maçonaria e muitos maçons nos Iluminados, o segundo caso graças ao trabalho de Mirabeau, Cagliostro e do alemão Bode.

ILUMINISMO E MAÇONARIA

Para esclarecer o que era o Iluminismo e a Maçonaria, vamos reproduzir aqui, o que publicamos da página 134 a 142, em nosso livro *Sociedades Secretas*, para que se veja os antagonismos entre as duas instituições e a impossibilidade de sua fusão:

"Os Iluminados da Baviera formaram uma seita fundada em 1771, por Adam Weishaupt, professor de direito canônico, na

Universidade de Iugustadt, na Baviera. (1) No último quartel do século XVIII e no primeiro do século XIX, a Seita dos Iluminados da Baviera conseguiu grande prestígio, atraindo centenas de adeptos.

Adam Weishaupt estudou com os Jesuítas "segundo um dos seus biógrafos, era um homem ilustrado e zeloso, que se desvelava pelo bem estar da sociedade e, por isso justamente, conquistou a malquerença dos discípulos de Loyola que, depois da supressão da Companhia (1773), tratavam de conseguir que cátedras de todos os grandes centros de ensino fôssem ocupadas por pessoas suas, inutilizando e afastando delas, os que não compartilhassem dos seus objetivos. Weishaupt, que não ignorava essa circunstância e o rumo que iam tomando as coisas, porque conhecia perfeitamente os princípios que sustentavam e os processos de que se valiam os seus adversários, pôs-se em guarda desde o primeiro momento e fêz armas de sua posição de catedrático e da reputação que havia adquirido para poder formar poderoso partido a fim de desfazer os ocultos trabalhos dos estatutos dos soldados de Loyola. Assim, pois, depois de terminadas as conferências da cátedra, sob o pretexto de uma recordação, reunia em secreto os alunos e aí, às claras, lhes expunha os resultados de suas investigações filosóficas, recomendava-lhes a leitura de Bayle e de outros autores da mesma escola e os induzia a ser atentos observadores dos acontecimentos da época, com espírito de crítica. Recomendava-lhes constantemente grande reserva e circunspecção, prometia-lhes um grau muito mais elevado ainda de luzes. Com o transcurso do tempo, êsse clube de estudantes foi tomando grande desenvolvimento e estendeu-se por diversas cidades. Eichstdaet e Munich contaram com instituições semelhantes e, adaptando-as às formas maçônicas, deram-lhe uma organização determinada.

Dêste modo, constituiu-se a célebre sociedade secreta dos Iluminados". — (*Diccionario Enciclopédico de la Masoneria*, vol. II, 1434).

---

1) Vide *Diccionario Enciclopédico de la Masoneria*, vol. I, página 422 e vol. II 1934 — R. de Forestier, *Les Illuminés de Baviera et a F. M. Allemande*, París, 1914.

TEORIA DE WEISHAUPT

Adam Weishaupt era um infatigável estudioso, dotado de notável cultura. O estudo do Maniqueísmo (2) e da filosofia daquela época levaram-no a conclusões interessantes, em busca de meios para minorar os males que causavam à humanidade, a superstição e a ignorância.

"Adam Weishaupt, negava a legitimidade política e religiosa, julgando que o melhor meio para alcançar resultados a que se propunha era cercar os príncipes de pessoas idôneas, capazes de dirigí-los com os seus sábios conselhos, induzindo-os a confiar o exercício da autoridade em mãos de homens de provada pureza e retidão."

Weishaupt expôs uma doutrina segundo a qual, *"a Liberdade e a igualdade* são direitos essenciais que o homem em sua perfeição original e primitiva recebeu da natureza":

Com um critério personalíssimo, Weishaupt considerou que "o primeiro atentado contra a igualdade foi desferido pela propriedade e que o primeiro atentado à liberdade foi levado a efeito pelas sociedades políticas ou governos e que os únicos apoios da propriedade e dos governos eram as leis religiosas e políticas. Portanto, para reintegrar o homem na plenitude dos seus direitos primitivos, é necessário começar por destruir tôda a religião, tôda a sociedade civil e acabar por abolir a propriedade".

Como se vê, a concepção de Weishaupt era extremada, impraticável, inaceitável. Êle pretendia fazer uma transformação radical, completa, fundamental na organização da sociedade.

PRINCÍPIOS DIVERGENTES DA MAÇONARIA

Do exposto acima, conclui que a Seita dos Iluminados da Baviera nada tinha com a Maçonaria. Entre as duas, havia pontos de vista não só divergentes, como antagônicos.

---

2) "Maniqueísmo, seita gnóstica-cristã fundada no século III, que se baseava na existência de dois princípios eternos e absolutos: o bem e o mal, em perpétua pugna entre si". (Vox *Diccionario General Ilustrado de la Lengua Española*, 1054, Publicaciones y ediciones Spes, Barcelona, 1953).

A Maçonaria sempre considerou a existência de um Ser Supremo, Deus, e combateu, portanto, o ateísmo; ao passo que Weishaupt pretendia destruir tôdas as religiões, propósito absurdo, de vez que o homem não pode viver dignamente sem uma religião, sem crer em um Ser Supremo.

A Maçonaria não é anti-religiosa. Não é sectária, não adota esta ou aquela religião, justamente para que da adoção de uma não resulte o combate às demais. O que tem acontecido, no decurso dos tempos, é justamente o contrário, a Maçonaria ser combatida por algumas religiões, sobretudo pelo catolicismo.

A Maçonaria considera legítimo o direito de propriedade, tanto que é contra as usurpações. Ela é contrária, isto sim, à retenção de bens conservados improdutivos, quando o seu aproveitamento poderia redundar em benefício para a Humanidade.

INICIAÇÃO DE WEISHAUPT NA MAÇONARIA

Weishaupt criou um simbolismo curioso e êle passou a assinar Spartacus.

Em 1778, Weishaupt travou conhecimento com o barão de Knigge, maçon e também pertencente à Estrita Observância, onde alcançara altos graus.

O Barão de Knigge era figura de renome, estudioso autor de vários trabalhos sôbre assuntos filosóficos, que lhe asseguravam grande prestígio intelectual. Homem cheio de entusiasmo pelas questões espirituais, o barão de Knigge fê-se partidário da Seita dos Iluminados da Baviera. Convenceu Adam Weishaupt a ingressar na Maçonaria, fazendo-lhe ver que, através das Lojas, poderia expor as suas idéias e difundí-las. Foi assim que Weishaupt entrou para Maçonaria, tendo sido iniciado em 1777, na *Loja Teodora do Bom Conselho*.

ORGANIZAÇÃO DOS ILUMINADOS

Contando com o Barão de Knigge, com Mery e Massenhausen, todos homens de valor e relêvo na sociedade e já conhe-

cedor da Maçonaria, Adam Weishaupt resolveu organizar em definitivo, a sua Seita. Copiou muita coisa da Maçonaria.

Weishaupt dividiu a seita em três classes, através das quais distribuiu treze graus.

A primeira classe era de *Formação* e compreendia os graus de: *Preparatório, Novício Minerval, Iluminado Menor e Iluminado Maior.*

A segunda classe denominava-se *Maçonaria,* e compreendia duas partes: *Simbólica,* com os graus maçônicos: *Aprendiz, Companheiro e Mestre;* e *Escocesa,* com os graus *Iluminado Maior* e *Iluminado Dirigente.* (3)

A terceira classe denominava-se *Mistérios* e comprendia dois grupos: *Menores* e *Maiores;* no primeiro, havia os graus. *Epopt* ou *Sacerdote Iluminado* e de *Regente* ou *Príncipe Iluminado;* e, no segundo, *Mago e Rei.*

À proporção que os adeptos se elevavam na hierarquia, iam inteirando-se dos objetivos da sociedade. A Classe *Mistérios* compreendia os estudos filosóficos de acôrdo com a concepção de Weishaupt.

O *Iluminado Menor* prestava juramento de absoluta obediência aos seus superiores. Expunham-lhe a doutrina da instituição: fazer da Humanidade um só corpo governado pelos superiores.

O *Iluminado Dirigente* prometia lutar contra a superstição, a maledicência e a tirania e devotar-se à virtude, à sabedoria, e à liberdade.

No grau de Sacerdote, o adepto inteirava-se mais ainda da doutrina da ordem. "Faziam-lhe ver que o melhor meio de desvencilhar-se de dirigentes descriteriosos era, por meio de uma sociedade secreta, apoderar-se de todos os poderes do Estado. Príncipes e padres deviam ser exterminados. O patriotismo devia ser substituído pelo cosmopolitismo". (4)

Os Iluminados tratavam-se por *Irmãos.* Os portadores de

---

3) Alguns autores indicam, ao revés disso, os graus: *Iluminado Menor e Iluminado Maior.*

4) J. H. Lepper, *Les Sociétés de l'Antiquité, à nos jours,* 121.

graus elevados usavam pseudônimos históricos. Weishaupt, assinava *Spartacus*, o Barão de Knigge era *Philon*, o Juiz Zwackh era *Catão*.

Para êles, Baviera denominava-se *Grécia* e Munich era *Atenas*.

AS INICIAÇÕES

A Seita dos Iluminados da Baviera era iniciática também. Todos os seus membros assumiam o compromisso de fazer propaganda da Ordem e de procurar conquistar novos adeptos. "Quando um Iluminado encontrava um homem capaz de ser útil à Ordem, colhia informações sôbre êle e enviava um relatório aos seus superiores. Os superiores respondiam se o indicado podia ser candidato. Se era afirmativa a resposta, faziam uma sindicância rigorosa em tôrno do profano.

O candidato era, então, preparado para a *cerimônia de iniciação*, durante vários dias, passava em rigoroso jejum. No dia da iniciação, completamente desnudo, o iniciando era introduzido na sala. Defrontava os futuros Irmãos inteiramente cobertos com um balandrau e capuz. Era submetido a rigoroso interrogatório, com que investigavam os seus sentimentos, as suas idéias e sua cultura e inqueriam-no acêrca dos objetivos que impeliam a ingressar na Ordem.

Se fôssem satisfatórias as respostas, havia uma votação para decidir da aceitação ou não do candidato. No primeiro caso, era proclamado Irmão e recebia as primeiras instruções do grau de Novício. No caso contrário, era retirado da sala.

A ascenção ao segundo grau dependia de aprovação em exame sôbre as ciências físico-matemáticas e morais e de haver demonstrado interêsse pela prosperidade da Ordem.

CONQUISTA DE ADEPTOS

Organizada a sociedade e já contando com cêrca de oitocentos adeptos, Weishaupt e o Barão de Knigge resolveram encetar intensa campanha através da Alemanha, para a conquista de novos adeptos. O Barão de Knigge foi desenvolver

atividade no Norte da Alemanha e Weishaupt tratou do Centro. Como ambos eram maçons, entravam logo em contacto, através das Lojas, com os maçons locais.

Em 16 de julho de 1782, celebrou-se em Wilhelmstadt, cidade do Grão-Ducado de Hesse-Darmestad, importante reunião de maçons (Convento), presidida pelo Duque Fernando de Brunswich.

Congregaram-se numerosos maçons. Weishaupt e o Barão de Knigge, também compareceram e conseguiram a adesão de elevada quantidade de maçons. Foi a fase de esplendor dos Iluminados, esplendor tão grande que vários elementos do clero, ingressaram nela, apesar dos seus princípios anti-religiosos. "Os Arquivos da ordem e outros documentos provam isso, podendo citar-se entre grande número de sacerdotes, o prelado Hoeslein, vice-presidente do Conselho Espiritual de Munich e o bispo de Kherson". (5)

Tal foi o desenvolvimento e o prestígio dos Iluminados na Baviera que chegaram a ocupar quase todos os cargos e empregos importantes daquele reino, onde predominava o catolicismo.

REAÇÃO DA MAÇONARIA

Surgiram sérias, seríssimas divergências entre a Maçonaria e o Iluminismo, sobretudo no concernente à questão religiosa e ao lado moral. A Maçonaria não admitia combate à religião e era rígida nos seus princípios morais, o que não ocorria com o Iluminismo.

A famosa Loja alemã *Três Globos*, (6) divulgou uma circular em que declarava que "excluiria da ordem, tôdas as Lojas que degradassem os princípios da Maçonaria, introduzindo nelas o Iluminismo".

---

5) *Diccionario Enciclopédico de la Masoneria*. vol. I 423.
6) A Loja Três Globos foi a primeira fundada na Prússia, data de 23 de setembro de 1746. Foi instalada por iniciativa de maçons franceses. Foi elevada por Frederico II à Real Grande Loja Mãe, em 27 de junho de 1747. Frederico II foivenerável dela.

Em outra circular, foi proibido o ingresso nas Lojas iluministas.

Apesar da existência de documento sôbre o assunto, há pessoas, que, por ignorância ou por má fé, ou pelas duas coisas, afirmam que o Iluminismo era um ramo da Maçonaria ou que a primeira sempre contou com o apoio da segunda.

DISSOLUÇÃO DOS ILUMINADOS, WEISHAUPT CONDENADO À MORTE

A doutrinação feita pelos Iluminados, o seu extraordinário dseenvolvimento e a conquista de posições e empregos no govêrno despertaram inveja, provocaram reação.

Para agravar a situação, quando *iluminados* atraíçoaram a Ordem, denunciando-a às autoridades, declarando que: "os membros da instituição detestavam os príncipes e os sacerdotes, que faziam apologia do suicídio; que repeliam tôda idéia religiosa e ameaçavam vingar-se de todos os que traíssem, que aspiravam a apoderar-se de todos os empregos, que pretendiam reduzir os príncipes à mais triste condição, transformando-os em seus escravos; aceitavam o projeto de livrar o poder dos príncipes, dos sacerdotes e dos nobres, estabelecendo a igualdad de condições, fazendo os homens livres e venturosos".

Em consqüência dessa denúncia, Weishaupt foi destituído de sua cátedra na Universidade.

No ano seguinte, o govêrno conseguiu apoderar-se dos arquivos dos Iluminados da Baviera. O exame dos documentos provou a culpabilidade de alguns membros da Ordem, alguns de seus objetivos e processos foram reputados ilegais e atentatórios à moral. Foi reconhecido que os príncipes culpados eram elementos isolados, mas foi movido um processo contra a Sociedade e Weishaupt considerado o principal responsável.

Weishaupt foi sumàriamente julgado e condenado à morte.

Avisado com antecedência, do risco que corria, Weishaupt conseguiu fugir, indo abrigar-se em Rastibona. Foi pedida a extradição do acusado. O Regente não queria negar a extradição nem prender Weishaupt, cuja evasão resolveu facilitar.

Os Iluminados trabalhavam incessantemente pelo seu chefe e ajudaram-no a ir refugiar-se no principado de Saxônia-Gotha, onde foi festivamente acolhido pelo príncipe, que o nomeou seu conselheiro particular.

"Adam Weishaupt reiteradas vêzes solicitou que o seu caso fôsse encaminhado aos tribunais, a fim de que fôssem tornadas públicas as imputações falsas que se lhe faziam e à sua reputação, demonstrando os manejos dos jesuítas para afastá-lo da cátedra."

Apesar das insistentes solicitações Weishaupt nunca foi atendido.

Em 18 de novembro de 1830, Weishaupt morreu em Gotha, aos 83 anos.

Os Iluminados da Baviera, apesar de tôdas as perseguições, sobreviveram, disseminando-se através da Rússia, Inglaterra e da França.

Presume-se que, ainda hoje, um grupo mantém em atividade, a Ordem dos Iluminados da Baviera."

O NOSSO TRABALHO

Só compreendemos a História como um conjunto de investigações que nos levam a uma conclusão. E essa conclusão deve ser imperiosamente de acôrdo com a *Verdade*. Bem reconhecemos que, por vêzes, um que outro fator conduz o pesquisador por caminhos tortuosos e, involuntàriamente, êle chega a resultados que não coincidem com a realidade. Se lhe apontam um equívoco, cabe, honestamente, retroceder, modificar a sua opinião e ajuntar-se à verdade.

Lamentàvelmente há falsos historiadores, mistificadores profissionais que não se envergonham de, com plena consciência, divulgar mentiralhas. Êles se acovardam e fogem das conseqüências que a divulgação de episódios verdadeiros possam ocasionar e preferem acomodar-se no papel criminoso de falsear a História.

Daí, a deturpação da história do Brasil, o amontoado de falsidades que ela contém e que procuramos rebater documentadamente, com o nosso livro — A Maçonaria e A Grandeza do Brasil. (1)

Ao escrever a *Maçonaria e a Inconfidência Mineira*, assumimos o compromisso formal com a nossa consciência de não trair a nossa missão de escritor, de não perjurar o nosso culto à Verdade. Pesquisamos documentos brasileiros e buscamos colhêr na França, elementos que nos conduzissem à realidade dos grandes episódios em prol da emancipação do Brasil. Chegamos a uma conclusão e, com Honestidade, ninguém poderá chegar a outra:

---

(1) Saiu a 2.ª edição em 2 grossos volumes, com cêrca de 800 páginas, muito ilustrados e com farta e incontraditável documentação.

A INCONFIDÊNCIA MINEIRA É INQUESTIONÀVELMENTE MOVIMENTO DE CARÁTER MAÇÔNICO, PROMOVIDO POR MAÇONS E DE ACÔRDO COM OS PRINCÍPIOS ELEVADOS DA MAÇONARIA: LUTA PELA LIBERDADE, IGUALDADE E FRATERNIDADE.

Como só tememos a mentira e pela verdade não trepidamos em realizar quantos sacrifícios as contingências nos imponham, apresentamos o estudo da Inconfidência Mineira sob um aspecto assaz diverso daquele por que fizeram outros autores.

Que nos apontem os desacertos e, de boa mente aceitaremos as corrigendas, desde que apoiadas em documentos válidos e indiscutíveis, jamais nos dominou o temor de modificar a nossa opinião, desde que para melhor, desde que a nossa nova atitude fôsse condizente com a Verdade. Não nos consideramos infalíveis, nem admitimos a infalibilidade no Homem, nem mesmo quando eleito Papa, porque êle não perde a sua condição humana.

Que os mais sabedores, mais que cultuem a Verdade, nos corrijam. Que os Honestos, que os sinceros opinem sôbre o nosso trabalho.

*
* *

Nas cópias dos *Autos das Devassas*, reproduzimos os textos originais, com os seus desacertos de grafia, frases confusas, solecismos, etc.

A INCONFIDÊNCIA MINEIRA

MOVIMENTO DE CARÁTER MAÇÔNICO — A BANDEIRA MAÇÔNICA DOS INCONFIDENTES

"... o Tiradentes, Alvarenga e Francisco de Paula, libertariam a pátria por isso que eram *mazombos* (*mações*). "Vinha o jovem Maciel de países livres, onde adquirira rara instrução e *onde fôra iniciado nos mistérios da Maçonaria*. (Joaquim Norberto de Souza Lima, *História da Conjuração Mineira*, Volume I, página 81).

"A Inconfidência de Minas tinha sido dirigida pela maçonaria. Tiradentes e quase todos os conjurados eram pedreiros-livres". (Dr. Felício dos Santos, *Memórias do Distrito Diamantino da Comarca do Sêrro Frio*, página 253).

"... o Tiradentes, Alvarenga e Francisco de Paula libertariam a pátria por isso que eram *mazombos* (maçons) ..." (Ibidem, página 137).

A Maçonaria entrou em cena na Inconfidência Mineira. (Gustavo Barroso, *História Secreta do Brasil*, volume I, página 172).

"José Alvares Maciel filiara-se à Maçonaria na França" (Lúcio José dos Santos, *A Inconfidência Mineira*, pág. 89).

"Quanto à própria confissão dos réus, aplainaram os confessores as dificuldades, que não venceram os juízes com suas

instâncias e até promessas; e o cansaço, produzido pelo largo tempo de permanência na prisão, acabou por triunfar da resistência dessas almas que, à exceção da de Gonzaga, não tinham sido moldadas pelo estoicismo espartano.

Revolta-se o verdadeiro crente ao ver como se abusou sacrilegamente da religião para aconselhar aos réus por intermédio de seus confessores! *Foram assim levados a dizer os seus delitos como se a confissão instituída por Jesus Cristo, segundo as palavras de São João Evangelista e tornada obrigatória pelo Concílio de Latrão, tivesse por fim auxiliar a justiça nas dificuldades de seus interrogatórios jurídicos! Não passavam êstes confessores de frades franciscanos, segundo a missão herdada por êles dos jesuítas, a qual consistia em andarem pelas prisões e cadafalsos, exortando e aconselhando. Um dos réus, que mais lutara com a má vontade de seus juízes, e que por vêzes reclamara pela inversão dada às suas respostas, patenteou claramente aos ministros da devassa a influência que exerceram sôbre a sua consciência os confessores que se introduziam nas prisões aconselhando e obrigando-os a expor a verdade e os seus juízes não se recusarem escrever o seu protesto no auto das perguntas, o que prova que havia para isso todo o fundamento. Foi frei Raimundo de Penaforte um dêsses frades, e a sua confissão que nem uma dúvida deixa a êsse respeito, corrobora o protesto do infeliz coronel Francisco Antonio. E procedia-se assim quando ao mesmo tempo apreendia o fisco a um dos presos as suas Horas Marianas, única distração inocente, e salutar recreio de um miserável seqüestrado à sociedade, para entregá-las ao martelo da hasta pública.*"

(J. Norberto de Sousa e Silva, *História da Conjuração Mineira*, volume II, página 123 e 124)

Segundo Amiable, (*Une Loge Maçonnique d'Avante*, 1789, página 9), foi pouco mais ou menos em 1725 (1), que a primeira Loja Maçônica foi instalada em Paris, por um grupo de inglê-

(1) Essa Loja denominava-se *Au Louis d'Argent*. Ela teria sido fundada em 12 de dezembro pelo Lord Derwentwater.
Lorde Derwentwater chamava-se Charles Radcliffe, filho de Ed-

ses. Quando Luís de Pardaillan de Gondrin, duque d'Antin foi eleito seu Grão Mestre, a Maçonaria Francesa entrou em fase de extraordinário desenvolvimento: "Havia lojas em Paris e várias nas províncias, sendo que nada menos de sete em Ruão." (2)

Com a morte do Duque d'Antin, a Maçonaria francesa entrou em declínio, que culminou com a dissolução da Grande Loja em 1769. (3)

Em 16 de julho de 1771 morreu em Versalhes, o Conde Clermont, Grão Mestre da Maçonaria francesa. (4)

Em 17 de dezembro de 1771, "foi decidida a criação de vinte e dois grandes inspetores provinciais, encarregados de visitar

---

ward Rachiffe, casado com uma filha natural de Charles II e da famosa atriz Mary Davies. Era irmão de James Radcliffe, que foi decapitado em 24 de junho de 1718. Partidário exaltado dos Stuarts, Lord Derwentwater acompanhou-os à Franca, onde tratou de fundar uma Loja tendo, para tanto contado com James Hector Maclean e de André Michel Ramsay. Imprudentemente, Lord Derwentwater foi à Inglaterra. Prenderam-no e, em 19 de dezembro de 1746, êle foi decapitado (Vide Albert Lantoine, *La Franc-Maçonnerie Ecossaise en France*, página 72, Émile Nourry Éditeur, Paris, 1930).

(2) Gaston Martin. *La Franc-Maçonnerie Française et la Préparations de la Révolution*, página 11.

Albert Lantoine à página 54 de *La Franc-Maçonnerie-Française chez elle*. indica também o ano de 1725, louvando-se em Jerônime Lalande. Venerável da *Loge Neuf Soeurs*, que tal declarou em *Mémoire Historique sur la Maçonnerie*, a que o grande Oriente da França deu caráter oficial.

(3) Vide Albert Lantoine, *Histoire de la Maçonnerie Française*, 3 volumes. Louis de Pardaillan de Gondrin, duque d'Epernon, depois duque d'Antin, nasceu em novembro de 1707. Tinha 31 anos quando foi eleito Grão-Mestre. Aos 20 anos, foi comandante do Regimento da Real Marinha e marido de Françoise Gilonne de Montmorency — Luxembourg...".

(Albert Lantoine, *Histoire de la Franc-Maçonnerie Française*, páginas 32 e 33).

(4) "O corpo do Conde Clermont foi transportado para o Hotel Roquette, onde se realizou um serviço religioso dirigido pelo Vigário de S. Marguerite e pelo Monsenhor Louis de Conzié, bispo d'Arras". (J. Berteloot *La Franc-Maçonnerie et l'Église Catholique, Motif, de Condemnation*, página 82).

Bons tempos em que os Bispos oficiavam nas solenidades fúnebres dos grão mestres.

tôdas as lojas do Reino, de manter a execução dos regulamentos e foram adotadas outras providências para reorganizar a Grande Loja. (5)

Houve então, um surto de excepcional desenvolvimento. Em 1775, já a França contava com 104 lojas, das quais 23 em Paris, 71 nas províncias, 10 lojas militares e mais 45 em organização. Em 1789, existiam na França, mais de 629 lojas maçônicas assim distribuídas: 65 em Paris, 442 nas províncias, 38 nas colônias, 69 ligadas aos corpos militares e 17 em países estrangeiros.

Em 1789, havia mais de 600 Lojas regulares na França, das quais 65 em Paris, 442 nas províncias, 39 nas colônias, 67 nos regimentos e dezesseis no exterior. (Gaston Martin, *Manuel d'Histoire de la Franc-Maçonnerie Française* pág. 113 e seguintes, Paris, 1934).

Daniel Mornet é mais preciso. Declarou: "Em 1789, o número devia ter sido de 629 Lojas e mais 59 que tinham apenas existência teórica". (*Origines Intellectuelles de la Révolution Française*, pág. 360, Librairie Armand Colin, Paris, 1954).

De igual opinião é N. Deschamps, em *Les Societés Secrètes et la Société ou Philosophie Contemporaine*, vol. II, pág. 19, Avinhão P. Oudin, 1881.

A Maçonaria lutava intimoratamente pela Liberdade, Igualdade e Fraternidade, combatia a exploração do Homem pelo homem, batia-se pela dignificação do Homem, a fim de que a todos fôssem concedidos direitos iguais, empenhava-se para que se fizesse Justiça sem distinção de classe social, para que o bem estar, o direito de viver feliz não fôsse privilégio dêste ou daquele grupo, em detrimento de outros, para que fôsse reconhecido como sagrado, o direito de pensar, para que a Liberdade não fôsse apanágio desta ou daquela classe e sim um direito de todo ser humano, desde que de tal seja merecedor.

Como declarou Gaston Martin, "a Maçonaria representa, então, o escol intelectual e moral da nação.

A família real estava representada nela pelo seu Grão Mestre, o duque de Orleans; a nobreza forneceu um contingente im-

(5) Ragon *Orthodoxie Maçonnique*, página 68.

portante e o clero também." (*La Franc-Maçonnerie Française et la Preparation de la Révolution*, página 28).

Nada menos de 27 veneráveis de lojas maçônicas eram sacerdotes católicos, dos quais 5 em París e 22 nas províncias. (6)

---

(6) Vide Amiable, *Une Loge Maçonique d'avant* 1789, página 37.

"Em 23 de novembro de 1783, reuniu-se a Loja *Vraie Vertu* de Annonay e consta dos seus arquivos o seguinte. "*Deliberé que le frére secrétaire adressera une planche d'initiation aux frères de la Loge Vraie Vertu pour qu'ils fassent la faveur à la loge d'"assister aux travaux secs et humides qui y seront célebrés a la fête de Saint Jean l'hiver prochain, et à la Messe des Recollets qui precedera les travaux.*"

"Em 1783, o grão mestre provincial constituiu em Mons, uma loja, *Les Amis Thérésiens*, exclusivamente composta de eclesiásticos."

(J. Berteloot, jesuíta, *Les Francs-Maçons devante l'histoire*, página 236).

"Em 1800, em Niort, o padre Brédier, vigário de S. André, que era maçon, mandou distribuir com os seus paroquianos, pão bento ornado com insignias maçônicas"

(Ibidem, página 236).

"Em 11 de agôsto de 1788 os R.R. P.P. Récollets de Bordéus, organizaram festas para a canonização de um santo. Faltaram-lhes os meios de iluminação. Dirigiram-se aos maçõns da localidade que gentilmente, lhes emprestaram os lustres de sua loja *La Française*".

(Ibidem, página 231).

"Com freqüência, os membros do clero, tanto regular com secular, usavam as insignias maçônicas sôbre a batina.

Em geral, as lojas consideravam o sacerdócio uma iniciação suficiente e admitiam os padres sem fazê-los passar pelas provas tradicionais".

(Ibidem, página 229).

As informações acima são fornecidas por um padre jesuíta, ainda vivo em gozo pleno de suas regalias sacerdotais.

(Ibidem, página 229).

O Marechal Magnan foi, em 1862, Grão-Mestre da Maçonaria Francesa. Quando êle morreu, ainda como ocupante do cargo, as suas exéquias foram celebradas na Notre-Dame de Paris, oficiou como celebrante, o monsenhor Darboy, que concedeu absolvição ao morto e benzeu o caixão, sôbre o qual estavam as insígnas do marechal Magnan, inclusive as de Grão-Mestre da Maçonaria Francesa.

Como se vê, a solenidade das exéquias de um Grão-Mestre com as insígnias maçônicas em lugar de realce, em cima do caixão foi celebrada na, famosa Igreja Notre-Dame de Paris!...

"Em 1782, a Loja L'*Amitié à l'Epreuve*, do Oriente de Narbona, era composta unicamente de elementos do clero.

(Paul Naudon, *Les Origines, Religieuses et Corporatives de la Franc-Maçonnerie*, página 221 (Dervy, Paris, 1953).

Êstes sacerdotes maçons não eram certamente da mesma formação moral de François Joachin de Bernis, arcebispo de Albi e Ministro de Relações Exteriores de Luiz X e embaixador em Veneza, que escreveu:

Rions des precéptes sauvages
De nos censeurs trop rigoureux
Nous serons toujours assez sages
Si nous sommes heureux.

ou do tipo de Abade de la Chaise, vitorioso em um concurso aberto pela Academia de Inscrições, para melhor dissertação sôbre os atributos de Vênus.

Ou semêlhante ao bispo de Choisy que "sempre se ressentiu da educação excessivamente afeminada recebida". (7)

Havia rigorosa seleção. Prevalecia a doutrina de que o Maçon é um homem livre e que não é livre quem depende de outro para manter a sua vida material. Só era aceito, quem dispusesse de conhecimentos intelectuais que permitissem compreender tôda a grandiosidade de Maçonaria.

Os maiores intelectuais de então ingressaram na Maçonaria: J. Jacques Rousseau, Diderot, Voltaire (8), d'Alembert, Laplace, e tantos outros foram maçons.

---

(7) Vide J. Berteloot, *op. cit.* 90 e 91 — Berteloot é jesuíta, portanto, insuspeito.

"Il conserva tant qu'il put cette impertinence habitualle de s'habiller em femme et l'on sait toutes les folies qu'il fut sous ces ajustements"

(D'Argruson, *Mémoires*, página 232).

(8) Adelino de Figueiredo Lima, às páginas, 203 e 204 de seu magnífico livro *Nos Bastidores do Mistério*, assim descreveu a iniciação de Voltaire. A iniciação de Voltaire prendeu por muito tempo as atenções de todo o mundo maçônico.

"Nela se fizeram representar a Imperatriz Catarina da Rússia e o Rei Frederico II, por meio de Embaixadas especiais das maiores notabilidades dos seus Estados: a Inglaterra, a Itália, e o Novo Mundo pelo grande Benjamin Franklin que foi, aliás, conjuntamente com Court de Gebelin, o proponente do candidato para a loja "Nove Irmãs". La estavam também as damas da alta nobreza com os estandartes das Lojas "Felicitárias" e "4 Ninfas da Rosa", do Rito de Adoção, e as

Quando Voltaire se iniciou na *Loge Neuf Soeurs*, havia nela, apenas dois eclesiásticos. No dia seguinte, mais de onze solicitaram ingresso! (Vide Amiable, *La Respectable Loge des Neuf Soeurs*, página 9).

A Maçonaria, na França, no último quartel do século XVIII, como que despertava a consciência, traçava novos destinos para o Homem, fazia-o compreender que tinha direitos que lhe não poderiam ser postergados. A Maçonaria tornara-se um centro

---

ouais, por atenção tôda especial foi dado lugar de honra do Oriente da Oficina.

A Loja "Nove Irmãs", fundada pelo grande astrônomo Lalande era uma espécie de santuário parisiense onde pontificavam além do seu fundador, o filósofo Diderot, o químico Fourcroy, o físico americano Benjamin Franklin, os geômetras, Laplace e D'Alembert, os naturalistas Daubenton e Lamarck, o grande matemático e filósofo Condorcet, e todo um mundo de poetas, escritores e artistas da França, da Inglaterra da Alemanha, da Itália. Só faltava mesmo o grande demolidor de preconceitos Maria Arouet — Voltaire. Franklin e Court de Gebelin foram encarregados de o levar.

E foi nessa memorável noite, quando a Loja "Nove Irmãs" regorgitava do mais seleto auditório de todos quantos até ali se haviam reunido numa loja Maçônica de França, que Voltaire, pelo braço dos seus proponentes, deu entrada no Templo sob uma chuva de frenéticos aplausos indo sentar-se numa grande cadeira de espaldar que sôbre um estrado triangular figurava ao centro da Loja.

Não lhe vedaram os olhos, nem o submeteram às provas físicas que eram de uso em tôdas as cerimônias semelhantes. O candidato, embora no pleno uso de tôdas as suas faculdades, e ainda ágil de corpo, já tinha a provecta idade de oitenta e quatro anos! E era Voltaire. Recebeu-o o próprio Lalande, Venerável da Oficina, que profundamente emocionado disse da grande honra que todos tinham em recebê-lo naquele Augusto Cenáculo, proferindo, afinal as palavras sacramentais que consagravam o candidato não apenas Aprendiz da Arte Real, mas um Mestre na plenitude de todos os direitos maçônicos, como já o era em todo os ramos do saber humano.

À oração de Lalande, seguiram-se as dos embaixadores de Catarina e de Frederico da Prussia; de Laplace e Lamarck e, por último, de Diderot que falou em nome do espírito moderno da França e que era, afinal, o espírito da própria Enciclopédia.

A seguir falou Voltaire.

Silêncio absoluto! "O improviso durou duas horas e a torrente das suas palavras umas vêzes irônicas outras proféticas, era como lava de um vulcão visto de longe mas sentido de perto o calor que transmitia e se desenvolvia na assistência, alertando as consciências e pondo as almas ao rubro".

Terminara. O abraço de Franklin — o abraço do Novo ao Velho Mundo — provocara novos e delirantes aplausos".

de reação contra o mal estar dominante na Europa, onde havia classes privilegiadas, que exploravam os desprotegidos, usurpando-lhes tudo, inclusive o que há de mais sagrado: a Liberdade. Cavavam-se masmorras, onde eram atirados os desertados de sorte. A sombria Bastilha encerrava numerosas vítimas da inclemência de homens desumanizados. E êste regime opressivo fazia sentir-se no Brasil. Lá, como aqui, impunham-se atitudes reacionárias. (9)

A Maçonaria Francesa era um farol de luz intensa a deslumbrar a Humanidade com a sua luminosidade.

Era um movimento para dignificação do Homem, como conseqüência da luta com prol da Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Devia, necessàriamente, despertar o interêsse, entusiasmar os homens conscienciosos, com as suas idéias generosas; empolgar os estudiosos com os seus princípios humanitários, não apenas os franceses, mas também, quantos se encontravam na França.

A Maçonaria, com seus propósitos elevados, fazia recrudecer no Povo, alentadoras esperanças de melhores dias.

Declarou Louis Blanc: "Nas vésperas da Revolução Francesa, a Maçonaria alcançou um poder imenso. Disseminada através de tôda a Europa, ela secundava o gênio meditativo da Alemanha, *agitava silenciosamente a França...*" *"Histoire de France"*, página 37).

Vejamos as palavras de M. Philippe Sagnan, professor de História da Revolução, na Sorbona: "... a Maçonaria, filha da Filosofia francesa, preparou, ou mais exatamente, pela sua propaganda, preparou, pouco a pouco, os espíritos para reformas que poderiam ter sido realizadas pacificamente, sem a intransigência monárquica, da Côrte com os privilégios".

---

(9) Escreveu Pedro Calmon: "'A Inconfidência Mineira" correspondeu a um reflexo dêsse estado geral do espírito da Europa. O seu ambiente, na capitania do ouro era o mais próprio para o choque imediato: Tal o desgôsto que ali havia, com o empobrecimento das lavras, o arbítrio dos governadores, e ameaça da cobrança violenta dos "quintos del rei" ou fôsse a "derrama".
(*História do Brasil*, vol. III, página 405).

Tiradentes no cárcere

Nas origens da Revolução, havia tão sòmente a Maçonaria (Prefácio de *La Franc-Maçonnerie Française et la Préparation de la Révolution*).

Sicard de Plauzoles declarou no *Convent de* 1913: "A Franc-Maçonnerie pode com legítimo orgulho, considerar a Revolução como obra sua (Citação de Gustavo Barroso, *História secreta do Brasil*, volume I, página 187).

> "...não há talvez um só dos grandes episódios da Revolução que não tenha sido, mais ou menos com grande antecipação, projetado e preparado nas lojas..." (Maurice Talmeyr, *La Franc-Maçonnerie et la Révolution Française*, pág. 2, Librairie Perrin, Paris, 1904).

Jovens brasileiros, que estudavam na França, não podiam permanecer indiferentes àquele grandioso movimento em prol de uma Humanidade mais feliz (10), sobretudo considerando-se o amargor que os atormentava de sentir a Pátria oprimida. E cumpre ressaltar que alguns dêles eram de Minas, expoliada pela ganância insaciável dos portuguêses, que lhe arrebatavam o ouro, que a empobreciam em meio da imensidão de suas riquezas, com impostos onerosíssimos, como o quinto do ouro, que lhe entravavam o desenvolvimento, impedindo a instalação de indústrias, como a de tecidos.

---

(10) Escreveu Gustavo Barroso à pág. 155 do vol. I. da *História Secreta do Brasil*: "Os moços brasileiros que estudavam na Europa, sobretudo na universidade de Montpellier e Paris regressavam aos lares cheios de entusiasmo pela grandeza da terra brasileira comparada com a exigüidade européia, e cheios de maior entusiasmo ainda pelo exemplo norte-americano e pela figura do grande macon Benjamin Franklin, que fôra ao Velho Mundo levar o angustiante pedido de socorro dos Filhos da Viuva de sua Pátria às lojas adohiramitas ou do rito francês escocêsas e iluminadas.

Levados por êsses entusiasmo, houve estudantes brasileiros em França que procuraram entabolar negociações para a nossa independência com potências estrangeiras, como José Joaquim da Maia, Domingos Vidal, Barbosa, José Mariano Leal e José Pereira Ribeiro".

Concluios maçônicos, transportados também para o Brasil pelos estudantes de Coimbra, ao regressarem formados...

(Pedro Calmon, *História Social do Brasil*, vol. III pág. 59)

A provocar insopitável revolta patriótica, havia, em Minas, também o clero extorquidor. O Dr. Joaquim Norberto de Sousa e Silva, assim nô-lo descreve, às páginas 59 e 60 do volume I da *História da Conjuração Mineira*:

"Entendia o clero que a primeira caridade cristã era tornar as igrejas em mais rendosos mercados dêste mundo, embora o fôsse a custa de repetidas violências e coações. Não eram os preceitos de lei que professavam, nem o ensino das máximas do Evangelho, tão necessárias à educação religiosa dos povos, que êles faziam pagar a pêso de ouro; — Eram insuportáveis e forçadas contribuições extorquidas pelos párocos aos seus fregueses, benesses e pés de altar; eram as grandes e consideráveis taxas por conta de espórtulas, emolumentos, prós e precalços exigidos pela câmara e chancelaria episcopal e pelo juízo eclesiástico em benefício da mitra e dos juízes e oficiais de tais repartições. (11)

---

(11) Anteriormente o Dr. Felício dos Santos, à página 250 de *Memórias do Distrito Diamantino da Comarca do Sêrro Frio*, descrevera com as impressionantes palavras seguintes, o que era a dramática situação do Tejuco:

"No Tejuco reinava o terror, a desolação. Foi pôsto em prática o sistema, de uma espionagem intolerável. Ninguém mais, contava com a segurança em sua casa. Por tôda parte podia-se suspeitar um espião disfarçado do intendente. O mais leve indício de contrabando, dava motivo a numerosos despejos. Não se faziam processos, não se conheciam formalidades. Muitas famílias foram reduzidas à miséria, outras viram-se forçadas a abandonar uma pátria onde não achavam segurança. Por esta forma a população do arraial ia-se dizimando todos os dias. Eram estas as ordens secretas da diretoria?

Constou um dia que João Inácio preparava uma longa lista de várias pessoas, dizem que de duzentas, que pretendia mandar despejar da demarcação. Esta notícia excitou, a princípio, uma consternação geral, depois o ódio público e disposições hostis contra a ordem de despejo, se se tentasse executá-la. O comandante de destacamento, Joaquim Gonçalves Pimentel, que sucedera a Maximiano de Oliveira Leite, conhecendo o estado do espírito público, foi ter com João Inácio, fêz-lhe ver os inconvenientes do numeroso despejo, que constava que êle tentava decretar, os sintomas de desespêro e sedição que se manifestavam nos habitantes, porque já se dizia que estavam dispostos à resistência.

E's a lista sôbre aquela mesa, disse o intendente; amanhã tôdas as pessoas nela mencionadas serão intimadas para despejarem a demarcação. Protesto em nome do governador, que se tal ordem fôr dada,

Em um país onde tanto se pregava a Liberdade, como a França de então, mais intensa devia ser a tempestade de revolta patriótica, a dominar aquêles que, contristados, pensavam na Pátria distante escravizada. Por formação moral, por patriotismo, transbordantes de esperança de, com apoio da Maçonaria, libertar a pátria, fragmentar-lhe os grilhões, vários estudantes brasileiros fizeram-se maçons.

---

juntar-me-ei eu e o meu destacamento ao povo para resistirmos à sua execução. E retirou-se.

Pela primeira vez, João Inácio intimidou-se. A ordem não foi executada.".

Manuel Quirino escreveu, à página 271 da 2.ª edição de *A Bahia de Outrora*: "Em Minas Gerais, os governadores promoviam os cabos de esquadra, seus ordenanças, aos postos de tenentes e capitães, com flagrante preterição dos brasileiros oficiais do quadro".

Antônio Torres declarou: "O fermento da rebelião continuava latente em Minas, devido à ganância da Metrópole, O sangue do povo era sugado sob as mais variadas formas: dízimas, passagens de rios, direitos de entrada e finalmente os quintos sôbre o ouro em pó. Se ao menos o govêrno português empreendesse alguma obra em benefício da capitania, talvez esta se submetesse com relativa docilidade às extorsões da Coroa. Mas, nada! Não havia em Minas, uma escola pública, nem policias, nem estradas, nem pontes, nem correios, nada que de longe justificasse, ou pelo menos excusasse a rapina lusitana".

(*As razões da Inconfidência*, páginas 18 e 19).

"De todos os modos, eram assaltados os mineiros pelas autoridades portuguêsas. Segundo José Pedro Xavier da Veiga, os mineiros tinham de contribuir até com as propinas para os funcionários subalternos lá de Lisboa!

(*Efemérides Mineiras*, volume IV, página 115).

Uma carta régia de 12 de abril de 1727 determina ao governador da Capitania:... faça ver aos moradores a *obrigação* que lhes ocorre de concorrerem com um *considerável donativo* para as despesas de um príncipe e de uma princesa de Portugal.

E foram arrecadados do povo mineiro, nada menos de 125 arrobas de ouro!

(Vide Xavier da Veiga, *Efemérides Mineiras*, vol. II).

Iniciaram-se na Maçonaria, entre outros, José Joaquim da Maia (12), Domingos Vidal Barbosa e José Álvares Maciel. (13)

O ENCONTRO DE JOSÉ JOAQUIM DA MAIA COM THOMAS JEFFERSON

Com o pseudônimo de Vendek, José Joaquim da Maia, carioca, dirigiu-se, em 2 e 16 de outubro, e em 26 de dezembro de 1786 e 5 de janeiro de 1787, por cartas a Thomas Jefferson (14); também maçon, ministro dos Estados Unidos na França, solicitando-lhe a intercessão no sentido do seu país apoiar o movimento emancipador brasileiro. É a seguinte a tradução da carta de 16 de outubro:

---

(12) "Havia, então, na Europa, um grande número de lojas maçônicas de diversos ritos. Só em Montpellier, onde estudava José Joaquim da Maia, havia dez".

(Lúcio José dos Santos, *A Inconfidência Mineira*, pág. 89)

José Joaquim da Maia, iniciou-se na Maçonaria, em Montpellier.

A propósito das Lojas Maçônicas na Universidade de Montpellier, é interessante a leitura de: A. Germain, *Une Loge Maçonnique d'Étudiants à Montpellier* (Acad. de Sciences et Lettres de Montpellier, 1880) e Antoine Dompierre, *La Franc-Maçonnerie à Montpellier avant la Révolution*. (Librairie Perrin, París, 1896).

Tal eram o poderio e o prestígio das Lojas de Montpellier que, quando o Duque de Chartres Grão Mestre, acompanhado da espôsa, por lá passou, a Maçonaria ofereceu-lhe um grande banquete e à sua comitiva, em que figuravam governadores e bispos. (Vide A. Germain, *Une Loge d'Étudiants à Montpellier*, pág. 127).

(13) Lemos em Joaquim Norberto de Sousa: "Vinha o jovem Maciel de países livres, onde adquirira rara instrução e onde fôra iniciado nos mistérios da Maçonaria" (História da *Conjuração, Mineira*, vol. I, pág. 81). Declarou Lúcio José dos Santos: "José Álvares Maciel filiara-se à Maçonaria na França". *A Inconfidência Mineira*, pág. 89) — Segundo Lúcio José dos Santos "o padre que assistiu de confissão os inconfidentes" disse o seguinte de José Alves Maciel: "êsse inconfidente era de rara instrução, bacharel em ciências naturais, viajou pela Europa, visitou fábricas e oficinas, aprendeu muitos segredos e os poria em execução" se esta abrasadora chama de liberdade, que se prendeu em seu coração ao passar pela fornalha da oficina da Franc-Maçonaria, não lhe devorasse as entranhas".

(14) Thomas Jefferson é uma das grandes figuras dos Estados Unidos. Nasceu em 1743, no Condado de Alberbale na Virgínia, herdou do pai, o caráter firme e a grandeza de coração. Orfão aos 14

"Eu nasci no Brasil. Vós não ignorais a terrível escravidão que faz gemer a nossa pátria. Cada dia se torna mais insuportável o nosso estado depois da vossa gloriosa independência, porque os bárbaros portuguêses, receosos de que o exemplo seja abraçado, nada omitem que possa fazer-nos mais infelizes. A convicção de que êstes usurpadores só meditam novas opressões contra às leis da natureza e contra a humanidade tem-nos resolvido a seguir o farol que nos mostrais, a quebrar os grilhões, a reanimar a nossa moribunda liberdade, quase de tôda acabrunhada pela fôrça, único esteio da autoridade dos europeus nas regiões da América. Releva porém que alguma potência preste auxílio aos brasileiros pois que a Espanha certamente se há de unir com Portugal: e apesar de nossas vantagens

---

anos, 3 anos depois ingressou no William and College, de Williansbury. Tornou-se amigo do professor de matemática, Dr. William Small que, com o Dr. George Wytre, exerceu incontestável influência no espírito de Jefferson.

De 1762 a 1765, devotou-se ao estudo de Direito. De 1769 a 1775, foi membro da *Virginia House of Buergesses* (Assembléia Colonial de Virginia). Em 1771, ingressou na Maçonaria e, no ano seguinte, casou-se com Marta Skekton.

Cultor devotado da: Liberdade, Igualdade e Fraternidade, participou ativamente da luta pela libertação da Pátria, tratava a todos do mesmo modo, daí ser queridíssimo por todos os servidores seus, inclusive alguns negros. Em 1776 redigiu a *Declaração da Independência*, quando já era Venerável de uma Loja.

"A imortal Declaração da Independência, escrita por êle, não foi mais do que o primeiro passo nesse sentido. Êste Evangelho de Justiça, baseado na filosofia de Platão, Locke, Montesquieu, Rousseau e Voltaire, habilitará os cidadãos a compreender os seus direitos, a mantê-los e a exercer com inteligência a parte que lhes cabe no autogovêrno."

(Henry Thomas e Dana Lee Thomas, *Estadistas Americanos*, página 108).

"*A Declaração de Independência* tornou-se um evangelho para os maçons da Europa e para os seus amigos". (Carl L. Becker, *The Declaration of Independence*, pág. 12 Nova York, 1921).

De 1779 a 1781, governou a Virginia, conquistando as simpatias gerais. Em 1785, foi nomeado embaixador na França, em substituição

em guerra defensiva, não poderíamos contudo levar a sós a efeito essa defesa ou pelo menos seria imprudência tentá-lo sem alguma esperança de bom êxito. Neste estado de coisas olhamos, e com razão, sòmente para os Estados Unidos, porque seguiríamos o seu exemplo, e porque a natureza, fazendo-nos habitantes do mesmo continente, como que nos ligou pelas relações de uma pátria comum. De nossa parte estamos preparados a dispender os dinheiros necessários e a reconhecer em todo o tempo a obrigação em que ficaremos para com os nossos benfeitores.

Tenho-vos exposto em poucas palavras a suma do meu plano. *Foi para dar-lhe andamento que vim à França, pois que na América teria sido impossível mover um passo e não suscitar desconfiança.* A vós pertence agora decidir se pode executar-se a emprêsa. Se quereis consultar a vossa nação, estou pronto a oferecer-vos todos os esclarecimentos precisos".

---

a Benjamin Franklin, outro grande maçon de atuação notável inclusive na Maçonaria Francesa, tendo sido Venerável de várias Lojas, inclusive da Neuf Soeurs em que se iniciou Voltaire.

Seguindo o exemplo do seu antecessor, e de acôrdo com o seu próprio espírito, Jefferson foi freqüentador assíduo da Maçonaria, na França. George Washington, maçon modelar, retirou Jefferson da Embaixada na França para ser Secretário de Estado, no seu primeiro quatriênio presidencial. Discordou da política financeira de Hamilton e demitiu-se. Pouco depois, foi eleito vice-Presidente da República, John Adams na Presidência.

Depois de uma campanha terrível, em que sofreu violentos ataques por ser maçon, Thomas Jefferson foi eleito terceiro Presidente dos Estados Unidos. Nunca deixou de freqüentar a Maçonaria. Foi reeleito e, findo o seu segundo mandato, afastou-se da vida pública paupérr mo. Já aos 84 anos, foi obrigado a vender "uma propriedade para poder salvar a casa de Manticello e um pouco de terra para ser enterrado".

"Em suas orações, pedia ao Grande Arquiteto que dirige o mundo, que poupasse a sua vida até o próximo aniversário da Independência". E Deus benevolente atendeu-o. Jefferson morreu em 4 de junho de 1826, justamente no dia do aniversário da Independência.

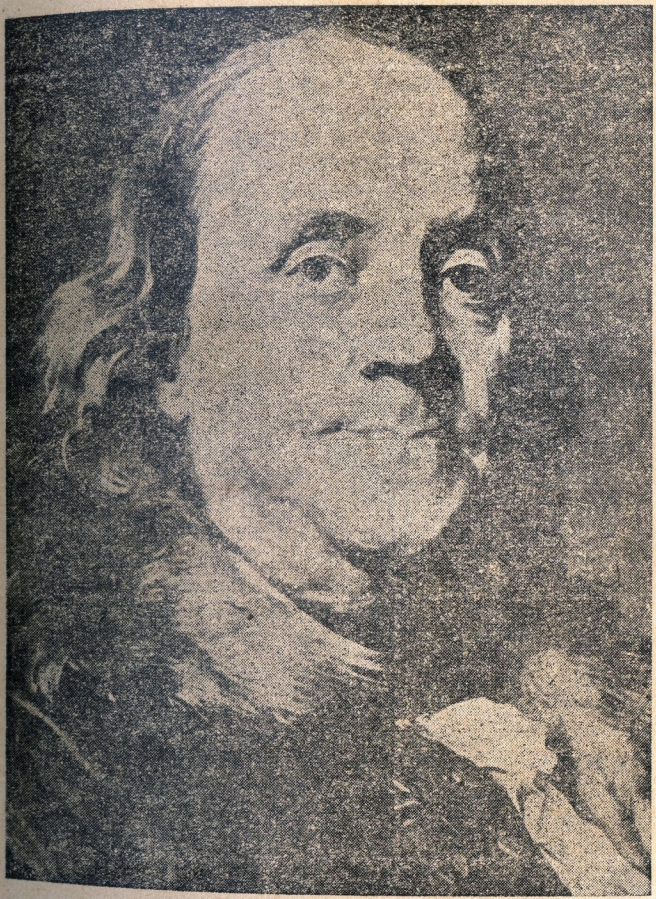
As três cartas de José Joaquim da Maia a Thomas Jefferson, foram escritas em francês. Há cópias autênticas delas na Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional. As cópias vieram dos Estados Unidos, conforme declaração no seu início. Ei-las:

"Department of State, Bureau of Rolls and Library, Washington, April 11, 1883. — I certify that the papers herets attached, viz: A letter to Th. Jefferson from one "Wendek", dated October 2, 1786 — Ditto, dated November 2, 1786 — Ditto dated, January 5, 1787; and A Letter from Th. Jefferson to monsieur Wendek, dated Paris Dec. 26, 1786 — are true copies, made from their originals in the files of this Department. — Theodore F. Dwigth — Chief of Bureau of Rolls and Library".

"Copie. — Montpellier 2 d'Octobre de 1786.

— Monsegneur. — J'ai une chose de tres consequence à Vous communiquer; mais comme l'etat de ma santé ne me permet pas de pouvoir avoir l'honeur d'aller vous trouver à Paris, je vous prie de vouloir bien avoir la bonté de me dire, si je puis avec sureté vous la communiquer par lettre; puisque je suis etranger, et par consequent peu instruit des usages du pays. Je vous demande bien pardon de la liberté, que prends et je vous prie aussi d'en adresser la reponse à Mr. Vigarons Conseiller du Roy, et Professeur en medicine à l'Université de Montpellier. — Je suis avec tout les respects — Monsegneur — Votre tres humble, et obeissant serviteur — "Wendek."

"Copie. — Monsegneur — Je viens de revoir l'honeur de votre lettre de 16 d'Octobre, et je suis extremément faché de ne l'avoir pas reçu plutot; mais il m'a fallu rester en campanhe jusqu'à present par raport à ma santé: et puisque je vois, que mes informations vous parviendront assurément, je vais avoir l'honeur de vous les communiquer. — Je suis Bresilien, et vous savez, que ma malhereuse patrie gemit dans un affreux esclavage, qui devient chaque (jour?) plus insupportable depuis l'epoque de votre glorieuse independence, puisque les barbares Portugais népargnent rien pour nous rendre malhereux de-



Thomas Jefferson presidente do EE. UU. de 1801 a 1809

crainte que nous suivions vos pas; et comme nous connôiçons, que ces usurpateurs contre la loi de la nature et de l'humanité ne songent, que à nous accabler, nous nous sommes decidés à suivre le frappant example, que vous venez de nous donner, et par consequence à briser nos chaines, et à faire revivre notre liberté, qui est le seul droit, qu'ont les Européens sur l'Amerique. Mais il s'agit d'avoir une puissance, qui donne la main aux Bresiliens, attendu que l'Hispagne ne manquera pas de se joindre à Portugal; et malgré les avantages, que nous avons pour nous defendre, nous ne pourrons pas le faire, ou du moins il ne seroit pas prudent de nous hazarder sans etre sure d'y reussir. Cela posé, Monsegneur, c'est votre nation, que nous croyons plus propre pour donner du secours non seulement parceque c'est elle, qui nous a donné l'example, mais aussi parceque la nature nous a fait habitants du meme continent, et par consequence en quelque façon compatriotes; de notre part nous somes prets à donneur tout l'argent, qui sera necessaire, à tâmoigner en tout temps notre reconnoissence envers nos bienfaisants. Monsegneur, voila à peu près le precis de mes intentions, et c'est pour m'acquiter de cette commition, que je suis venu en France; puisque je ne pouvois pas en Amérique sans donner des soupçons à ceux qui en sçussent, c'est a vous maintenant à juger s'elles peuvent avoir lieu, et dans le cas, que voulussien en consulter votre nation, je suis en etat de vous donner toutes les informations, que vous trouverez necessaires. — J'ai l'honeur d'etre avec la consideration la plus parfaite — Monsegneur — Votre tres humble, et tres obeissant serviteur — Vendek — Montpellier 21 de 9bre de 1786".

"Copie. — Monsegneur — La nouvelle, que je viens d'avoir l'honeur de recevoir de votre voyage dans cette partie de France, m'a fait un tres grand plaisir, et je m'en felicite: puisque je voyois, qu'il m'etoit tres essential d'avoir l'honeur de vous parler, et l'etat de ma santé ne me permettoit pas de faire le voyage de Paris. Si je pouvois savoir le jour de votre arrivée à Nismes, et votre logement, je ne marquerois pas d'avoir l'honeur d'y aller vous rencontre, ce que je suis pret à faire dans

quelquer autre, ou il vous faira plaisir; et pour cela je n'attends, que vos commandemens — en attendant je me flate d'etre — avec le plus grand respect — Monsegneur — Votre tres humble et obeissant serviteur — Vendek — Montpellier 5 Janvier 1787"..

"Copie. — Paris, Dec 26eme 1786 — Monsieur. — J'attend à tout moment de faire une voyage dans les provinces meridionelles de France. J'avais tardé de repondre a votre lettre du 21eme 9bre en attendant que je pourrois vous annoncer le moment de mon depart, et le jour et le lieu auquel je pourrois avoir l'honneur de vos recontrer. Mais jusqu'ici ce moment n'est pas decidé, mais j'aurais surement l'honneur de vous en faire part, et de demander un rendezvous ou à Montpellier ou en sa voisinage. En attendant j'ai l'honneur d'être avec bien de respect Monsieur votre tres humble et tres obeissant serviteur — Th. Jefferson — Monsieur Vendek".

(*Autos da Devassa da Inconfidência*, vol. II p. 6 a 9)

Thomas Jefferson atendeu ao pedido de José Joaquim da Maia para a marcação de uma entrevista. Estava Jefferson de viagem aprazada para a cidade de Aix, na Provença, famosa pelas suas águas. Dispõe-se, em meio da jornada, a desviar-se sob pretexto de ir contemplar as ruinas romanas de Nimes, e foi ao encontro de José Joaquim da Maia.

Assim, em meio das ruinas históricas, realizou-se o primeiro contacto entre os dois *irmãos*.

J. Norberto de Sousa e Silva assim descreve a entrevista, às páginas 48 a 52, do volume, da *História da Conjuração Mineira*, (Edição do Instituto Nacional do Livro), e páginas 43 a 46 da primeira edição:

"Seguiu-se para logo uma interlocução viva, animada, interessante entre o embaixador da nova potência e o desconhecido filho da colônia escravizada, que nem um outro título poderia exibir para esta entrevista que o seu amor de pátria.

Fácil em expressar-se, dotado de brilhante imaginação, repleto de conhecimentos sôbre as coisas de sua pátria, pois conhecia as suas principais cidades e tinha percorrido as terras auríferas e diamantinas apresentou José Joaquim da Maia em largo quadro os recursos de seu país, o qual o ilustrado Thomas Jefferson não se dedignou de resumir para que fôsse melhor conhecido nos Estados Unidos. Era dessa pintura que dependia o bom êxito de sua missão e pois empregou todos os esforços, sem que a exagerasse. Mostrou-lhe que o Brasil contava o mesmo número de habitantes que Portugal; que os portuguêses, poucos em número, quase todos casados com brasileiras, nem uma lembrança conservavam do solo pátrio, nem mesmo nutriam o desejo de voltar a êle e que estavam por isso dispostos a abraçar a independência. Fêz-lhe ver que os brancos naturais do país formavam o corpo da nação; que a nobreza, apenas conhecida como tal, de maneira alguma distinguia-se do povo; que os escravos eram iguais em número aos homens livres e seguiriam a causa dos senhores; que os índios domesticados eram destituídos de energia e os selvagens nenhum partido tomariam em tal negócio. Demonstrou-lhe que o clero era tanto composto de brasileiros como de portuguêses, e que pouca influência exercia sôbre o povo. Disse-lhe que havia 20 mil homens de tropas regulares, que sendo ao princípio meramente portugueses haviam sido substituídos por brasileiros de modo que êstes compunham então a maior fôrça do país; que os oficiais eram em parte portuguêses e em parte brasileiros; que seu valor era indubitável, conheciam as evoluções mas ignoravam a ciência da guerra e nem uma predileção tinham a favor de Portugal, nem por outro qualquer objeto; que havia muitos cavalos, mas que só uma parte do Brasil admitia o serviço de cavalaria. Informou-o acêrca da instrução, que muitos indivíduos sabiam ler e escrever, mas que no Brasil não havia imprensa; que o povo possuía armas das quais se servia para a caça e que haviam alguns armazéns delas. Ponderou-lhe que um ódio mortal dividia os brasileiros e os portuguêses; que para reconciliá-los tinha o marquês de Pombal adotado a política de nomear os brasileiros para empregos públicos, mas que seus sucessores tinham vol-

tado à praxe antiga escolhendo para aquêles empregos sòmente pessoas nascidas em Portugal. Provou-lhe que os brasileiros consideravam a revolução norte-americana como precursora da que êles desejavam; que os homens de letras eram os que mais a anelavam mas que não aparecia uma pessoa capaz de dirigi-la, de pôr-se à frente do movimento sem o auxílio de uma nação poderosa, pois que todos se arreceavam que o povo os desamparasse; que dos Estados Unidos esperavam todos os socorros; que precisavam de artilharia, munições, navios, marinheiros, soldados, oficiais e que para tudo isso estavam deliberados a recorrer aos Estados Unidos, entendendo-se sempre que os fornecimentos e serviços seriam necessàriamente pagos. Patenteou-lhe os recursos que havia e de que se podiam lançar mão; que as minas de ouro produziam ainda abundantemente, que o quinto, que o rei cobrava do produto das minas, andava por 13 milhões de cruzados; que só o mesmo rei tinha direito de explorar as minas de diamantes e de outras pedras preciosas, que lhe rendiam quase metade dessa quantia; que só o produto dessas duas fontes de riqueza, devia montar a 10 milhões de dólares por ano; mas o remanescente do produto das minas, que subia a 26 milhões, poderia aplicar-se à despesa da revolução. Expôs-lhe que Portugal não tinha esquadra nem exército e que portanto não podia invadir o Brasil em menos de um ano, e que a considerar a maneira por que tinha de ser preparada e executada tal invasão são seria ela muito para temer e que a falhar não tentaria segunda, pois cortada a principal fonte de sua riqueza apenas conseguiria fazer um pequeno esfôrço; e que se a Espanha invadisse o país pela parte do sul ficaria sempre tão distante do corpo dos estabelecimentos que não chegaria até êles e que portanto a tentativa da Espanha não era para recear-se; que as minas de ouro eram entre montanhas inaccessíveis aos exércitos, e o Rio de Janeiro tido pelo pôrto mais seguro do mundo depois do Gibraltar. Indicou-lhe que tinham a maior abundância de carne e tanta que em algumas partes matavam-se reses só para lhe aproveitar o couro, e que a pesca da baleia era exclusivamente feita pelos naturais mas em barcos pequenos, de maneira que não cabiam manobrar os de grandes

dimensões. Apontou-lhe que pagavam a farinha de trigo e o peixe salgado a Portugal, e que portanto iriam sempre comprar êsses gêneros aos Estados Unidos, que também lhes forneceriam as embarcações necessárias à guerra e ao comércio. Finalmente lhe significou que a parte mais ilustrada da colônia tinha por infalível a separação; que sôbre a revolução não havia mais que um pensamento do país, e que, no caso de serem bem sucedidos, organizariam o govêrno republicano, o qual seria generalizado a tôdas as províncias".

Infrutíferos foram os esforços de Joaquim da Maia para persuadir o diplomata norte-americano a assegurar auxílio aos empreendimentos dos inconfidentes. Thomas Jefferson ponderou que não dispunha de instruções do seu govêrno, de sorte que lhe era, de todo em todo, impossível manifestar-se a respeito. Asseverou, porém, que, se vitorioso, o movimento emancipador seria acolhido com simpatia nos Estados Unidos.

"A esperança de consideráveis vantagens, dizia êle, chamará ao Brasil numerosos indivíduos em seu auxílio e por motivos mais nobres serão atraídos os nossos oficiais, em cujo número há muitos excelentes. Nossos concidadãos podendo sair da pátria quando querem, sem licença do govêrno, podem da mesma sorte dirigir-se para qualquer país". (*Revista do Instituto Histórico*, tomo III, página 212).

Thomas Jefferson, em carta de 4 de maio de 1787, comunicou ao seu govêrno o encontro com Joaquim da Maia. É da carta citada, o seguinte trecho: "Como por êste tempo eu tinha deliberado experimentar as águas de Aix, participei êste desígnio ao escritor da carta, e disse-lhe que me desviaria da estrada com o pretexto de examinar as antiguidades de Nimes, se êle quisesse encontrar-se comigo nesse lugar. Assim o fêz, e o que se segue é o resumo das informações que me deu. O Brasil contém o mesmo número de habitantes que Portugal. São êles portuguêses, brancos naturais do país, negros, pardos e cativos, e índios selvagens ou civilizados. Os portuguêses, pouco em número, quase todos casados na terra, tem perdido a lembrança do solo pátrio e o desejo de voltar a êle; estão por isso dispostos a abraçar a independência. Os brancos naturais do país, for-

mam o corpo da nação. Os escravos, são em número igual aos homens livres. Os índios são destituídos de energia e os selvagens nenhum partido tomarão nesse negócio. Há vinte mil homens de tropas regulares. A princípio eram todos portuguêses, mas à proporção que morriam foram substituídos por naturais do país, de modo que êstes compõem, hoje, a maior fôrça das tropas e pode-se contar com êles. Os oficiais são em parte portuguêses e em parte brasileiros. Seu valor é indubitável, conhecem as manobras mas ignoram a ciência da guerra e nenhuma predileção têm a favor de Portugal, nem são possuidos de algum sentimento forte por qualquer outro objeto. Os sacerdotes são em parte portuguêses e em parte brasileiros e não parece que tomem grande parte na contenda. A nobreza é apenas conhecida como tal. Não querem de maneira alguma distinguir-se do povo. Os homens de letras são os que mais desejam a revolução; e o povo não é muito influído pelos padres. Muitos indivíduos sabem ler e escrever, possuem armas e costumam servir-se delas para caçar. Os escravos têm de seguir a causa dos senhores. Numa palavra, pelo que respeita a revolução, não há mais que um pensamento em todo o país; mas, não aparece uma pessoa capaz de dirigí-la, ou que se arrisque, pondo-se-lhe à frente, sem o auxílio de uma nação poderosa, todos temem que o povo os desampare. No Brasil não há imprensa. Os brasileiros consideram a revolução da América do Norte como precursora da que êles desejam; e dos Estados Unidos esperam todo o socorro. As maiores simpatias se desenvolvem entre êles para conosco. A pessoa que me dá informações é natural e tem residência no Rio de Janeiro, atualmente a capital, é que contém cinqüenta mil habitantes. A pessoa a que me refiro, conhece bem a cidade de São Salvador, antiga Metrópole, e as Minas de Ouro, que se acham situadas no interior. Todos êstes lugares propendem para a revolução e, como constituem o corpo da nação, têm de levar outros consigo. O Quinto, que o rei cobra do produto das Minas, anda por treze milhões de cruzados. Só êle tem direito de explorar as minas de diamantes e das outras pedras preciosas, que lhe rendem quase a metade dessa quantia. O produto dessas duas fontes de riqueza, sòmente, deve

montar a dez milhões de dólares por ano mas, o remanescente do produto das minas que sobe a vinte e seis milhões, pode aplicar-se, às décadas da revolução. Afora as armas que estão pelas mãos do povo há armazéns delas. Há muitos cavalos, mas, só uma parte do Brasil admite o serviço de cavalaria. Precisariam de artilharia, munições, navios, marinheiros, soldados e oficiais e, para isso estão deliberados a recorrer aos Estados Unidos, entendendo-se, sempre, que os fornecimentos e os serviços serão necessàriamente pagos. A farinha de trigo custa quase vinte libras cada cem arratéis. Tem a maior abundância de carne e tanto que em algumas partes matam as reses sòmente por causa do couro. A pesca da baleia é feita exclusivamente por brasileiros e não por portuguêses; mas em barcos muito pequenos, de maneira que não sabem manobrar com barcos de grandes dimensões. Iriam sempre comprar ao nosso país navios, trigo e peixe salgado. O último é um gênero importante que lhes vai de Portugal. Êste reino que não tem esquadra nem exército, não pode invadir o Brasil em menos de um ano. Se considerarmos a maneira que tem de ser preparada e executada tal invasão, não será ela muito para temer e se falhar não tentarão a segunda. Na verdade, cortada que seja esta principal fonte de sua riqueza, apenas os portuguêses poderão fazer um primeiro esfôrço. A parte ilustrada da nação conhece tanto isso que tem por infalível a separação. Há um ódio implacável entre brasileiros e portuguêses. Para conciliá-los, adotou um dos ministros passados, a política de nomear brasileiros para os empregos públicos. Mas, os ministros que se lhe seguiram voltaram a política anterior, nomeando para aquêles emprêgos sòmente pessoas nascidas em Portugal.

Ainda há alguns naturais do Brasil (dos antigamente nomeados) exercendo cargos públicos. Se a Espanha invadir o país pela parte sul, ficará sempre tão distante do corpo dos estabelecimentos que não poderá chegar até êles e a tentativa da Espanha não é para receiar-se. As minas de ouro são entre montanhas inacessíveis a um exército, e o Rio de Janeiro é tido como o pôrto mais forte do mundo, depois do Gibraltar. No caso de uma revolução bem sucedida, há de organizar-se um

govêrno republicano, geral para todo o país. Em tôda a conversação procurei convencer o meu interlocutor de que não tenho autoridade nem instruções para dizer uma só palavra a tal respeito e que apenas poderia comunicar-lhe as minhas idéias como indivíduo, e, vem a ser que não estamos em circunstâncias de comprometer a nação em uma guerra; que desejamos especialmente cultivar a amizade de Portugal com o qual fizemos um Tratado vantajoso; que não obstante o que fica ponderado, uma revolução feliz no Brasil, não pode deixar de excitar interêsse nos Estados Unidos; que a esperança de consideráveis vantagens chamará ao Brasil muitos indivíduos em seu auxílio; que por motivos mais nobres, serão atraídos os nossos oficiais, em cujo número há muitos excelentes; e que nossos concidadãos, podendo sair de sua pátria quando querem, sem licença do govêrno, da mesma sorte, dirigir-se para outro qualquer país."

Domingos Vidal, em seu depoimento no processo dos Inconfidentes, referiu-se à entrevista de Thomas Jefferson com José Joaquim da Maia, tendo procurado deprimir, denegrir o nosso compatriota, fazendo-o passar por intruso, para inocentar-se. Foi o seguinte depoimento aludido:

Domingos Vidal — A êsse respeito contou êle que achando-se na França vira lá um sujeito chamado José Joaquim da Maia, filho de um pedreiro que queria fazer-se outro Mr. Franklin relativamente à América Portuguêsa dizendo que a queria pôr independente da Europa, porque sendo filho de um pedreiro nunca poderia fazer figura, nem tornar o seu nome brilhante e célebre senão intentando uma ação extraordinária, e com efeito que chegara a escrever ao ministro da América Inglêsa, que se achava em Paris, dizendo que era enviado dos americanos portuguêses, que queria tratar do negócio da sua independência para o que lhe pedia o auxílio da sua república, que foi respondido que depois que cá tivessem na América conseguido a independência os favoreceria com as manufaturas e o mais que carecessem para a conservar, porém que ajudar o rompimento não por ser com uma nação em cujos portos achavam benígno

acolhimento; mas depois sucedendo vir o dito ministro à Província da Languedoc indo-lhe falar o dito José Joaquim da Maia, foi conhecida a pouca verdade com que êle se tinha intitulado enviado, sendo um pobre miserável sem tratamento algum, e tão mal trajado que nem uma consideração infundia, por cujo motivo foi desprezado pelo dito ministro, segundo contou a êle testemunha o mesmo José Joaquim da Maia, vendo assim frustradas as suas idéias. *As. de 8 de ag.* 1789, *Dev. do R. de Jan. As de 8 de julho do mesmo ano. Dev. de M. Ger*".

A INICIATIVA DE JOSÉ JOAQUIM DA MAIA. LUTOU PELA LIBERTAÇÃO DO BRASIL, ANTES DE TIRADENTES

Não somos historiador e sim simples estudante de fatos de nossa História. Cultuamos a Verdade, como devem fazer todos os que se devotam ao estudo.

É para lamentar que muita fantasia se haja feito e continue a fazer, em tôrno da Inconfidência Mineira, das suas figuras.

Já se pretendeu até afirmar que Tiradentes foi o primeiro a sonhar com a Independência do Brasil.

Coisas de poeta!...

Em 1786, na Europa, antes de Tiradentes, portanto, José Joaquim da Maia, carioca, já tratava da emancipação do Brasil e de modo prático, procurando conseguir o auxílio dos Estados Unidos, que seria decisivo. Não cogitou de criar universidade, de fazer constituição. Foi mais objetivo, considerou de início, o lado material.

Estudante da Universidade de Montpellier, grande centro maçônico, êle mesmo maçon, José Joaquim da Maia era necessária e indiscutìvelmente um cultor da Liberdade e não podia deixar de ansiar pela emancipação do Brasil.

Há um pormenor de real importância: na primeira carta a Thomas Jefferson, Joaquim da Maia solicitou que a resposta do Ministro dos Estados Unidos fôsse dirigida a Mr. Vigaron, Conselheiro do Rei e professor na Universidade de Montpellier.

Por que essa indicação? Por que o estudante carioca envolvera em tão grave assunto, um professor da Universidade? Por que lhe depositava tal confiança, a ponto de fazer dêle um intermediário? Fraternidade...

Na Universidade de Montpellier ou com alunos dela, funcionavam várias Lojas Maçônicas, inclusive uma, constituída em sua maioria por professôres. Talvez um dêles fôsse o professor Vigaron, *Irmão* maçônico de José Joaquim da Maia.

Severá Sindicância em Tôrno da Entrevista — Ouvidos vários inconfidentes sôbre o encontro Thomas Jefferson e José Joaquim da Maia

O coronel Francisco Antônio de Oliveira Lopes, em seu depoimento, aludiu a uma conversa com Domingos Vidal Barbosa, em que êste se referira ao encontro de José Joaquim da Maia com Thomas Jefferson.

Apavoraram-se as autoridades portuguêsas. O Visconde de Barbacena considerou o fato "digno de maior e mais particular averiguação" e ordenou a feitura de um Auto separado de tôdas as circunstâncias. Exigiu cópias autênticas e urgente, o que bem demonstra a relevância que atribuiram ao assunto.

Vejamos, a respeito, o Auto que foi feito, com o depoimento dos inconfidentes e que se encontra no volume II dos *Autos de Devassa da Inconfidência Mineira,* da página 81 à 95.

"Auto Summario de testemunhas, a que mandou proceder o Illustrissimo Senhor Visconde de Barbacena, Governador, e Capitão General desta Capitania de Minas Geraes.

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil, e setecentos, e oitenta, e nove aos sete dias do mez de Julho do dito anno nesta Villa Rica de Nossa Senhora do Pilar do Ouro Preto, e casas de Residencia do Doutor Desembargador Pedro José Araújo de Saldanha do Desembargo de Sua Magestade Fidelissima, que Deus guarde Ouvidor Geral e Corregedor

desta Comarca, onde eu Bacharel José Caetano Cesar Manitti, Ouvidor, e Corregedor da do Sabará, Escrivão nomeado para esta diligencia pelo Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Visconde de Barbacena do Conselho de Sua Magestade Governador, e Capitão General desta Capitania fui vindo, e sendo ahi, por elle dito Ministro me foi apresentada uma Portaria do mesmo Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor, e é a propria ao diante junta, e aqui autuada, pela qual Ordena, se informe o dito Ministro summariamente do facto, que na mesma se relata, inquirindo as testemunhas nella indicadas e as mais referidas, para o fim de se examinar a realidade do mencionado facto, tudo na forma, que a mesma Portaria determina; de que para constar mandou elle dito Ministro fazer este auto, que houve por recebido na forma de Direito, e em que assignou junto commigo Escrivão: e eu o Bacharel José Caetano Cesar Manitti Escrivão nomeado o escrevi, e assignei.

Sald.ª — *Jozé Caetano Cezar Manitti*

Por ser digno de maior e mais particular averiguação o facto, em que tocou o Coronel Francisco Antonio de Oliveira Lopes nas suas últimas respostas, referindo-se ao D.ºr Domingos Vidal Barbosa, ácerca de huma carta escrita ao Ministro dos Estados unidos da America Septentrional por hum Estudante do Brazil, q' se achava em Montpellier: Ordeno a Vm.*ce* que se informe summariam.*e* em Auto separado de todas as circunstancias delle, inquirindo novamente o Coronel, e tirando tãobem por Testemunhas os outros Reos, o dito Domingos Vidal, e as mais Pessoas que se referirem nos seus depoimentos, com o mesmo Escrivão que tenho nomeado para as mais diligencias desta natureza: e deste Summario me entregará Vm.*ce* huma copia authentica logo que estiver concluido.

Deos G.*de* a Vm.*ce* Villa Rica 30 de Junho de 1789.
Visconde de Barbacena

S.*r* Dez.*bor* Ouvidor Geral e Correg.*dor*
Pedro José de Araújo e Saldanha.

INQUIRIÇÃO DESTE SUMMARIO

Aos oito dias de mez de Julho de mil e setecentos e oitenta, e nove annos nesta Villa de Nossa Senhora do Pilar do Ouro Preto em a Cadeia publica della, onde foi vindo o Doutor Desembargador Pedro José Araujo de Saldanha Ouvidor Geral, e Corregedor desta Comarca, junto commigo o Bacharel José Caetano Cesar Manitti, Ouvidor, e Corregedor da do Sabará, Escrivão nomeado para esta diligencia pelo Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Visconde de Barbacena, Governador, e Capitão General desta Capitania; e sendo ahi, pelo dito Ministro foram inquiridas e perguntadas as testemunhas deste Summario, das quaes seus nomes, naturalidades, moradas, officios, Idades, Costumes, e seus ditos são os que abaixo se seguem de que, para constar, fiz este termo; e eu o Bacharel José Caetano Cesar Manitti Escrivão nomeado o escrevi.

Francisco Antonio de Oliveira Lopes Coronel do Regimento de Cavallaria auxiliar da Villa de São de El-Rei, natural da Freguezia de Nossa Senhora da Piedade da Igreja Nova, morador da Ponta do Morro Freguezia de São José Comarca do Rio das Mortes que vive de suas Lavras, e Roças idade de trinta, e oito annos, testemunha, a quem o dito Ministro deferiu o juramento dos Santos Evangelhos em um livro delles, em que poz sua mão direita, sub cargo do qual lhe encarregou, jurasse a verdade, do que soubesse, e lhe fôsse perguntado, o que prometeu fazer, como lhe estava encarregado.

E perguntado elle testemunha pelo conteúdo no auto deste Summario, e Portaria junta, disse que achando-se de hospede em sua Casa um seu Primo o Doutor Domingos Vidal Barbosa, e sahindo em um dia a ser Padrinho de uma creança filho de um Pardo José de Mattos, residente no Gritador, o viera procurar um moço por nome José de Rezende, filho do Capitão José de Rezende Costa; e dizendo-se-lhe, que não estava em casa, mas que tinha ido áquelle Baptisado, o mesmo moço partiu logo a encontral-o, e depois daquella Funcção concluida, vieram ambos jantar para Casa; depois do que retirando-se elle testemunha para um Quarto mais interior a descansar em

cima de um Leito, o seguiu o dito Doutor seu Primo, e lhe contou, que aquelle moço José de Rezende lhe tinha dito, que estava para suscitar-se um levante nesta Capitania, e que com esta especie lhe lembrou então, o que se passara em França, quando lá esteve; e perguntando-lhe elle testemunha, o que era, lhe tornou o dito seu Primo, que andando nos estudos em Montpellier, conhecera dois Sujeitos, que se diziam Enviados, um deles filho do Rio de Janeiro ao pé da Lapa, e que estes foram mandados por certos Commissarios daquella Cidade a tratar com o Embaixador da America Ingleza um levante na dita Cidade do Rio, e que falando com o referido Embaixador, este lhe respondera, que elle escrevia á sua Nação a este respeito; e com effeito tornando os ditos Enviados, lhes respondera aquelle Ministro, que a sua Nação estava prompta a provel-os de Naus, e Gente, com tanto que se lhes pagassem os Soldos, e recebessem o seu Bacalhau e Trigo; a cuja Proposta respondeu um dos ditos Enviados, que tinham cá uma terra, que dava muito trigo, e o Ministro lhe tornou, que devia ser só com aquellas condições; e dizendo-lhe os ditos, que esperariam a conjunctura de algum Tributo para então se levantarem, lhes replicou o Embaixador se não iam cá dinheiros de umas terras para outras, como Quintos? E dizendo-lhe os Enviados que sim, continuou o Ministro; pois é tomar-lhos, e eis ahi feito o levante; e que logo que isso se fizesse, lhe mandassem aviso, que se poria tudo prompto, como estava justo; e se necessario fosse elle Embaixador falaria ao Rei da França para ajudar; e que não temessem a Lei do Papa, porque havendo bem Balas ardentes nada entrava no Rio de Janeiro; e accrescentando aquelles Enviados, que a Nação que temiam mais era a Espanhola, lhes respondeu o Ministro, que essa Nação era "lurda" e que non temer — insinuando-lhes ao mesmo a forma, por que se devia fazer o levante, e que se havia matar o Vice-Rei, e todos os Coroneis, que não seguissem o Partido; fazendo-se então um Patibulo bem alto, onde subiria um homem desembaraçado, e de Respeito, que fizesse uma eloquente fala ao Povo para o persuadir; e que tocando-se no mesmo levante para a Bahia, dissera o dito Embaixador, que ali não convinha

VESTÍBULO E ESCADA NA CASA DOS REAIS CONTRACTOS, OURO PRETO, RESIDÊNCIA DE JOÃO RODRIGUES DE MACEDO. SOB ESSA ESCADA ESTEVE PRESO E FOI ASSASSINADO, CLÁUDIO MANOEL DA COSTA.

(In "Pequena História da Inconfidência de Minas Gerais" de Augusto Lima Júnior)

por ser um Porto aberto; só retirando-se toda a Gente para o Sertão, levando comsigo todos os Cabedaes, e até os mesmos mantimentos; porque reduzida a Cidade a estes termos ainda no caso de ser entrada por Portuguezes, ou Estrangeiros dando-lhe os Retirados continuados assaltos, se veriam na precisão de deixal-a outra vez; e que de outra sorte, posto se levantassem, nunca poderiam ter subsistência; e declara elle testemunha, que o dito seu Primo lhe dissera, haver assistido a uma das Conferencias, e dado os signaes do mesmo Embaixador; e que o mesmo seu Primo viera de França haverá anno, e meio com pouca differença; e mais não disse, e aos costumes declarou ser Primo do referido Doutor Domingos Vidal Barbosa, e sendo-lhe lido o seu juramento o assignou com o dito Ministro; e eu o Bacharel José Caetano Cesar Manitti Escrivão nomeado o escrevi.

Sald.ª — Franc.º Ant.º de Olivr.ª Lopes

Domingos Vidal de Barbosa natural da Freguezia de Nossa Senhora da Conceição do Caminho do Rio de Janeiro, morador da Fazenda denominada o Juiz de fora, que vive de agricultura, e Idade de vinte, e oito annos, testemunha, a quem elle dito Ministro deferiu o juramento dos Santos Evangelhos em um livro delles, em que poz sua mão direita, sub cargo do qual lhe encarregou, que com sã consciencia jurasse a verdade do que soubesse, e lhe fosse perguntado, o que assim prometeu fazer, como lhe era encarregado.

E perguntado elle testemunha pelo auto deste summario, e Portaria junta disse, que estando haverá tres para quatro mezes, segundo sua lembrança, assistindo em Casa de um seu Primo o Coronel Francisco Antonio de Oliveira Lopes, e indo ver em certa occasião um serviço mineral na lavra do dito seu Primo por nunca ter presenciado a extracção do Ouro, casualmente principiou o referido seu Primo a exaggerar as commodidades, e Riquezas deste Paiz de Minas accrescentando, que seria felicissimo, se fosse livre, e independente; e ao mesmo tempo perguntou a elle testemunha quem tinha suscitado, ou diri-

gido a Sublevação da America Ingleza; ao que lhe respondeu, que um homem bastantemente erudito Monsieur Franklin; e por esta mesma occasião se lembrou, do que tinha passado em França, que então lhe contou, e é o seguinte: — *Que estando elle testemunha em Montpellier, na qual também frequentava os mesmos estudos um Estudante José Joaquim da Maya, natural da Cidade do Rio de Janeiro, filho de um Mestre Pedreiro, que ali mora na Rua da Ajuda, lhe fez o dito estudante em uma Occasião, haverá tres annos, o seguinte Discurso — Que elle era filho de um Pae humilde, e que por consequencia, nunca viria a ter uma fortuna brilhante, se elle se não abalançasse a cousas grandes, que o fizessem notável no mundo; e que por êste motivo estava deliberado a constituir-se Enviado da sua Nação, e a afrontar o Ministro da America Ingleza, que se achava em Paris para com o mesmo negociar a liberdade da sua Pátria; porém que não tendo dinheiro para a Viagem estava quasi nos termos de tentar o mesmo Ministro Americano para o prover em consideração de um objecto tão ponderoso; e util aos seus proprios interesses; de cuja deliberação mofou elle testemunha, tratando de loucura ambos os projectos;* de que comtudo era bem capaz a extravagancia do Sujeito; o qual se resolveu finalmente a seguir o partido de dirigir uma Carta ao referido Embaixador, em que tratava do negocio da liberdade do Brasil e que elle era Enviado dos seus Patriotas para este effeito; a cuja Carta respondeu aquelle Ministro, que logo, que os Brasileiros ganhassem a sua independencia, não teria a sua Nação duvida em assistir com Navios Mestres de Fabricas, e todas as mais Provisões necessarias com condição porém, que deveriam receber o seu Bacalhau; porém que antes de segura, e estabelecida a sua Liberdade, e independencia, nada fazia; porque a sua Nação não havia de romper com a Côrte de Portugal; em cujos Portos achava benigno acolhimento; Com esta Resposta, esperando o dito Maya que o Ministro Americano viesse passar o Inverno, como era estylo a Languedoc, e a certo sitio distante tres leguas de Montpellier logo que assim succedeu, o foi procurar pessoalmente o mesmo Maya; porém tornando mal satisfeito contou a elle testemunha, que o

Ministro julgava pouco delle pela casca; isto é, que apresentando-se-lhe em um ar de miseria mal vestido, tomara em pouca conta a sua Representação, e o despresara; vindo este a ser o fim daquella Embaixada; de cuja scena deu elle testemunha noticia a outro Estudante por nome José Mariano Leal, que está a chegar ao Rio de Janeiro, segundo ouviu dizer, ao dito a Familia do Excellentissimo Senhor Conde de Rezende; e não tem elle testemunha mais certeza, se contou também esta passagem ao Mestre de Rhetorica do Rio de Janeiro Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, inda que bem reflectindo lhe parece, que não; e declara elle testemunha, que depois daquelle desprezo que fez o dito Ministro Inglez ao referido Maya a quem elle, e o já mencionado Marianno metteram a bulha, nunca mais teve noticia que o mesmo tornasse a falar em semelhante projecto; e outrossim declara ter tido ultimamente noticia de haver falecido em Lisboa o dito Maya, o qual em Montpellier passava parcamente, sendo os seus Correspondentes na Cidade do Porto um Fulano Caria Netto, e no Rio de Janeiro, posto que se não lembra do nome, sabe que morava na Rua Direita defronte do Carmo, os quaes lhe assistiam por ordem de seu Pae com cento e vinte mil reis por anno; e mais não disse, e aos costumes declarou ser Primo do dito Coronel Francisco Antonio de Oliveira Lopes; e assignou com o dito Ministro; lido o juramento; e Eu José Caetano Cesar Manitti Escrivão nomeado o escrevi.

Sald.ª — Domingos Vidal de Barboza

O Conego Luis Vieira da Silva natural da Freguezia do Ouro Branco Comarca de Villa Rica morador, na cidade de Mariana, que vive de suas Ordens Cadeira, e Pulpito, de Idade de cincoenta, e quatro annos, testemunha a quem o dito Ministro deferiu o juramento dos Santos Evangelhos em um livro delles em que poz sua mão direita sub cargo do qual lhe encarregou jurasse a verdade do que soubesse e lhe fosse perguntado o que assim prometeu cumprir, como lhe era encarregado.

E perguntado pelo conteudo no Auto deste Summario, e Portaria junta, disse nada, e assignou com o dito Ministro, e eu o Bacharel José Caetano Cesar Manitti Escrivão nomeado o escrevi.

Sald.ª — O Conego Luiz Vr.ª da Silva

Luiz Vás de Toledo Piza Sargento-mor do Regimento de Cavallaria auxiliar de São João de El-Rei, natural da Villa de Taboaté, Comarca de São Paulo, morador na Villa de São José Comarca do Rio das Mortes, que vive de ser Juiz de Orfãos da dita Villa de São José, idade quarenta, e nove annos, testemunha, a quem o dito Juiz deferiu o juramento dos Santos Evangelhos em um livro delles, em que poz sua mão direita, sub cargo do qual lhe encarregou, jurasse a verdade, do que soubesse, e lhe fosse perguntado, o que assim prometeu cumprir como lhe estava encarregado.

E perguntado elle testemunha pelo conteudo no Auto deste summario, e portaria junta, disse nada, e assignou com o dito Ministro; e eu o Bacharel José Caetano Cesar Manitti Escrivão nomeado o escrevi.

Sald.ª — Luis Vás de Toledo Piza

Domingos de Abreu Vieira Tenente Coronel do Regimento de Cavallaria auxiliar de Minas Novas, natural da Freguezia de São João de Conceiro, comarca de Vianna, Arcebispado de Braga, morador nesta Villa Rica, que vive de seu commercio de idade de sessenta, e cinco annos, testemunha, a quem o dito Ministro deferiu o juramento dos Santos Evangelhos em um livro delles, em que poz sua mão direita sub cargo do qual lhe encarregou, que jurasse a verdade, do que soubesse, e lhe fosse perguntado, o que assim prometeu fazer, como lhe estava encarregado.

E perguntado elle testemunha pelo conteudo no Auto deste summario, e Portaria junta, disse nada, e assignou com o dito

Ministro, e eu o Bacharel José Caetano Cesar Manitti, Escrivão nomeado o escrevi.

Sald.ª — Domingos de Abreu Vieyra

José Pereira Ribeiro, Bacharel formado em Leis pela Universidade de Coimbra, natural de Congonhas do Campo Comarca desta Villa Rica, morador na Cidade de Marianna, que vive de sua Advocacia, idade de vinte e cinco annos testemunha, a quem o dito Ministro deferiu o juramento dos Santos Evangelhos em um livro delles, em que poz sua mão direita, sub cargo do qual lhe encarregou jurasse a verdade, do que soubesse, e lhe fosse perguntado, o que assim prometeu cumprir, como lhe era encarregado.

E perguntado elle testemunha pelo conteudo no Auto deste summario, e Portaria junta, disse nada, e assignou com o dito Ministro, e eu o Bacharel José Caetano Cesar Manitti, Escrivão nomeado o escrevi.

Sald.ª — Jozé Pereira Ribeiro

Aos quatro dias do mez de Setembro de mil e setecentos, e oitenta, e nove annos nesta Villa Rica, e casas de morada do Desembargador Pedro José Araujo de Saldanha, Ouvidor, e Corregedor desta Comarca, onde eu Escrivão nomeado fui vindo, e sendo ahi, foram perguntadas pelo dito Ministro as testemunhas, cujos nomes, naturalidades, residencias, officios, costumes idades, e ditos, são os que ao diante se seguem; de que para constar fiz êste termo; e eu o Bacharel José Caetano Cesar Manitti Escrivão nomeado o escrevi.

O Padre Francisco Vidal de Barbosa, natural da Freguezia de Nossa Senhora da Glória do Caminho Novo, morador na fazenda denominada o Juiz de Fora, que vive de suas ordens e de agricultura, de idade de trinta, e tres annos, testemunha, a quem o dito Ministro deferiu o juramento dos Santos Evangelhos em um livro delles em que poz sua mão direita sub cargo do qual lhe encarregou que jurasse a verdade, do que soubesse e lhe

fosse perguntado, o que assim prometeu fazer, como lhe era encarregado.

E perguntado elle testemunha pelo facto conteudo no auto, e Portaria, disse, que a respeito, do que na mesma se menciona, ouvira unicamente dizer, a seu irmão Domingos Vidal no mez de Outubro do anno preterito, segundo sua lembrança, que frequentando elle os Estudos de Medicina na Universidade de Montpellier, na mesma andava, também um estudante, Fulano Maya, natural do Rio de Janeiro, o qual concebera a extravagancia, e teve animosidade de procurar o Ministro da America Ingleza, que se achava em França, para com o mesmo tratar sobre a liberdade dos seus Patriotas, dos quaes se affectava Comissario; mas que não sendo attendido da primeira vez a sua proposição; tornara segunda e teve então resposta do dito Ministro; que se isso era certo, que a sua Nação não teria duvida em ajudal-os e dar-lhes todo o socorro; comtanto porem, que fossem seus Alliados; que lhe tomassem seu Bacalhau, e lhes fossem francos o commercio, e o porto, mas ignora elle testemunha o exito desta tentativa, nem o dito seu Irmão lhe contou mais nada; e menos elle o inquiriu pela pouca contemplação, que lhe mereceu semelhante desproposito; e mais não disse, nem dos costumes a que só declarou ser irmão daquelle dito Domingos Vidal, e sendo-lhe lido todo o seu juramento pelo achar conforme o assignou o com o dito Ministro; e eu o Bacharel José Caetano Cesar Manitti, Escrivão nomeado o escrevi.

Sald.ª — Francisco Vidal de Barboza

Auto de acareação das testemunhas Coronel Francisco Antonio de Oliveira Lopes, e o Doutor Vidal Barboza.

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil, e setecentos, e oitenta, e nove aos oito dias do mez de Julho do dito anno nesta Villa Rica de Nossa Senhora do Pilar do Ouro Preto em a cadeia pública della onde foi vindo o Doutor Desembargador Pedro José Araujo de Saldanha, Ouvidor Geral, e

Corregedor desta Comarca commigo o Bacharel José Caetano Cesar Manitti Ouvidor, e Corregedor da do Sabará, Escrivão nomeado para esta diligencia pelo Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Visconde de Barbacena Governador, e Capitão General desta Capitania, para efeito de se acarearem, e conciliarem as duas testemunhas o Coronel Francisco Antonio de Oliveira Lopes, e o Doutor Domingos Vidal Barbosa, vista a ocorrencia, e diversidade dos factos que demais declarou o dito Coronel no seu juramento; e a diminuição com que depoz o referido Doutor tambem no seu juramento, que ambos prestaram no summario, a que se procedeu por Portaria do mesmo Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor sobre a importante materia, que fez o seu ponderoso objecto; e sendo chamadas á presença do dito Ministro as referidas testemunhas, por mim Escrivão lhes foram lidos os seus juramentos; depois do que declarou elle dito Coronel Francisco Antonio, que ratificava o seu referido juramento, que foi lido, e na maneira, que nelle se continha, e achava escripto, por ser em tudo conforme á verdade, que sabia, e tinha fielmente declarado; e perguntada a testemunha o Doutor Domingos Vidal de Barbosa. sobre o seu juramento, que era visto achar-se affectado, e diminuto, tendo nelle faltado á verdade omittindo muitos factos, que sabia na importante materia sobre que foi inquirido; disse que elle tinha em seu juramento tudo o que sabia na materia sobre que foi inquirido, sem que jamais contasse ao referido seu Primo Coronel os mais factos, que o mesmo accrescenta; e sendo porem certo, que alguma vez em conversa lhe disse, que os Francezes chamavam a Nação Espanhola — Lurda — nunca apropriou este discurso á referida materia de que faz menção aquelle juramento: E pelo dito Coronel foi mais instado, que tanto era verdade haver-lhe o dito seu Primo contado tudo, o que referido tinha, que até nessa mesma conjuntura accrescentou, que um seu amigo do Rio d eJaneiro por nome José Gonçalves, segundo se recorda, sabia de tudo isso; e que o Doutor José Pereira de Marianna tinha a Historia Philosophica e Politica do Abbade Reinald, e as Leis dos Inglezes Americanos; ao que respondeu o dito Doutor, que era totalmente falso dizer elle testemu-

nha, que aquelle José Gonçalves sabia do acontecimento referido a respeito de José Joaquim da Maya, porque nunca em tal lhe falou; d quanto ao Doutor José Pereira era certo dizer-lhe este, que tinha o Código da America Ingleza, e a Historia Philosophica e Politica, e que quanto a esta o sabe de certo pela ter visto, quando vinham ambos embarcados de Lisboa: e assim insistiram ambas as ditas testemunhas assertivamente no que haviam dito; e logo o referido Ministro deu por finda a presente diligencia de que para constar fiz este termo, que assignou com as referidas testemunhas; e eu o Bacharel José Caetano Cesar Manitti Escrivão nomeado o escrevi: e assignei.

Sald.ª — Jozé Caetano Cesar Manitti — Franc.º Ant.º de Olivr.ª Lopes — Domingos Vidal de Barboza".

(*Autos de Devassa da Inconfidência Mineira,* Ministério da Educação, Biblioteca Nacional, volume II, págs. 81 a 95, Rio de Janeiro, 1936. Copiado de acôrdo com o original).

AS VIAGENS DE ÁLVARES MACIEL

VISITA À LOJA GRANDE REUNIÃO AMERICANA DE LONDRES

"Vinha o jovem Maciel de países livres, onde adquirira rara instrução e onde fôra iniciado nos mistérios da maçonaria." (Joaquim Norberto, *História da Conjuração Mineira,* volume I, página 81).

"Londres era, então, o dínamo propulsor de tôdas as agitações maçônicas que se processavam na América do Sul, desde o começo do século XVIII, pelo menos. A proteção do duque de Sussex, grão mestre da maçonaria inglêsa, estendia-se sôbre todos os intrigantes, agitadores e corifeus da seita. Graças a ela, por maiores esforços que envidasse a embaixada portuguêsa não conseguia a expulsão de Hipólito da Costa..."

(Gustavo Barroso, *História Secreta do Brasil,* volume I, página 263).

Nos *Autos da Devassa,* volume II, encontramos a declaração do Dr. José Alves Maciel (1), de que estivera na Inglaterra, que de lá trouxera livros sôbre a revolução emancipadora dos Estados Unidos.

---

(1) Acêrca do Dr. José Álvares Maciel, o Dr. Pedro Calmon publicou a seguinte nota: "José Alves Maciel estivera em Birmingham. Tinha 29 anos, nascera em Vila Rica e era filho do capitão mor do mesmo nome. Fôra aluno distinto, em Coimbra, de Vandelli, que o dá como descobridor duma mina de arsênico na Serra da Estrêla, *Mem. Econ. da Acad. das Ciências, I.* Figurou entre os estudantes de química que fizeram a primeira experiência aerostática em 1784. Dos seus trabalhos em Angola, diz o P. Manuel Aurela Pombo, *Os Inconfidentes em Angola,* página 28, Loanda 1923. Fundou aí a indústria

Em Londres, José Álvares Maciel não podia ter deixado de visitar a Loja Grande Reunião Americana (2), fundada pelo imortal venezuelano Francisco Miranda, precursor da independência dos países latino-americanos.

---

do ferro. De suas descobertas em Minas falou o governador de Angola em of. de 19 de setembro de 1799."

Sôbre Alves Maciel, Augusto de Lima Junior escreveu o seguinte: às páginas 73 e 74 da *História da Inconfidência Mineira*:

"Outra grande figura de sábio e de patriota foi José Alvares Maciel, nascido em Vila Rica, em 1760, sendo batizado em 1 de março dêsse ano, na capela de Santa Quitéria, que existia onde hoje se ergue a Igreja do Carmo. Filho de guarda-mor de Vila Rica, capitão José Alvares Maciel, natural de Viana do Castelo, em Portugal e de Dona Juliana Francisco de Oliveira Leite, natural de Mariana, o futuro inconfidente tinha como avós paternos Francisco Alvares da Cruz e sua mulher Antônia Maciel, ambos de Viana do Castelo; como maternos, o guarda-mor Maximiano de Oliveira Leite e Inácia Pires de Arruda, naturais de São Paulo. Foram seus padrinhos na pia batismal os seus tios Dr. Francisco Pais de Oliveira Leite e Ana Inácia Pires de Oliveira, mulher do capitão Custódio de Sá Ferreira. Maciel fêz seus estudos elementares em Vila Rica, matriculando-se na Universidade de Coimbra em 1782.

Durante três anos cursou José Alvares Maciel, com grande brilho, as aulas universitárias, sendo discípulo do naturalista Domingos Vandelli, de nação italiana que fôra contratado para ensinar suas especialidades na velha Universidade portuguêsa, José Alvares Maciel, dotado de grande talento e de rija vontade de instruir-se, foi um aluno distinto, obtendo sempre nos três anos do seu curso a nota "nemine discrepante" e várias referências que ilustram de um modo eloquente a excepcional personalidade dêsse infortunado filho de Minas Gerais.

Domingos Vandelli cita-o como sendo o descobridor das jazidas de arsênico da serra da Estrêla, em Portugal e autor de várias classificações de rochas. No livrinho de João Maria Jalles, com o título *OS BALÕES EM PORTUGAL*, publicado em 1887, Maciel esta citado entre os alunos do curso de química que tomaram parte em experiências de aerostática.

Em 1784, José Álvares Maciel recebia o grau em Coimbra, partindo para a França e Inglaterra, sendo certo que se demorou em Montpelier por largo tempo. Andavam em moda as Lojas Iluminadas, centros secretos de reuniões onde as doutrinas da liberdade e melhoria das condições de vida para a espécie humana, constituiam a preocupação principal dos espíritos. Entre os postulados mais importantes, estavam o aproveitamento das riquezas naturais dos povos que as possuíssem, para que o bem estar fôsse de tôdas as camadas

(2) Em nosso livro *Libertadores da América, (Influência da Maçonaria na Emancipação dos Povos Americanos)*, tratamos longamente da Loja Grande Reunião Americana.

Francisco Miranda, figura singularíssima de denodado lutador em prol da liberdade, apresenta uma gloriosa vida, impressionante pela sucessão de batalhas. Foi general das fôrças de Napoleão, depois de ter sido coronel espanhol, de haver lutado pela independência dos Estados Unidos, de ajudar ao almirante francês, Conde de Gresse, contribuindo com os fundos necessários para que a esquadra dêle chegasse à barra de Cosapeake colaborasse para a vitória de Washington em Yorktown, empenhou-se decididamente pela libertação da Venezuela e de outros países.

Francisco Miranda (3), foi um predestinado apóstolo da Liberdade. Foi modelarmente maçon.

Aquêle homem indômito, cultor devotado da Liberdade, que tanto se sacrificou maçônicamente pelo próximo, morreu numa

---

sociais, libertadas, ainda, pela instrução. Mais tarde, conforme se verificou, fundiram-se as instituições da maçonaria e a dos iluministas que, por volta dos fins do século dezoito, já constituiam uma e mesma coisa. Em Coimbra, o movimento iluminista ia em franco progresso, não obstante a atenção de Diogo Inácio de Pina Manique, chefe das Policias Régias, que de Lisboa exercia uma severa vigilância sôbre os então mal afamados centros de estudos. Na França, núcleo de expansão do movimento, Maciel ligou-se aos outros brasileiros que lá estudavam, filiados às lojas maçônicas e quase todos acabaram figurando nas páginas das Devassas da Inconfidência de Minas Gerais em 1789.

(3) Adelino de Figueiredo Lima, à página 169 de *Nos Bastidores do Mistério*... transcreve o seguinte trecho da biografia de Francisco Miranda, escrito por Henrique G. Brogmen: "Foi amigo de George Washington e dos filhos do rei da Inglaterra; freqüentou assiduamente os gabinetes ministeriais da Grã-Bretanha e dos clubes revolucionários de Paris. Foi comensal de Bonaparte e confidente do duque de Wellington, seu vencedor. Apertou a mão de Frederico, o Grande, de José II, e com os girondinos se empenhou para humanizar a Revolução. Serviu nos exércitos da França e nêles cobriu-se de glória. Foi perseguido pelos jacobinos, pelos termidorianos e depois pela polícia de Napoleão. Privou da amizade da grande Catarina da Rússia e conheceu as alcovas aristocráticas de Paris ao tempo do Diretório. Foi amigo de Jeremias Bentham e de Thomas Payne. Fundou sociedades secretas e cingiu o avental maçônico para iniciar Bolivar e O'Higgins. Bateu-se heróicamente à frente dos exércitos venezuelanos contra a fatalidade e incompreensão, e como todos os idealistas, foi amado, admirado, caluniado, odiado pelos grandes de seu tempo".

cela! Lutou sem interregno pela Liberdade dos outros e morreu preso!

Que coincidência: Francisco Miranda morreu em 14 de julho de 1816, no dia do aniversário da Tomada da Bastilha!

Francisco Miranda, o libertador, sucumbiu numa prisão em Cádiz, depois de longos padecimentos. Os padres e frades do presídio não permitiram que se lhe fizessem exéquias nem que os

Francisco de Miranda, o grande lutador pela liberdade, precursor da emancipação das nações hispano-americanas, no cárcere

(Quadro de Michelena)

mais íntimos amigos do grande Miranda, lhe dessem o derradeiro adeus. Agarraram-lhe o corpo com o colchão em que o Herói passara as suas últimas horas e levaram-nos. Enterra-

ram-no sem um amigo para chorá-lo. Satisfeitos, regressaram à cela, poucos dias depois, os padres e frades retiraram dali tudo quanto pertencera a Miranda e queimaram em uma fogueira, que certamente, não teve as mesmas proporções das que eram acesas pela Santa Inquietação e em que morreram centenas de milhares de pessoas.

Durante o seu exílio em Londres, Francisco Miranda, fundou a *Loja Grande Reunião Americana*, com objetivos políticos, sobretudo a libertação dos países americanos, mas com rituais maçônicos, fazendo iniciações etc. Tudo se realizou com a complacência da Maçonaria Inglêsa. A grande Loja da Inglaterra permitiu que a Loja Grande Reunião Americana funcionasse em território de sua jurisprudência porque se tratava de um núcleo que lutava pela Liberdade e porque a Inglaterra se interessava pela emancipação das colônias hispano-americanas, o que redundaria em terrível golpe no poderio da Espanha.

A Loja Grande Reunião Americana estava instalada em uma casa denominada *Deputación Venezuelana*, situada em Grafton Street. Francisco Miranda, durante vários anos, foi o venerável.

Na Loja Grande Reunião Americana, foram iniciados homens gloriosos da América, próceres dos movimentos emancipadores como: Simon Bolivar, O'Higgins, Nariño, (de Nova Granada), Montúfar (de Quito), Servando, Teresa Mier, etc.)

(Vide Ricardo Rojas, *El Santo de la Espada*, página, 41).

San Martin, Carlos Alvear (argentinos, iniciados em uma Loja de Cádiz) e Andrés Bello, freqüentaram, também, a Loja Grande Reunião Americana.

É provável que o nosso patrício Hipólito da Costa, mais tarde, também comparecesse às sessões da citada Loja, durante a sua longa permanência em Londres, onde publicava o *Correio Brasiliense*, órgão de propaganda do Brasil, sobretudo da nossa emancipação política.

Era a Loja Grande Reunião Americana, então, ponto de centralização dos patriotas americanos que se empenhavam em prol da Liberdade da Pátria. De lá sairam, entre outros, O'Hig-

gins e San Martin, que se uniram para emancipar a Argentina, o Chile e o Peru. San Martin fundou várias lojas maçônicas com a denominação de Lautaro, entre elas, uma em Buenos Aires (4), uma em Mendoza, uma em Santiago e outra em Lima.

---

(4) Sôbre a fundação da Loja Lautaro, de Buenos Aires, por San Martins, reputamos de grande valor a leitura do magnífico livro de Fabian Onsari, *San Martin, La Logia Lautaro y la Franc-Masoneria*, (Avellaneda, 1951).

Segundo B. Mitre (*História de San Martin*), tomo I pág. 196), a Loja Lautaro instalou-se em Buenos Aires em meados de 1812. Dos 55 membros que a compunham, quatro foram considerados fundadores: San Martin, Carlos Alvear, Anchoris e Zapiola. Fazia parte da Loja Lautaro, mais Juan Martin Pueyrredon, Tomás Guido, Manuel Belgrano, Murguiondo, Julian Alvarez, etc.

É indiscutível, a influência da Loja Lautaro na consecução da independência Argentina, do Chile, e do Peru.

Vicuña Mackenna escreveu: "El general San Martin trajo em 1812 a la revolución americana dos elementos de los mas poderosos que desarrolló su genio y con los cuales al fin hizo triunfar, a saber:

Las sociedades secretas y la estrategia. *Las primeras fueron el gran resorte político de San Martin*".

(História de San Martin, página 29).

Para conhecer-se a grande contribuição da Loja Lautaro para a emancipação dos povos sul-americanos, é de suma importância a leitura do excelente livro *La Logia Lautaro y la Independência de la América*, escrito por Antonio R. Zuñiga, diretor da Biblioteca da La Masoneria Argentina, publicado em Buenos Aires, em 1922. Notória foi a influência das sociedades secretas, de origem maçônica, no movimento emancipador americano.

Eugenio Orrego Vicuña escreveu: "Não deu a História, ainda, exata importância ao movimento revolucionário secreto que cumpriu a tarefa fundamental de preparar os alicerces da independência americana e de guiar sua marcha nas fases principais."

"(*O'Higgins, Vida y Tiempo*, pág 279).

Bartolomeu Mitre assim expõe os objetivos da Loja Lautaro:

"El objeto declarado de la Logia era "trabajar con sistema y plan en la independencia de la América y su felicidad, obrando con honor y procediendo con justicia". Sus miembros debían necesariamente ser americanos "distinguidos por la liberalidad de las ideas y por el fervor de su celo patriótico." Según su constitución cuando alguno de los hermanos fuese elegido para el supremo gobierno del Estado, no podría tomar por sí resoluciones graves sin consulta de la Logia, salvo las deliberaciones del despacho ordinario. Con sujeción a esta regla, el gobierno desempeñado por un hermano, no podia nombrar por sí enviados diplomáticos, generales en jefe, gobernadores de provincia, jueces superiores, altos funcionários eclesiásticos, ni jefes de cuerpos militares, ni castigar por su sola autoridad a ningúm hermano. Como comentario de esta disposición, se establecía la seguiente regla de mo-

Foi de suma importância, para a emancipação da Argentina, do Chile e do Perú, a existência da Loja Lautaro. Com o apoio dos *Irmãos*, é que San Martin conseguiu desfazer intrigas e obter recursos para atravessar a Cordilheira dos Andes e ir ao Chile para, junto com O'Higgins, libertar êsse país.

Indiscutívelmente a Loja Grande Reunião Americana foi o foco irradiador, incrementador dos planos de Libertação dos Povos latino-americanos (5). Lá se congregavam os próceres dos movimentos emancipadores, discutiam as possibilidades de auxílios recíprocos, entravam em entendimentos com poderosos

---

ra: pública: "Partiendo del principio que la Logia, para consultar los primeros empleos, ha de pasar y estimar la opinión pública, los hermanos como que están próximos a ocuparlos, deberán trabajar en adquirirla." Era ley de la asociación auxiliarse mutuamente en todos los conflictos de la vida civil, sostener a riesgo de la vida las determinaciones de la Logia, y darle cuenta de todo lo que pudiera influir en la opinión o seguridad pública. La revelación del secreto "de la existencia de la Logia por palabras o por señales" tenía "pena de muerte por los medios que se hallase por conveniente". Esta conminación, reminiscencia de los misterios del templo de Isis y copiada de las constituciones de la Logia matriz de Miranda, sólo tenía un alcance moral. Por una adición a la Constitución se disponía, que cuando alguno de los hermanos de la Logia matriz fuese nombrado general del ejército o gobernador de provincia, tuviese facultad para crear una sociedad dependiente de ella compuesta de menor número de miembros."

(*Historia de San Martin y de la Emancipación Sud-Americana*, páginas 92-93).

(5) A Loja Grande Reunião Americana contribuiu, também para incentivar a Independência do Brasil. E êste é um dos aspectos ainda não estudados da nossa emancipação.

A Loja fundada pelo general Francisco Miranda influiu sobretudo para animar a Inconfidência Mineira.

Gustavo Barroso, na *História Secreta do Brasil*, vol. I, pág. 264, refere-se à *Loja Regional Americana*, que não existiu, e confunde-a com Lojas inglesas.

Houve grave equívoco do sábio Mestre, cuja autoridade exige o maior respeito. A Loja Grande Reunião Americana nunca se filiou à Grande Loja da Inglaterra, nem era possível. Basta dizer-se que ela realizava sessões em espanhol, o que era inadmissível em uma Loja na Inglaterra, subordinada a Grande Loja da Inglaterra

De Francisco Miranda, *disse o Dr. Mário Bhering*. "Francisco Miranda é a figura mais interessante de quantas aparecem na história das tentativas para a emancipção da América".

(*Anais da Biblioteca Nacional*, tomo XLIII-XLIV, página XLVI).

Irmãos de outros países e fraternalmente lhes solicitavam adjutório.

Como patriota sul-americano, como maçon e vivendo na França, José Álvares Maciel não podia desconhecer a existência de Francisco Miranda, que também vivera na França, nem da Loja Grande Reunião Americana. É mais do que provável, portanto, que em Londres, José Álvares Maciel houvesse fraternalmente entrado em contacto com Francisco Miranda, tivesse visitado a Loja Grande Reunião Americana e Lojas Maçônicas dependentes da Maçonaria Inglêsa (Grande Loja da Inglaterra). Deve salientar-se que a Loja Grande Reunião Americana não era filiada à Grande Loja da Inglaterra, tinha vida autônoma. A Grande Loja da Inglaterra via com benevolência a existência da Loja Grande Reunião Americana, em território de sua jurisdição.

José Álvares Maciel, provàvelmente, pleiteou ajuda dos Irmãos que encontrou em Londres, fêz acôrdos fraternais para assegurar a vitória da Conspiração Mineira, tão dramàticamente malograda, sobretudo pelas inconveniências do indiscreto Tiradentes.

Os inglêses, é evidente, mostraram-se desinteressados, mesmo desfavoráveis pela nossa independência. País essencialmente criador de colônias escravizadoras de povos, a Inglaterra não podia ver com bons olhos, a emancipação política do Brasil. Quem lê os *Arquivos Diplomáticos da Independência,* grossos volumes publicados pelo ministério do Exterior; verifica as dificuldades que a Inglaterra opôs à nossa independência.

No segundo interrogatório a que foi submetido, em 26 de novembro de 1789, José Alves Maciel negou que tivesse ido à Inglaterra com tal objetivo, afirmando que realizara a viagem para aperfeiçoar-se em química.

Gustavo Barroso, com a sua grande autoridade, escreveu: "No Rio de Janeiro, Tiradentes pusera-se em contacto com um moço mineiro que regressava formado da Europa, o Dr. José Alves Maciel,, o qual, segundo o depoimento do Domingos Vidal, estivera na Inglaterra, buscando apoio para o levante de Minas Gerais."

Pode asseverar-se, portanto, que a emancipação dos Povos americanos foi um empreendimento organizado e dirigido por maçons e que, para a Libertação das colônias hispano-americanas, foi decisivo o trabalho da Loja Grande Reunião da Inglaterra.

E, uma vez mais, queremos exaltar a figura gloriosa do Imortal Irmão Francisco Miranda (6), o *Apóstolo da Liberdade dos Povos latinos-americanos*.

Idealista, homem culto, Álvares Maciel viu que bem se consorciava o seu espírito com os altos objetivos da Maçonaria. O

---

(6) Jônatas Serrano, o prestigioso historiador patrício, escreveu o seguinte sôbre Francisco Miranda:

"Dos precursores, é sem dúvida Francisco Miranda, na Venezuela, o mais digno de admiração. Culto, sagaz, de vontade férrea, viajado, foi sempre a liberdade a grande paixão da sua vida agitada e romanesca.

Bonaparte, que o conheceu em París, disse dêle: "Êste homem tem na alma o fogo sagrado." Soldado da Revolução ao lado de Dumouriez, Miranda já militara antes na América do Norte, no corpo expedicionário de Rochambeau. Caiu com os Girondinos, conheceu os dias tremendo do Terror e foi, na França e na Inglaterra, um centro de atração de quantos aspiravam à independência. Desiludido do apoio europeu, passou-se aos Estados Unidos, onde conseguiu equipar uma pequena e temerária expedição em 1806, para libertar a Pátria. O *Ajuntamiento* de Caracas declarou que ninguém havia chamado Miranda. Puseram-lhe a cabeça a prêmio por trinta mil pesos; sem recursos, o precursor voltou a Londres, aguardando melhores dias. *Aí desde 1797, fundara êle a Loja Americana, com filiais em Paris, Madrid, Cádiz, influindo na própria América através dos pedreiros livres e companheiros ou admiradores seus*

Em 1808 aproveitando a situação espanhola, escrevia êle aos cabildos de Caracas, Buenos Aires, México, etc.: "La España no tiene soberano. Es menester que cada uno de nuestros asuma el gobierno representativo de las provincias...".

Em 1810, de novo na pátria, teve Miranda a ilusão do triunfo. Abraçados Bolivar e Miranda, por entre aclamações, confundiram seus ideais, mas não tardou o dissídio. Aos 54 anos, Miranda assustava e afligia a veemência das ambições de um chefe de 27 anos. Os desastres da campanha de 1812 arruinaram a tentativa de Miranda, que os seus adversários exploraram perante a supertições e ignorância das populações, como evidente sinal da cólera celeste.

Dos cárceres de Pôrto Cabelo para os de Pôrto Rico, e daí para o de Cádiz, quatro anos durou ainda a odisséa dêsse homem extraordinário, até falecer num 14 de julho (data da tomada da Bastilha) em 1816.

Princípio de: *Liberdade, Igualdade e Fraternidade* da Maçonaria fôra não só aceito como cultivado por Alves Maciel. Consetâneo com êsse princípio, êle pensou na emancipação da Pátria distante, onde não havia Liberdade, onde a existência de escravos e senhores, de brasileiros explorados e ladravazes portuguêses exploradores atentava contra o preceito da *Igualdade*, no concernente à distribuição de Justiça, onde a Fraternidade não era praticada, haja visto os suplícios impostos aos brasileiros.

Como todos os americanos que acariciavam o sonho de libertar a Pátria e que foram a Londres, José Alves Maciel deve ter visitado como maçon que era, a *Loja Grande Reunião Americana*. Deve ter estado em contacto com o Imortal Francisco Miranda, que o entusiasmou ainda mais.

É de presumir que Alves Maciel, por intermédio de maçons inglêses, houvesse procurado conseguir apoio da Inglaterra para o movimento emancipador brasileiro. Quem conhece a história da Inglaterra sabe de sobejo que êsse país nunca auxiliou outro senão para beneficiar-se. Basta atentar-se no caso da África, da Irlanda, da India, e de tantos outros países cujas populações foram martirizadas pelos inglêses, sempre que pretenderam reagir contra a escravização que as oprimia.

À Inglaterra, não lhe convinha a independência do Brasil, porque ela era aliada de Portugal e porque bem sabia que, uma vez libertos, os brasileiros tratariam de desenvolver as suas indústrias, inclusive a de tecidos e passaria a comprar-lhe menos. Os negócios, para os inglêses, são sagrados...

Miranda tem o seu nome gravado no Arco do Triunfo, em Paris, entre trezentos e muitos julgados dignos dêsse prêmio.

Apesar de seus erros, a figura do infortunado filho de Caracas, desperta admiração pela inflexível constância com que promulgou a causa da independência sul-americana".

(*História Contemporânea*, página 288-289).

(Sôbre a vida de Francisco Miranda, consulte-se: *La Vida de Miranda, por* William Spence Robertson, Ediciones Anaconda, Buenos Aires, 1947; *Miranda, el Visionario*, por E. Rodriguez Mendoza, Editorial Claridad, Buenos Aires, 1944; *Miranda*, por Mariano Picon-Salas, Editorial Losada Buenos Aires, 1950; *The Diary of Francisco de Miranda; Tour of the United States*, 1733-1784, publicado por W. S. Robertson, Hispanie Society of America, Nova York, 1928).

JOSÉ ÁLVARES MACIEL FUNDA LOJAS MAÇÔNICAS NO BRASIL

"Em Minas, a pátria da Inconfidência, não sabemos se havia lojas maçônicas, porque ninguém se deu ainda ao trabalho de bem estudar a história da Maçonaria em nosso país, mas é *certo que o Dr. José Álvares Maciel era iniciado em seus mistérios* e as relações entre os inconfidentes — chefes espirituais do levantamento — e Jefferson — o grande espírito independente dos Estados Unidos, — nos levam a crer que os nossos patrícios do Sul aprenderam a ser republicanos no fundo de uma oficina maçônica".

(Mário Melo, *A Maçonaria e a Revolução Pernambucana* de 1817, página 24).

"Os moços brasileiros que estudavam na Europa, sobretudo nas universidades de Montpellier e Paris, regressavam aos lares cheios de entusiasmo pela grandeza da terra brasileira comparada com a exigüidade européia, e cheios de maior entusiasmo ainda pelo exemplo norte-americano e pela figura do grande maçon Benjamin Franklin, que fôra ao Velho Mundo levar o angustiado pedido de socorro dos Filhos da Viuva de sua Pátria".

(Gustavo Barroso, *História Secreta do Brasil*, volume I, página 155).

"Em Vila Rica, sede do govêrno da capitania, havia uma roda de homens cultos, participantes duma *Arcádia Literária*, a qual fàcilmente se tornaria o centro diretor de qualquer movimento de idéias a se objetivar em ação. Tornou-se com efeito,

e *envôlto em tanto mistério que mal sabiam os conjurados do que nêle se tratava, nem ao certo, as pessoas de que se compunha".*

(Ibidem. página 156).

"*Organizou* (refere-se ao Dr. Álvares Maciel) *sociedades* em Minas, Rio de Janeiro e São Paulo, com o intuito de por meio delas fazer a propaganda das idéias e preparar elementos, que na hora oportuna fizessem a revolução".

(Antônio Augusto de Aguiar, *Vida do Marquês de Barbacena*, pág. 7, Imprensa Nacional, Rio, 1896).

É fora de dúvida que, em Minas, foram fundadas Lojas Maçônicas, sobretudo por iniciativa de estudantes brasileiros de retôrno da Europa.

Regressavam êles empolgados pela ação humanitária, fraternal, desenvolvida pela Maçonaria, na Europa, no sentido de assegurar os direitos que dignificam o Homem, na defesa indômita da Liberdade dos povos.

O Dr. José Álvares Maciel era maçon convicto (1). Êle deve

---

(1) Veja-se a declaração do padre confessor do Dr. José Alves Maciel, publicada em página anterior.

José Álvares Maciel, em Montpellier, freqüentou Lojas Maçônicas e também, possivelmente, uma loja do rito dos *Iluminados de Avinhão*, criado em 1760 pelo beneditino Pernety e pelo nobre polaco Grabianca e introduzido em 1779, em Montpellier, com a denominação de Academia dos Verdadeiros Maçons e com os seguintes graus: 1.º — Verdadeiro Maçon, 2.º — Verdadeiro Maçon da Linha Reta, 3.º — Cavaleiro da Chave de Ouro, 4.º — Cavaleiro do Iris, 5.º — Cavaleiro dos Argonautas, 6.º — Cavaleiro do Tosão de Ouro.

Iluminados de Avinhão foi nome recebido pela *Academia Swedenborgiana*, constituida pela união dos *Iluminados Negros*, sociedade maçônica cabalística do sistema de *Pascales*, com várias outras do sistema de Zinnendorf.

(*Diccionario Enciclopédico de la Masoneria*, vol. I, página 421; *Diccionario Enciclopédico Abreviado*, página 266).

Muitos autores, inclusive Augusto de Lima Junior, várias vêzes citado por nós, confundem *Iluminismo* com *Maçonaria*.

Entre as numerosas seitas saidas do *Iluminismo*, a que mais se robusteceu, foi a fundada em 1771 por Adam Weishaupt, professor de Direito Canônico na Universidade de Ingolstadt.

A prova de que *Iluminismo e Maçonaria* eram distintas, embora

ter compreendido que o seu grande ideal patriótico, a emancipação do Brasil, só poderia ser concretizado através da Maçonaria. E por que? Porque a Maçonaria era o poderoso centro difusor da Liberdade, o maior incentivador de luta pela emancipação dos povos. (2)

Em face do exposto, não há porque duvidar que José Álvares Maciel (3) tratou de fundar, de instalar Lojas Maçônicas no Brasil, de contribuir para a sua instalação.

---

com alguns pontos afins, se bem que com muitos antagônicos, é que Adam Weishaupt não era maçon até 1771, quando fundou a sua seita. Sòmente em 1777 êle foi iniciado na Loja Teodora do Bom Conselho, por iniciativa do Barão Knigge.

Quando da realização de um Congresso Maçônico em Wilemsbad, Weishaupt e o Barão de Knigge desenvolveram grande atividade a favor do Iluminismo, tendo conseguido numerosas adesões, inclusive de sacerdotes, entre êles, o prelado Hoerlein, vice-presidente do Conselho Espiritual de Munich, e o bispo de Kherson.

Posteriormente se criou uma situação tal de incompatibilidade entre a Maçonaria e o Iluminismo, que a Loja dos Três Globos, de Berlim, exped u uma circular declarando que "excluiria da Ordem tôdas as Lojas que degradassem os princípios da Maçonaria, introduzindo nelas os princípios do Iluminismo".

(2) Escreveu Pedro Calmon: "A Maçonaria teve a maior parte das responsabilidades naqueles acontecimentos. Foi o sigilo maçônico a alma da revolução desde 1789, nos mistérios de sua catequese está a razão da coerência, da harmonia, da lógica, da facilidade com que se deslocou o Brasil, sem comoções anárquicas, sem experiências temerárias, pela persuasão de uma elite ilustre do obscurantismo até a civilização liberal..."

(*História Social do Brasil*, volume II, página 57).

(3) Augusto de Lima Junior, no bem documentado livro *História da Inconfidência de Minas Gerais*, escreveu às páginas 73, 74 e 75, o seguinte, sôbre Alvares Maciel:

"Outra grande figura de sábio e de patriota foi José Alvares Maciel, nascido em Vila Rica em 1760, sendo batizado em 1 de março dêsse ano, na capela de Santa Quitéria, que existia onde hoje se ergue a igreja do Carmo. Filho do guarda-mor de Vila Rica, capitão José Alvares Maciel, natural de Viana do Castelo, em Portugal e de dona Juliana Francisca de Oliveira Leite, natural de Mariana, o futuro inconfidente tinha como avós paternos Francisco Alvares da Cruz e sua mulher Antônia Maciel, ambos de Viana do Castelo; como maternos, o guarda-mor Maximiano de Oliveira Leite e Inácio Pires de Arruda, naturais de São Paulo. Foram seus padrinhos na pia batismal os seus tios Dr. Francisco Pais de Oliveira Leite e Ana

Uma vez, vamos apoiar-nos na opinião insuspeitíssima de Gustavo Barroso, cuja respeitável autoridade de eminente historiador todos reconhecem, bem como o seu incondicional espírito antimaçônico, que o levá a condenar os mais gloriosos episódios de nossa História, tão-sòmente porque dêles participou a Maçonaria.

Inácia Pires de Oliveira, mulher do capitão Custódio de Sá Ferreira. Maciel fêz seus estudos elementares em Vila Rica, matriculando-se na Universidade de Coimbra em 1782.

Durante três anos cursou José Álvares Maciel, com grande brilho, as aulas universitárias, sendo discípulo do naturalista Domingos Vandelli, de nação italiana, que fôra contratado para ensinar seus especialidades na velha Universidade portuguêsa. José Alvares Maciel, dotado de grande talento e de rija vontade de instruir-se, foi um aluno distinto, obtendo sempre nos três anos do seu curso a nota "nemine discrepante" e várias referências que ilustram de modo eloqüente a excepcional personalidade dêsse infortunado filho de Minas Gerais.

Domingos Vandelli cita-o como sendo o descobridor das jazidas de arsênico da serra da Estrêla, em Portugal e autor de várias classificações de rochas. No livrinho de João Maria Jalles, com o título *Os BALÕES EM PORTUGAL*, publicado em 1887, Maciel está citado entre os alunos do curso de química que tomaram parte em experiências de aerostática.

Em 1784, José Alvares Maciel recebia o gráu em Coimbra, partindo para a França e Inglaterra, sendo certo que se demorou em Montpelier por largo tempo. Andavam em moda as Lojas Iluminadas, centros secretos de reuniões onde as doutrinas da liberdade e melhoria de condições de vida para a espécie humana, constituiam a preocupação principal dos espíritos. Entre os postulados mais importantes, estavam o do aproveitamento das riquezas naturais dos povos que as possuissem, para que o bem estar fôsse de tôdas as camadas sociais, libertadas, ainda, pela instrução. Mais tarde, conforme se verificou, fundiram-se as instituições da maçonaria e a dos iluministas que, por volta dos fins do século dezoito, já constituiam uma e mesma coisa. Em Coimbra, o movimento iluminista ia em franco progresso, não obstante a atenção de Diogo Inácio de Pina Manique, Chefe das Polícias Régias, que de Lisboa exercia uma severa vigilância sôbre os então mal afamados centros de estudos. Na França, núcleo de expansão do movimento, Maciel ligou-se aos outros brasileiros que lá estudavam, filiados às lojas maçônicas e que quase todos acabaram figurando nas páginas das Devassas da Inconfidência de Minas Gerais, em 1789".

"Sua prisão e seus sofrimentos durante os anos trágicos que começaram em 1789, serão conhecidos mais adiante. Êle foi um dos homens mais eminentes que em todos os tempos terão nascidos em Minas Gerais e figura entre os mais ativos coordenadores da gloriosa insurreição espiritual da Capitania das Minas Gerais".

Se retirarmos de nossa História, os episódios promovidos pela Maçonaria que restará?

Em Gustavo Barroso, lemos às páginas 169 e 170 do volume I da *História do Brasil*:

"Foi a Inconfidência de 1794, cujos autos estão guardados na Secção de Manuscritos da Biblioteca Nacional. Segundo depoimento do denunciante principal testemunha, José Bernardo da Silveira Frade, em casa do mestre de Retórica Manuel Inácio da Silva Alvarenga era costume reunir-se uma *academia*, a qual, depois de ser proibida pelo Vice-Rei, passou a realizar assembléias particulares. Concorriam a êsses conciliábulos bacharéis, médicos, professôres. Entre êles o cristão-novo Amarante, boticário, nos fundos de cuja botica se realizavam as sessões maçônicas, em que se liam papéis, afirma a citada testemunha, "na língua francesa aonde se tratava da Revolução de França, e havia vários discursos sôbre a liberdade, sôbre os quais fizeram os mesmos assistentes várias reflexões tendentes a fazer odiosas as monarquias, mostrando grande paixão contra elas e inclinação às repúblicas, encarecendo a felicidade que os povos gozam nas mesmas".

Em nota ao trecho acima, escreveu o mesmo ilustre autor: "Quando tratarmos, das conspirações e revoluções pernambucanas, de 1801 a 1817, veremos como a Maçonaria começou a trabalhar ali sob a forma de *academias, areópagos, sociedades literárias*."

É evidente que, dado o regime opressivo de então, em que os brasileiros viviam (?) desprovidos de direitos, José Alves Maciel não podia dar às suas fundações, o título de *Lojas Maçônicas*. Eram... *academias, aereópagos*, etc.

Era um recurso para escapar à fúria dos esbirros policiais, à sanha feroz dos governadores e demais autoridades portuguêsas, cujos desmandos não conheciam limites.

Sob o título de *academias* (4) funcionavam as Lojas Ma-

(4) Na Argentina, também San Martin e os seus Irmãos denominavam *Academias*, as Lojas Maçônicas.

Cumpre esclarecer que a denominação de *Academia* para as Lojas Maçônicas adotado em alguns lugares, no Brasil, não era uma ino-

çônicas, trabalhando intimoratamente pela grandeza do Brasil. Levados por um ideal sublime, os maçons reuniam-se patriòticamente arriscando as suas vidas a fim de lutar para que o Brasil fôsse livre. A Maçonaria era a coordenadora do movimento, a aglutinadora daqueles esforços, daquelas arrancadas destemidas em busca da Liberdade.

Há outros elementos comprovadores da existência de Lojas Maçônicas no Brasil, fundadas por estudantes vindos da Europa, entre êles José Álvares Maciel. E porque sabiam das idéias liberais de que êles vinham dominados, as autoridades reinóis os vigiavam severamente. (5)

Vejamos as provas circunstanciais:

---

vação. No *Diccionario Enciclopédico Abreviacão de la Masoneria*, pág. 25, encontramos: *"Academia* — Denominação de alguns corpos ou oficinas da Maçonaria. O sistema em que mais se adotou essa palavra é o conhecido por *Maçonaria Filosófica*, que se compõe de muitos ritos e sub-ritos e que começou a funcionar no ano de 1754".

Mário Melo escreveu: "... *essas sociedades, quer se chamassem areópagos, academia, lojas, oficinas, universidades ou coisas semelhantes, eram lojas maçônicas para aqui transplantadas pelos espíritos adiantados que se iniciaram na Europa ou nos Estados Unidos, diferindo de nome justamente para fazer confusão, desnortear o govêrno português, não levantar suspeitas e melhor propagar as idéias da democracia, disfarçadamente*".

(*A Maçonaria e a Revolução Republicana de* 1817, pág. 10).

(5) Lemos em Manuel Querino (*A Bahia de Outrora*, pág. 271): "Notória era a vigilância exercida sôbre os estudantes brasileiros que, nos cursos de Coimbra, davam prova de capacidade intelectual e moral, pois os seus entusiasmos, as suas opiniões eram suficientes para despertar maiores cuidados do govêrno. Com êsse intuito, à proporção que os moços brasileiros iam completando o curso eram despachados para o exercício de cargos públicos em Portugal, sendo que os nascidos em Portugal eram despachados para o Brasil."

Os brasileiros resolveram reagir e decidiram que, a partir de 1819, nenhum dos que terminassem os cursos aceitaria cargo em Portugal assim viriam para o Brasil propugnar pela emancipação, incentivar o movimento libertador".

"Entre os propagandistas do movimento figuravam: o Marquês de Abrantes, o Visconde de Jequetinhonha, Visconde de Fiaes, Dr. Cassiano Espiridião de Melo e Mattos, seu irmão, Dr. Eustáquio de Melo e Mattos, Visconde de Monserrat, Dez. Manuel Messias de Leão, Dr. Francisco Teixeira de Sá, Marquês de Caravelas, Dr. An-

Escreveu Joaquim Norberto, à pág. 96 do tomo I da *História da Conjuração Mineira:*

"No dia 28 de agosto de 1788 apresentou-se o alferes Joaquim José da Silva Xavier ao comandante de seu regimento, para dar parte de doente, pois com efeito chegara enfêrmo à Vila Rica. Reteve-o a sua enfermidade em casa pelo espaço de três meses; suspenderam-lhe a sôldo e teve êle de recorrer ao empenho da amizade que contraíra na cidade do Rio de Janeiro com o Dr. José Álvares Maciel. Era êste jovem parentado com o tenente-coronel de seu regimento Francisco de Paula Freire de Andrade e fácil lhe foi obter o que desejava o pobre alferes. Renovou Tiradentes a prática que tivera com Dr. Alvares Maciel na cidade do Rio de Janeiro, e conseguiu ser, por intermédio de sua pessoa, *iniciado nos mistérios da conjuração que desde muito tempo se tramava em Vila Rica.*

Para um leigo em assuntos maçônicos, pouco valor tem a palavra *iniciado,* empregada no trecho acima. Outro é o caso,

---

tônio Calmon du Pin e Almeida, Dr. Miguel de Mascarenhas, Dr. Policarpo Cabral, Dr. Vicente Ferreira de Magalhães, Dr. Cesar Jacobina, Dr. Lino Coutinho, Dr. Henrique de Paiva, Dr. Bernardino Pereira Vasconcelos, Marquês de Olinda, Marquês de Sapucahy, os irmãos Dr. Bernardo Manuel de Sousa Magalhães, fundador da Escola de Direito de Recife, e José Manuel de Sousa Magalhães, fundador da de São Paulo".

(Ibidem, página 273).

Pedro Calmon escreveu: "Entretanto, os brasileiros combinavam a desforra do Brasil. A sua independência, com um príncipe ou sem êle. Império ou República, França de Napoleão ou América de Washington. A sua emancipação econômica, a abolição das leis restritivas do comércio, uma representação diplomática, um exército, uma armada, uma Constituição, tudo...

Reuniam-se aproximados pelo anhelo que era de todos, ora no quarto sombrio de um quarto anista de Minas Gerais, ora na mansarda, com livros a um canto, de um segundo anista baiano mestiço, forte, violento... e ali, e aqui, professavam a fé, cada dia alentada, na sua terra, no futuro... Liam alto a obra recente do abade de Pradt, a gazeta de Hipólito Costa, alguma história da guerra dos Estados Unidos, o aprazível Godwin...

Não havia então, na cidade universitária, quem não tivesse um partido, um juramento, uma senha, um mistério".

(*O Marquês de Abrantes,* páginas 17 e 18).

entretanto, para quem se adentrou em estudos maçônicos. *Iniciado nos mistérios da conjuração* pode significar admitido, que fêz ato de admissão, de iniciação na Maçonaria.

Observe-se atentamente a frase: Tiradentes regressara do Rio. Renovou com o tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, a *prática* que tivera com Alvares Maciel.

Que *prática* foi essa? Com que sentido está empregado o vocábulo *prática?*

A INICIAÇÃO DE TIRADENTES NA MAÇONARIA

Possìvelmente, Tiradentes foi *iniciado* na Maçonaria pelo Dr. José Álvares Maciel, que, de acôrdo com o ritual, lhe transmitiu os *sinais*, ensinou-lhe a *palavra passe* de aprendiz. Ao apresentar-se ao comandante, Tiradentes demonstrou, provou ser maçon (renovando a *prática*, que tivera com Álvares Maciel) e foi finalmente atendido.

Historiador de reputação sólida, mercê dos seus excelentes trabalhos, Viriato Corrêa, apresenta outra versão: "Quando mercador ambulante, Tiradentes foi muitas vêzes à Bahia para refazer o sortimento de mercadorias para o seu negócio. A capital baiana era o centro da efervescência maçônica, foi mesmo o primeiro ponto de entrada da Maçonaria. E naquela época, as lojas da Maçonaria eram verdadeiras oficinas revolucionárias, verdadeiro centro de cultura, sob a influência das idéias reformadoras do tempo, sob o influxo novo dos enciclopedistas que transformaram o mundo.

Numa daquelas viagens, Tiradentes se fêz maçon e, na atmosfera crepitante das lojas, formou o seu espírito de revolucionário".

(*Terra de Santa Cruz*, pág. 258)

É discutível a afirmação de Viriato Correia que a primeira Loja Maçônica no Brasil haja surgido na Bahia. Mário Melo (1) em *A Maçonaria no Brasil*, escreveu: "Foi Pernam-

(1) Mario Melo, o insigne historiador e sábio maçon, a cuja erudição rendo minhas sinceras homenagens fraternais, com correção maçônica, à página 6 de *A Loja Maçônica Seis de Março de 1817*, (Recife, 1921), reconheceu ter-se equivocado com as seguintes palavras: "O trabalho póstumo do Barão do Rio Branco, *Efemerides Brasileiras*,

buco a província que, a par das liberdades políticas, primeiro implantou o regime da igualdade e fraternidade, com a instalação dêsse Areópago, de onde como satélites surgiram as academias do Paraíso e Suassuna". Ao passo que o Areópago é anterior a 1800, as primeiras lojas que surgiram no Brasil, foram a *Virtude e Razão,* na Bahia, a 5 de julho de 1802, e *Reunião Constância e Filantropia* no Rio de Janeiro, em 1803."

---

publicado pelo Instituto Histórico Brasileiro destrói essa afirmativa que há sido repetida por quantos se têm ocupado do assunto antes e depois de nós".

A página 425 de *Efemérides Brasileiras,* do Barão do Rio Branco, encontra-se o seguinte:

"1800 — Uma divisão naval francesa, comandada pelo capitão Landolphe, tendo cruzado alguns dias perto da barra do Rio de Janeiro, fêz algumas presas e seguiu nesta data para o Norte. Na altura de Porto Seguro encontrou-se com a esquadra do commodore inglês Rowley Bulteel, e no combate renderam-se duas fragatas francesas. Os prisioneiros foram entregues no Rio de Janeiro ao vice-rei conde de Resende. Refere o comandante Landolphe que foi bem tratado porque era pedreiro-livre. Um dos filhos do vice-rei levou-o a uma festa maçônica. "Introduzido no recinto do templo", diz êle, em sua *Memórias*: "Ouvi com muito prazer o discurso do venerável; mas o que me encheu de admiração foi ver nesse lugar, entre os primeiros chefes militares e administradores da colônia, personagens revestidos das primeiras dignidades da Igreja".

A julgar pela exposição que nos fêz Felício dos Santos, de reuniões maçônicas em Tejuco e do entêrro do cadete Vieira Couto com insignias de macon e pelas conclusões a que chegamos e exaramos aqui não padece a menor dúvida, que houve Lojas Maçônicas em Minas, anteriormente a 1800, isto é, antes da fundação do Areópago de Itambé.

Desconhecemos em que se baseiou o historiador Viriato Correia, notável pesquisador, para asseverar que Tiradentes foi iniciado na Bahia.

Acêrca de Lojas Maçônicas na Bahia, escreveu Manuel Bonfim: "O Padre Fonseca Neves denunciou, em 1789, a existência de *uma sociedade revolucionária na Bahia, em cujas sessões se davam gritos à Liberdade...* denúncia confirmada no dia 12 de agôsto pelo aparecimento de papéis sediciosos. Então, sob o govêrno de Fernando Portugal, abriu-se uma devassa e quatro infelizes, considerados chefes, foram sentenciados à morte e executados em 8 de novembro de 1799. Os mais foram degradados para a África, onde se lhes terminou a existência'". (*O Brasil,* página 101)

Mais um padre inimigo da Liberdade! Que grande coração! Que elevado espírito cristão! Ser o causador da morte de quatro pessoas e da degradação de outras! Que padre!

O inglês Thomas Lindley, no livro *Narrative of voyage to Brazil,* refere-se à existência de maçons na Bahia, em 1803.

O Dr. Afonso E. Taunay no livro *Na Bahia de Dom João VI,* comenta o livro de Thomas Lindley. À pág. 48, encontramos o seguinte "Interessante a notícia que Lindley nos dá de *Exéquias maçônicas numa igreja baiana:* "os maçons, relata, sairam da habitual prudência para assistir ao entêrro de um irmão, alta patente da armada real. Cercavam o caixão empunhando círios, enquanto o sacerdote lia as orações dos mortos".

À pág. 52 lemos: "Era Lindley maçon e tendo conhecido um correligionário baiano, êste o apresentou a outros de sua grei. Apesar das violências da Inquisição, que já custara muitas vitimas, à Maçonaria, estava então sòlidamente implantada..."

Voltemos à visita de Tiradentes ao tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrade.

Meu velho e erudito Amigo, Professor Mário da Veiga Cabral, à pág. 179 de sua *História do Brasil,* assim narra a visita de Tiradentes ao comandante:

"Retirou-se Tiradentes satisfeitíssimo, não por saber que seu comandante tomava parte no movimento, *mas por lhe ter êle dado a conhecer que também estava iniciado no misterioso trama*".

Reflexionemos: *Retirou-se satisfeitíssimo não ùnicamente porque o comandante tomava parte no movimento, mas por lhe ter dado a conhecer que também estava iniciado.*

Iniciado em quê?

No Trama? Não, de vez que isto já havia sido dito com a palavra *movimento*. *Iniciado* em que, portanto? O coronel Freire de Andrade dera a conhecer a Tiradentes que também estava *iniciado* em quê?

Claro que na Maçonaria. E como? Por meio de sinais, principalmente pelo *toque*.

De todos os maçons, é conhecida a frase: "iniciar-se em nossos augustos mistérios", com que o Primeiro Experto responde a uma pergunta, logo no comêço da iniciação. *Iniciado, iniciação, mistério* são vocábulos de uso freqüente na Maçonaria.

Qualquer um de nós maçons, desde o grau de aprendiz, sabe o que significa *dar-se a conhecer*, é demonstrar, provar que é maçon. Para nós é claríssima a frase.

O que houve, deve ter sido o seguinte: Tiradentes, ao aproximar-se do coronel Paula de Andrade, fêz os sinais que aprendera na *iniciação, deu-lhe o toque maçônico* e o coronel respondeu, *provando-lhe que também estava iniciado*.

Joaquim Norberto de Sousa e Silva, à pág. 165 do vol. I da *História da Conjuração Mineira*, escreveu: "Aparentado (refere-se a Domingos Vidal Barbosa) com o coronel Francisco Antônio de Oliveira Lopes, pois era seu cunhado, dirigiu-se logo à sua casa e lhe foi confiar em segrêdo tudo quanto lhe dissera o jovem Rezende. *Achava-se porém, o coronel Francisco Antônio igualmente iniciado nos mesmos mistérios*".

Mais outro *iniciado nos mistérios*. Qualquer maçon, mesmo o recentemente *iniciado*, sabe a interpretação que deve dar às palavras sublinhadas. *Iniciado nos mistérios* é aquêle que é

maçon, que deixou de ser *profano*, que já conhece a *Acácia*, que *já realizou as três viagens simbólicas*. (2)

(2) "À fôlha 60 da *Sentença da Alçada de 18 de abril de 1792 sôbre a Inconfidência Mineira*, consta: "... os réus Tiradentes, Francisco de Paula e o Padre José da Silva Rolim, sem embargo *de ser o lugar destinado para ditos conventículos a casa do reu Paula*, para os quais eram chamados êstes cabeças..." (Transcrição do autor dêste livro).

As páginas 284 e 285, do volume I da *Pequena Enciclopédia Maçônica*, excelente trabalho de Octaviano Menezes Bastos, lemos o seguinte:

"*INICIAÇÃO* — Espécie de educação gradual, na qual o discípulo instruído primeiramente das suas possibilidades por meio de uma exposição dogmática e ainda hipotética, desenvolve em si, por seus próprios esforços, faculdades transcendentes, das quais não possui agora senão o germem.

Entre os antigos existiam duas espécie de *iniciação*: a dos Mistérios Pequenos e a dos Mistérios Grandes.

A primeira destas iniciações não comportava senão um apanhado sintético das ciências elementares, dos princípios gerais, pouco definidos do ocultismo.

A iniciação dos Mistérios Grandes, a *grande Iniciação* ou a *Iniciação*, pròpriamente, abrangia a metafísica da ciência, no seu grande desenvolvimento assim como a prática da arte sagrada ou *Ocultismo*.

A Arte Sagrada era ensinada nos templos por professôres hierarquicos que faziam o Neófito passar pelos diversos gráus da Iniciação.

A Grande Iniciação era identica em todos os santuários ocultos. (V. Provas — Mistérios):

INICIAÇÕES — (C. Provas, Pitágoras).

INICIADO — O iniciado é o que tem conhecimento dos Mistérios, isto é, que conhece a *ciência oculta, a arte sagrada*.

Tal é o verdadeiro *iniciado*.

O *Iniciado* de grau elevado na *ciência oculta* é o que tem o poder de mandar sôbre os Espíritos elementares e, por conseguinte, o de impor silêncio ao raio, domar as ondas e a tempestade. Pode também restabelecer no corpo humano o equilíbrio perdido; regenerar os órgãos e fazer voltar a saúde. E tudo isso se realiza pelo exercício da sua própria vontade que põe em movimento o fluido magnético.

Para alcançar o poder, é necessário, consoante a linguagem simbólica dos *antigos mistérios*, ter atingido a idade de 33 anos. Chega o homem a essa idade, quando preencheu as doze horas de labor, quando transpôs as 12 portas, quando venceu os cinco sentidos e obteve o domínio sôbre os quatro espíritos dos elementos. O pretendente deve ter nascido imaculado, batisado pela água e pelo fogo, *tentado* no deserto, *crucificado e enterrado*.

Há de ter recebido cinco chagas sôbre a Cruz e ter decifrado o enigma proposto pela Esfinge.

Hoje, iniciado é o que conhece os rudimentos da doutrina esotérica: é o gráu conferido antes do de adepto".

A página 137 do citado livro, há um trecho que não deixa a menor dúvida quanto à qualidade maçônica de Tiradentes. Ei-lo:

"Estas práticas e as notícias que o padre e o alferes traziam todos os dias, verdadeiras ou inventadas por êles, do que se passava ou devia passar-se nos conventículos, e de que finalmente três heróis como *Tiradentes, Alvarenga e Francisco de Paula libertariam a pátria por isso que eram mazombos* e também sabiam governar..."

Joaquim Norberto de Sousa e Silva esclareceu que *mazombo* significava *maçon*.

Não apenas robustece a hipótese, mas consolida a convicção de que Francisco de Paula era maçon (que Joaquim Norberto de Sousa alcunha de *mazombo*). Um episódio decisivo, descreve-no-lo Augusto de Lima Júnior, às págs. 136 e 137 de *História da Inconfidência de Minas Gerais*. Ei-lo:

"Todos os dias depois dos seus trabalhos no quartel, que era na rua das Flores, onde existe hoje um grupo escolar, partia Francisco de Paula para a sua chácara no Cruzeiro lá jantando, às vêzes, e tornando para sua casa da rua Direita muito *tarde da noite*.

Era essa chácara o local mais adequado às reuniões... (3) quando desejava entender-se secretamente com alguns oficiais do meu Regimento, e mais companheiros para o preparo do ato da insurreição.

O Livro Maçônico do Centenário, à página 155 esclarece:

"*Iniciação*: Admissão aos mistérios da Maçonaria.

Iniciado: O que é admitido à iniciação".

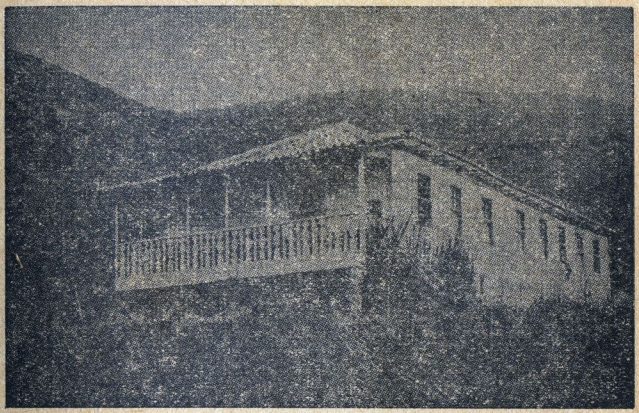
À página 68 do *Manual del Aprendiz*, da excelente coleção Magister, lemos:

"A primeira coisa que se torna necessária é compreender o significado da palavra *iniciação*, e como deve ser interpretada.

Iniciação é a palavra derivada do latim *iniciare*, que tem a mesma etimologia de *initium, início ou começo*, provêm as duas de *iu-ire, ir dentro* ou *ingressar*. Assim é há nela duplo sentido: de: *ingresso em* ou de *começo de, princípio de* uma coisa nova. Em outras palavras, *iniciação* é a *porta* que conduz a ingressar em um novo estado moral ou material, no qual, se *inicia* ou começa uma nova maneira de ser ou de viver".

"Cada *iniciação* tem as suas formas particulares e a Iniciação Ma-

Foi aí que, em março de 1789, se traçou o plano final de operações para ser levado a efeito no dia em que se marcasse o início delas.



Casa dos Inconfidentes. Nela se reuniam os conjurados, nas caladas da noite, debatendo, concertando e resolvendo os planos da Inconfidência

Nessa reunião, talvez a última anterior às prisões, segundo o testemunho verídico de Tiradentes, resolveu-se tudo quanto respeitava ao lance inicial do motim, pois que estava anunciada a Derrama e isso constituía um excelente meio de excitar os tímidos, os comodistas e os que só se movem quando se lhes toca nas algibeiras.

Foi um almôço, em dia de domingo, que serviu para essa reunião. Estavam em tôrno da mesa, além de Francisco de

---

cônica, derivada das iniciações operativas e *companheristas* (Compagnonniques), relaciona-se de um lado com a *arte de construir-se* e do outro, com os mistérios antigos, com o mito de Hiram".

(Jules Boucher, *La Symbolique Maçonnique*, XVIII, Dervy, 1948).

"Os ritos *inicitivos* representam a evolução do espírito humano,

Paula que a presidia como anfitrião, seu cunhado José Alvares Maciel, os padres Carlos Correia de Toledo e José da Silva Rolim, além de outros conjurados de Vila Rica. *Depois de ouvir minucioso relatório do alferes Joaquim José, que regressara do Rio de Janeiro, onde mantivera contactos decisivos com os confrades das Lojas Maçônicas, e que lá dirigiam o movimento da insurreição".*

É fácil de imaginar que dificilmente, Tiradentes, como maçon que era, iria *expor* contactos fraternais mantidos com *Irmãos* de Lojas Maçônicas, a não ser a maçons.

---

evolução que, no sistema cristão (que é o mais familiar à alma ocidental) se verifica nas fases de: Purificação, Iluminação, e União".

(J. M. Ragon, *La Masoneria Oculta y la Iniciación Hermética*, 10, Editorial, Kier, Buenos Aires, 1951).

"As iniciações são 4: na primeira nasce o Cristo no discípulo. Nela realiza o *iniciado* a sua união com tudo que vive".

(Ibidem, página 11).

"*Iniciação* — as cerimônias pelas quais se ingressa na Ordem, por meio de provas, juramentos e comunicações de mistérios. Esta prática data da mais remota antiguidade".

(Lorenzo Frau Abrines, *Diccionario Enciclopédico de la Masoneria*, volume I, 426).

"*Iniciações* — a obscuridade referente à orígem da *iniciação* primitiva, deve principalmente atribuir-se à crença geral de que os seus diversos gráus foram estabelecidos em uma só época e é por uma reunião de filósofos que viviam em comum".

(Ibidem, página 427).

"O homem que aspira aos benefícios da *iniciação* maçônica é apresentado no Templo".

(General Adolfo Terrones Benitez y prof. Alfonso León Garcia, *Los Veintiun Temas del Compañero Mason*, página 23, Editorial Aries, Toluca, México, 1946).

"A isso, referem-se as provas físicas e morais da iniciação".

"Ao *iniciado*, não lhe basta saber que deve ter a fôrça e vontade de necessárias..."

(Ibidem, página 24).

"A *Iniciação*, no 1.º grau dos grandes mistérios realizava-se na noite do dia 21).

(O. E. Brien, *Les Sociétés Secrétes des Mystères*, pág. 258)

Dezenas e dezenas de outras transcrições poderiamos fazer para comprovar o sentido de: *iniciação, iniciado* e *iniciar-se* em Maçonaria. Sôbre Maçonaria e sociedades secretas, dispomos em nossa biblioteca, de mais de duas centenas de livros.

TIRADENTES FUNDA UMA LOJA MAÇÔNICA EM TIJUCO

> "Pois, com tôda essa constante e profícua atividade, não faltava tempo ao alferes Joaquim José, para estudar assuntos que êle entendia serem de interêsse para a sua terra. Tinha o que hoje denominamos e raramente encontramos: "espírito público".

Iniciado na Maçonaria, tomava parte nas reuniões desta, no Rio de Janeiro e pregava as suas doutrinas onde quer que se encontrasse.

> (Augusto de Lima Júnior, *História da Inconfidência de Minas*, pág. 106)

Não resta dúvida de que Tiradentes era maçon e maçon convicto, entusiasta. O Dr. J. Felício dos Santos, escreveu à pág. 217 de *Memórias do Distrito Diamantino da Comarca do Sêrro Frio*, publicado em 1868 (Tipografia Americana, Rua dos Ourives, 19, Rio), o seguinte:

"Foi na intendência do Dr. Beltrão que se fêz a prisão do nosso distinto patrício, o padre José da Silva e Oliveira Rolim. Não há mineiro que ignore a história da nossa gloriosa tentativa de independência de 1789; por isso, e por não pertencer ao quadro desta narração, dispensamo-nos de narrá-la.

Talvez que em parte nenhuma da capitania fôsse ela aceita com mais entusiasmo que na comarca de Sêrro Frio: é que sôbre nós mais pesava o jugo da metrópole. Os conciliábulos faziam-se alta noite em casa de José da Silva e Oliveira, pai do Padre Rolim; a êles concorriam as principais pessoas do Tejuco e diz-se que até o intendente Beltrão se envolvera na conjuração; mas guardava-se o maior segrêdo sôbre as deliberações e nomes dos comprometidos. *Os conjurados eram todos iniciados na maçonaria, introduzida por Tiradentes quando por*

aqui passou vindo da Bahia para Vila Rica. Contavam com o apoio de tôda a população e só se esperava o rompimento em Vila Rica, quando se soube que o traidor Joaquim Silvério dos Reis, denunciara tudo ao governador visconde de Barbacena. Dos conjurados do Tijuco só foi condenado o padre Rolim, por ter estado no Rio de Janeiro com Joaquim José da Silva Xavier (Tiradentes). Por muito tempo jazeu nas masmorras do Limoeiro, donde foi transportado para um dos presídios mortíferos da África, as Pedras de Ancoche".

Como se vê, Tiradentes, na sua passagem por Tijuco, (atualmente Diamantina) ali introduziu a Maçonaria. Conclui-se das palavras transcritas que a Loja funcionava na residência de José da Silva e Oliveira, pai do famoso Padre Rolim (1) também maçon, e que a ela "concorriam as principais pessoas do Tijuco".

Uma vez mais os oprimidos viam na Maçonaria, intransigente defensora da Liberdade, da dignidade, dos direitos do homem, um meio para reagir contra os desmandos dos prepotentes, contra as arbitrariedades dos que desonram o poder.

Muito é para notar, não só o trabalho decidido, o empreendimento de Tiradentes, arriscando a vida para fundar mais uma Loja Maçônica em Minas, com o apoio resoluto da maioria da população, vítima de atrocidades praticadas por intendentes que se não sabia o que mais eram, se desonestos, se ignorantes.

E dizer-se que ainda há quem, por ignorância desmedida, ou por alucinante fanatismo religioso ou revoltante má fé, ainda pretenda negar que Tiradentes foi maçon!

Há atrevimento, há cinismo, há descaramento para tudo!

---

(1) O Padre José da Silva de Oliveira Rolim, foi preso em Tejuco, pelo capitão Manuel da Silva Brandão, por ordem do Governador Visconde de Barbacena e levado escoltado para Vila Rica.

Acêrca do Padre Rolim, escreveu o historiador mineiro Augusto de Lima Junior: "Uma das figuras de grande atuação e valor na conjuração foi o Padre José da Silva Rolim, homem abastado e culto. Filho do Sargento-mor José da Silva de Oliveira, Caixa da Régia Extração dos Diamantes, no Tijuco, (atual Diamantina) e de Ana Joaquina Rosa, nasceu o padre Rolim em 1747, no famoso arraial dos Diamantes.

(*História da Inconfidência de Minas Gerais*, pág. 77).

TIJUCO, FOCO DAS IDÉIAS REVOLUCIONÁRIAS

APOIO DA POPULAÇÃO À MAÇONARIA. A INQUISIÇÃO ATIRA ÀS MASMORRAS UM MAÇON

No capítulo anterior vimos, baseados em informações fornecidas pelo Dr. Felício José dos Santos, que Tiradentes fundou uma Loja Maçônica em Tijuco (atualmente Diamantina).

Vejamos como o mesmo autor descreve-nos o estado de ânimo da população de Tijuco, a grande influência que nela exerciam as idéias enciclopedistas e, por conseqüência, da Maçonaria.

"Já dissemos que os conjurados contavam com um numeroso partido em Tijuco, foco das idéias revolucionárias da comarca, que correspondia-se diretamente com Vila Rica e transmitia os planos da conspiração ao norte da capitania. Demais de todos os pontos da capitania do Tijuco o que entretinha relações mais imediatas, não só com a metrópole, por meio dos correios diretos e enviados da Extração, como com outros países da Europa, em razão do contrabando, que de contínuo se fazia pela Bahia e Rio de Janeiro principalmente com a Holanda e Inglaterra, quase os únicos consumidores de diamantes brutos extraviados.

Destas relações resultou que nós fomos dos primeiros conhecedores, e os mais ardentes entusiastas da grande agitação política e moral, porque passava a Europa no século XVII. *Nossa pequena sociedade neste canto do mundo também logo animou-se com o mesmo espírito de filosofia dos enciclopedistas; seus livros eram procurados com sofreguidão e suas idéias*

de liberdade aceitas com tanto mais predileção, quanto mais tínhamos necessidade de vê-las realizadas".

O DR. VIEIRA COUTO, MAÇON

O nosso patrício Dr. José Vieira Couto, médico naturalista, tendo finalizado seus estudos em Coimbra no ano de 1777 e viajado grande parte da Europa, em companhia de José Bonifácio de Andrada e de Manuel Ferreira Câmara, tinha voltado a Tijuco (1). O Dr. Couto apesar de monarquista por dedicação à rainha D. Maria I, era um dos mais fortes propugnadores das novas idéias. Um de seus irmãos, *José Joaquim Vieira Couto, foi perseguido como iniciado na maçonaria e condenado pelo tribunal da Inquisição*. O Dr. Plácido, o padre José da Silva de Oliveira Rolim, que já vimos ter sido condenado como inconfidente, e outras muitas pessoas distintas faziam parte de uma *associação,* com o fim de promover a independência do Brasil e libertar dos *tiranos* a pátria: assim denominavam os monarcas".

Memórias do Distrito Diamantino da Comarca do Sêrro Frio, pág. 221)

Através das linhas transcritas, conclui-se que, em Tijuco, predominava um espírito liberal, germinaram, frondeceram as idéias dos enciclopedistas e a população alicerçava a maçonaria, com o seu decidido apoio.

A INICIAÇÃO DO PADRE ROLIM NA MAÇONARIA

"O Tiradentes, *iniciou* o padre José da Silva de Oliveira Rolim em todos os segredos. ....

.. ..

eis porque teve êle entrada na casa do tenente-coronel

---

(1) É provável que, a exemplo do que ocorrera com outros brasileiros, o Dr. José Joaquim Vieira Couto se houvesse iniciado na Europa, possìvelmente em Coimbra, onde havia Lojas Maçônicas.

Francisco de Paula em dias de reuniões dos conjurados e veio a tomar parte nas palestras sediciosas".

(J. Norberto de Sousa Silva, *História da Conjuração Mineira*, 1.ª edição, pág. 133. 2.ª edição — vol. II, pág. 136)

"O Dr. Plácido, o padre José da Silva de Oliveira Rolim... e muitas outras pessoas distintas *faziam parte de uma associação com o fim de promover a independência do Brasil*".

(Dr. Felício dos Santos, *Memórias do Distrito Diamantino da Comarca de Sêrro Frio*, 1.ª edição, pág. 221. Na edição do *Arquivo Público de Minas*, o trecho acima está à pág. 14 da 2.ª parte).

J. Norberto de Sousa e Silva, diz-nos que Tiradentes *iniciou* o padre em todos os segredos. O historiador baseou-se no depoimento prestado pelo Padre José da Silva de Oliveira Rolim, prestado no 2.º interrogatório em 17 de abril de 1790, constante da p. 13 da *Devassa do Rio de Janeiro*.

Foi, portanto, o Padre Rolim que declarou ter sido *iniciado* por Tiradentes. Já vimos o que significa para qualquer maçon, mesmo para os principiantes, o que significam: *iniciar* e *ser iniciado*.

Há uma passagem que deve ser esclarecida. Vamos dividí-la. 1.º — Tiradentes *iniciou* o Padre Rolim em todos os segredos; 2.º — "eis por que êle teve entrada na casa do tenente-coronel Francisco de Paula, em dias de reunião dos conjurados".

Se o Padre Rolim foi *iniciado* por Tiradentes, é porque êste já estava iniciado, já era maçon.

Conclusão: depois de *iniciado*, o Padre Rolim passou a ter entrada nos dias de reunião dos conjurados.

E por que não antes?

Porque as reuniões eram de caráter maçônico e só os *iniciados* poderiam participar delas, isto é, os que conhecessem as formalidades ritualísticas, palavras, toques, modo de entrar, etc.

Um estranho, um *profano*, não consegue penetrar em uma reunião maçônica.

Informa-nos o Dr. Felício so Santos que o Dr. Plácido, o Pe. Rolim e "outras muitas pessoas distintas faziam parte de uma *associação*"" existente em Tijuco.

E que *associação* era essa, cujo objetivo era promover a independência do Brasil?

Não há dúvida, era a Loja Maçônica fundada por Tiradentes em Tijuco e na qual se fizera a *iniciação* do Padre Rolim e de outras pessoas.

Quanto à existência dessa Loja Maçônica, é inadmissível qualquer dúvida. Basta ver-se o depoimento de Felício dos Santos, acêrca do sepultamento do cadete Vieira Couto com paramentos e insígnias maçônicas.

Acêrca do Padre Rolim, escreveu Joaquim Norberto de Sousa e Silva, às páginas 132 e 133, do vol. I da *História da Conjuração Mineira:*

"Era o Padre José da Silva de Oliveira Rolim, o qual, segundo já disse, aderiu à conjuração e assistiu a dois de seus conventículos celebrados em casa do tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrade.

Vira a luz no arraial do Tijuco (318), na comarca do Sêrro Frio, contava quarenta e um anos de idade e era filho do sargento-mor José da Silva de Oliveira e Ana Joaquina Rosa. E como tinha o sargento-mor quatro filhos varões, além de uma filha, entendeu que o mais velho devia ser sacerdote, outro bacharel em direito, e os mais lavradores como êle; era o estilo do tempo torcerem os pais as vocações dos filhos contrariando a natureza. Em vez porém de um, achou-se com dois filhos sacerdotes. José da Silva de Oliveira Rolim, que havia nascido para as aventuras arriscadas e não para a vida tranqüila de paz e sossêgo, protegida pelo altar, abraçou repenti-

namente a profissão eclesiástica, professando na qualidade de presbítero, o hábito de São Pedro e deixando a carreira a que seu pai o destinara.

Nessa troca de confissões quiseram ver os seus inimigos, uma evasiva para escapar à punição do crime que lhe resultou de uma morte que fizera. (319)"

Há uma frase maçônica, no trecho transcrito, na qual os profanos não atentam e dão-lhe uma interpretação inexata. Qualquer maçon, compreende-la-á devidamente. Ei-la:

"Vira a luz no arraial do Tijuco".

Para quem não seja maçon, *ver a luz,* pode ter o seu sentido normal e o de nascer. Para qualquer maçon, porém, *ver a luz* significa *nascer* sim, mas nascer para outra vida, *para a vida maçônica.*

Receber ou ver a luz pode ter a acepção de: *tornar-se maçon.*

No Diccionário Enciclopédico Maçônico de Lorenzo Frau Abrines, vol. II, pág. 994, encontramos:

"*Recibir la luz:* iniciar-se na Franco-maçonaria".

No Manual del Aprendiz, da *Colección Magister,* lemos à página 97:

"O juramento ou obrigação que acaba de contrair diante de todos e fundamentalmente consigo mesmo, com o propósito que leva a cabo como testamento em sua vida profana, e com o qual as resoluções iniciadas do mesmo testamento se acham solenemente *conformadas e seladas,* tornam o recipiendiário digno de *ver a luz...*"

"É a *luz* que se lhe dá simbòlicamente por duas vêzes, depois de havê-lo feito sair momentâneamente do Templo"...

No Ritual, para a sessão de iniciação, há uma passagem em que *se dá a luz ao iniciando* (não podemos fornecer outros esclarecimentos).

Que acepção devemos dar à frase *vira a luz em Tijuco,* referente ao Padre Rolim, considerando-se que, na casa do pai dêle funcionava uma Loja Maçônica fundada por Tiradentes?

A MISSÃO DO MAÇON VIEIRA COUTO

José Joaquim Vieira Couto, sabidamente maçon, foi enviado a Lisboa como delegado da população oprimida da Comarca do Sêrro Frio, a fim de pleitear do Rei de Portugal, providências que pusessem côbro às inqualificáveis arbitrariedades do intendente João Inácio, homem de maus instintos, capaz de ordenar as maiores atrocidades.

Pôsto José Joaquim Vieira Couto houvera saído às escondidas de Tijuco, inteirou-se o intendente de sua missão e denunciou-o à Santa (Santíssima, talvez...) Inquisição. Quando Vieira Couto aprestava-se para regressar ao Brasil, foi prêso por Ordem do Santo Ofício e atirado desumanamente em uma das terríveis masmorras da Inquisição. Foi condenado sem agravo nem apêlo, sem possibilidade de defesa, sem o menor resquício de Justiça, a apodrecer nos infernais cárceres inquisitoriais, comprovadores da existência do inferno, mas na terra e dirigido com espantosa crueldade pelos Jesuítas, os mesmos que queimaram viva a heróica Joana d'Arc, que lutou bravamente em defesa da Igreja Católica, os mesmos que, impiedosa, inìquamente alimentaram as chamas de horrendas fogueiras, com centenas de pessoas queimadas vivas.

E dizer-se que, sacrìlegamente, êsses braseiros eram erguidos invocando os Jesuítas, o nome sagrado de Deus, de Deus infinitamente bom, de Deus misericordioso, que se deixou crucificar para salvar-nos, de Deus que pregou o perdão!

Torturadores cruéis, atrozes, e a invocar o nome de Deus, dêsse Deus essência de bondade, síntese do bem, dêsse Deus em que acredito, que cultuo devotadamente, porque sou sinceramente religioso, tão confiante na bondade divina que não julgo Deus capaz de haver criado inferno, purgatório e outras bobagens.

POR QUE OCULTAM A VERDADE?

A INCONFIDÊNCIA MINEIRA, EMPREENDIMENTO MAÇÔNICO. INFORMAÇÕES CATEGÓRICAS, CONCLUDENTES

"A Inconfidência de Minas tinha sido dirigida pela Maçonaria. Tiradentes e quase todos os conjurados eram pedreiros-livres".

(J. Felício dos Santos, *Memórias do Distrito Diamantino da Comarca de Sêrro Frio*, pág. 253)

O Dr. J. Felício dos Santos viveu muitos anos em Tijuco, atualmente Diamantina. Parece-nos mesmo que lá nasceu.

No prefácio do seu raríssimo livro *Memórias do Distrito Diamantino da Comarca do Sêrro Frio*, êle escreveu:

"No ano de 1862 encetei no periódico *Jequitinhonha* a publicação de vários artigos sôbre o distrito diamantino da comarca de Sêrro Frio (Província de Minas Gerais)".

. . . . . .

Diamantina, 1.º de outubro de 1864".

Através da leitura do citado livro, colhe-se a impressão, pelo equilíbrio das observações feitas, pela justeza das ponderações, que o autor, ao escrever os artigos, já era entrado em anos, já devia, é de presumir, ter ultrapassado pelo menos os quarenta.

É de imaginar-se que houvera nascido em 1820, senão antes, isto é, trinta ou talvez menos anos após a morte de Tiradentes no patíbulo. Conservadas, bem conservadas ainda, deviam de estar, em muitos, as recordações da morte atroz, requintadamente perversa, imposta a Tiradentes e que havia de imortalizá-lo. Viviam ainda, sem dúvida, algumas pessoas, testemunhas oculares dos acontecimentos. Deviam existir ainda, em Tijuco, octogenários que se recordavam de ocorrências havidas em Tijuco, inclusive da passagem de Tiradentes por lá, da fundação da Loja Maçônica, do Padre Rolim, do Dr. José Vieira Couto, etc.

O próprio Dr. Felício dos Santos, em várias passagens do seu livro, declara ter ouvido pessoas que estavam a par dos acontecimentos, de sorte que os seus informes são fidedignos, merecedores de todo o crédito.

Às páginas 253, 254 e 255 de seu precioso livro, o Dr. Felício dos Santos apresenta-nos valiosas informações esclarecedoras, que nos impelem à conclusão de que a História do Brasil está escandalosamente adulterada, falsificada por mistificadores, em sua maioria, rotulados de historiadores. Em sua quase totalidade, os *fabricantes* de compêndios de História do Brasil, são falsários, ocultam a verdade, por covardia vergonhosa, por cretinice torpe ou por sórdido mercantilismo.

Tão categóricas, tão expressivas, tanta luz elas lançam sôbre a Inconfidência Mineira, que não podemos deixar de transcrever as informações do Dr. Felício dos Santos.

Ei-las:

"A Maçonaria oferecia o tipo de uma sociedade organizada sôbre princípios diferentes da sociedade civil: sua base fundamental era a igualdade dos homens. No interior de suas lojas liam-se, por entre emblemas fúnebres, aterradoras máximas como esta: As distinções humanas aqui são desconhecidas; se ainda as reconheceis, retirai-vos. *Não tinha por fim atacar a religião, como injustamente foi acusada; pelo contrário, uma das perguntas, que se fazia ao neófito, era se ti-*

nha uma creança, ao menos o deismo, para poder ser admitido e filiar-se. Um dos seus principais dogmas era a filantropia. Não sabemos como a maçonaria se introduzira no Brasil; é certo porém, que no meado do século passado já funcionava na Bahia o grande oriente maçônico, e é um fato, que se não pode negar, a sua importante cooperação no trabalho lento, oculto, persistente, para a nossa independência. A inconfidência de Minas tinha sido dirigida pela maçonaria. Tiradentes e quase todos os conjurados eram pedreiros-livres.

Quando Tiradentes foi removido da Bahia, trazia instruções secretas da maçonaria para os patriotas de Minas. Em Tijuco o primeiro que iniciou-se foi o padre Rolim, depois o cadete Joaquim José Vieira Couto e seus irmãos."

SEPULTADO COM INSÍGNIAS MAÇÔNICAS

"A conspiração malogrou-se. Da família Couto, o cadete *Joaquim José Vieira Couto foi o único perseguido; faleceu em Tijuco em conseqüência de uma enfermidade adquirida na cadeia de Vila Rica. Ainda existem pessoas que assistiram ao seu funeral: seu cadáver ia fardado, com um ramalhete de rosas brancas na mão direita e revestido das insígnias maçônicas do grau de mestre.* Isto demonstra a importância, que naquele tempo dava-se à maçonaria, e a influência de que gozava em Tijuco a família Couto. Hoje um funeral dêstes em público seria um escândalo, uma profanação.

Tinham-se extinguido as primeiras chamas da revolução, mas esta ainda continuava a arder às surdas, *ateada por tôda a parte pela maçonaria.* Em Tijuco eram principalmente o Dr. José Vieira Couto e seu irmão José Joaquim Vieira Couto os que mais alentavam o espírito de independência, que ia sempre em aumento, apesar de ter-se baldado a primeira tentativa, ou talvez por isso mesmo. O Dr. Couto era mais reservado; seu irmão, imprudente e desconsiderado, deixava fàcilmente trans-

parecer seu pensamento, e por isso já era olhado como suspeito e conhecido na côrte pela liberdade de suas idéias.

José Joaquim Vieira Couto chegando a Lisboa, como procurador do povo de Tijuco, na qualidade de pedreiro-livre, achou-se em contacto com muitos homens eminentes, e entre êles, Hipólito José da Costa, com quem relacionou-se mais estreitamente, sem dúvida pela homogeneidade de pensar e ardente espírito de patriotismo, que animava estes dois brasileiros. Hipólito é bem conhecido no Brasil pelo muito que fêz em prol da independência, como redator do *Correio Brasiliense*.

O Santo Ofício, como já dissemos, servia de algoz aos fracos governos de D. Maria I e do príncipe regente: era quem os descartava de algum súdito importuno, quando não tinham a necessária coragem de fazê-lo abertamente. A côrte portuguêsa era tôda voltariana; e por conseqüência não era por espírito religioso, que se perseguiam os pedreiros-livres, e que se procurava punir a liberdade em matéria religiosa em um tempo, em que dominava o *filosofismo*.

Por imprudência de José Joaquim Vieira Couto foi conhecido o segrêdo de sua intimidade com Hipólito José da Costa, intimidade nascida das idéias liberais que tinham ambos. Quando menos o esperavam foram presos e encarcerados nas masmorras da Inquisição, onde jazerão por muitos anos.

Nesse tempo, residiam em Lisboa vários brasileiros, e entre estes, o nosso patrício José Eloy Otoni (1) primo irmão de Couto. Otoni, indo solicitar em favor de seu parente, teve insinuação de um dos inquisidores para ocultar o parentesco, que o ligava ao proscrito, revelando-se-lhe estas palavras, que foram atribuídas ao príncipe regente: *O Couto e o Hipólito são capazes de revolucionar o reino, e o que é mister é conhecer-se-lhe os amigos*.

---

(1) Era tio de Teófilo Otoni. Em 26 de fevereiro de 1821. José Eloy Otoni, num teatro do Rio, ergueu-se na platéia e, diante de D. João VI, declamou o vibrante sonêto seguinte:

Em 1807, Junot (2), que conquistara Portugal à frente de seis mil homens de tropas francesas, já extenuadas de fadigas, obrigara a côrte a vir procurar um abrigo no Brasil, Junot mandou abrir os calabouços da Inquisição. Hipólito seguiu para a Inglaterra, onde foi redigir o *Correio Brasiliense*, e Vieira Couto, por acôrdo com seu amigo, deixou-se ficar em Lisboa, a fim de combinar com os franceses sôbre o melhor meio de libertar sua pátria do jugo português.

Quando Vieira Couto apresentou-se ao general francês, êste fêz-lhe o mais favorável acolhimento. "Sr. Couto, disse-lhe Junot, já o conhecia. Sei que o seu crime é ser maçon, e também maçon é o imperador, meu amo".

Não sabemos quais as conferências havidas entre Vieira Couto e Junot.

Portuguêses! A nuvem tenebrosa
Que ofuscava a razão desaparece.
Desfez-se o caos que a discórdia tece:
Já se encara sem mêdo a luz formosa.

Dos erros a progênie maculosa
Baqueando em soluços estremece
A Justiça dos céus ao trono desce,
Marcando os faustos à nação briosa.

Lísia, berço de heróis, ó Lísia, alerta!
Cumpre que os ferros o Brasil arroje,
Seguindo o impulso que a razão desperta.

A expressão de terror desmaia e foge
Graças a invicta mão que nos liberta:
Escravos ontem, sois Romanos hoje!

Estrugiram os aplausos. Irritado, D. João VI levantou-se e gritou: "Escravos não, vassalos!" A assistência retrucou: "Pior! pior do que isso".

Quando a notícia do rasgo audacioso de José Eloy foi recebida na Vila do Príncipe, alvoroçou-se o povo a festejá-lo. Eram as idéias liberais que se despenhavam. Contaminou-se Teófilo, com o que estava a inflamar-lhe o ânimo. Tinha 13 anos e já era combativo, impávido.

(2) "Às portas de Lisboa — todos o sabem — foi Junot saudado por uma deputação de maçons. E julgamos oportuno acordar as afirmações, que, então, os de avental e trôlha fizeram ao inimigo: — "... *esta comissão declarou que era aos bons ofícios da maçonaria portuguêsa, que se devia o acolhimento feito pelo País e nenhuma resistên-*

Consta que, quando os portuguêses trataram de recuperar a liberdade, auxiliados pelos inglêses e espanhóis, fôra Vieira Couto assassinado de envolta com alguns franceses.

Parte dêste capítulo escrevemos por informações, que nos subministrou o nosso particular amigo e distinto patrício, senador Teófilo Benedito Otoni, de quem ainda possuímos preciosas notícias sôbre a parte, que tomou o Tijuco na *inconfidência* de Minas, as quais guardamos para um trabalho especial, que pretendemos publicar a êsse respeito. Muito ganhariam os nossos patrícios, se esta narração fôsse escrita pelo senador Otoni.

Atentem bem, o Dr. Felício dos Santos afirmou: "Ainda existem pessoas que assistiram a seu funeral (do cadete Joaquim José Vieira) seu cadáver ia fardado... *e revestido das insígnias maçônicas do grau de mestre*".

Havia, pois, ainda, em 1862, testemunhas oculares. E onde se *iniciara nos mistérios*, o cadete Joaquim José Vieira? Em Tijuco mesmo, na loja fundada por Tiradentes, na casa de José da Silva e Oliveira, pai do Padre Rolim.

Leiam atentamente a frase: *"Tiradentes e quase todos os conjurados eram pedreiros-livres"*.

Claro que o Dr. Felício dos Santos não faria tão séria afirmação se não dispusesse de elementos comprobatórios, tanto mais quanto êle escrevia em periódico da região e não ia expor-se a contraditas e desmentidos, se as suas palavras não exprimissem a verdade.

Cumpre, ademais disso, esclarecer, que, no final do capí-

---

cia à entrada do exército francês em Portugal". (Fonseca Benevides). Não se pode duvidar da autenticidade do que acima deixamos transcrito, visto que é o próprio Junot quem, em carta a Napoleão, o confirma por completo, escrevendo: — "... *J'avais reçu dans la journée beaucoup de monde, dont la plupart francs-maçons, m'ont beaucoup servi pour faire rentrer le peuple dans la tranquillité*" (30 de novembro de 1807).

(João Ameal e Rodrigues Carvalheiro, *De D João V a D. Miguel*, páginas 201 e 202)

"Tudo se cursava, a começar pela regência. O cardeal Mendonça patriarca de Lisboa, chamava a Napoleão, o Prodígio, o grande imperador eleito por Deus para fortuna dos povos".

(*História de Portugal*, volume II, página 245).

tulo, o autor declara que escreveu baseado em informações fornecidas pelo senador Teófilo Otoni. Ora, Teófilo Otoni nasceu em 25 de dezembro de 1807 (3), poucos anos depois da Inconfidência Mineira, foi político dominador do Sêrro, era maçon, provàvelmente iniciado na Loja do Tijuco e deve ter ouvido importantes e pormenorizados relatos do seu pai, por conseqüinte, eram das mais valiosas as suas informações.

Jorge Benedito Otoni, pai de Teófilo Otoni era liberal exaltado. "Diàriamente êle falava acêrca dessas questões que estão empolgando a consciência dos homens livres. Em Teófilo, tudo isso cala fundo... É seu pai desabrido e inconveniente, pregando, na rua, e em casa, o advento das nossas idéias".

(Paulo Pinheiro Chagas, *Teófilo Otoni, Ministro do Povo*, pág. 33 — Editora Zélio Valverde)

Que *novas idéias* eram aquelas a que se refere o autor? Sem dúvida, as procedentes da França.

Cumpre salientar que, em 1813, Jorge Benedito Otoni, foi eleito vereador, o que nos leva a crer que já era nascido quando da Conjuração Mineira. Como "Diàriamente falava acêrca dessas questões que empolgam a consciência dos homens livres (*homens livres e de bons costumes*, acrescentamos), não há dúvida de que, diante do filho, tratasse pormenorizadamente da Conjuração Mineira e lhe ministrasse preciosas informações.

Se, como afirma Felício dos Santos, "o cadete Joaquim José Vieira Couto e seus irmãos" eram maçons, é de presumir que os primos dêles, José Eloy e Jorge Benedito que lutavam pelo "advento das novas idéias", também o fôssem, o que tornava mais preciosas as suas informações.

(3) Consta da certidão de batismo, transcrita por Paulo Pinheiro Chagas, às páginas 30 e 31 de *Teófilo Otoni*, Editôra Zélio Valverde, Rio, sem data.

A BANDEIRA MAÇÔNICA DOS INCONFIDENTES

O EXPRESSIVO TRIÂNGULO. INFLUÊNCIA DO GRANDE ORIENTE DA FRANÇA

"Tiradentes propôs, em campo branco, o triângulo maçônico..."

(Gustavo Barroso, *História Secreta do Brasil*, vol. I, pág. 161)

"Os conjurados reuniram-se em casa de Cláudio Manoel da Costa, em Vila Rica, hoje Ouro Preto, etc... Combinaram adotar uma BANDEIRA BRANCA COM UM TRIÂNGULO AZUL, BRANCO E VERMELHO AO CENTRO, EM CUJO TRIÂNGULO UM ÍNDIO QUEBRAVA GRILHÕES. (o grifo é nosso). Encimava o mesmo o dístico latino "Liberta quae sera tamen". (Liberdade ainda que tardia)

(Mário da Veiga Cabral, *História do Brasil*, 3.ª edição, pág. 127)

*
* *

Se ainda, ao mais fanático dos fanáticos, ao mais incrédulo dos incrédulos restasse um resquício de dúvida quanto à origem maçônica da Inconfidência Mineira, bastaria contemplar-lhe a Bandeira. É indiscutivelmente de inspiração maçônica. O triângulo nela existente não permite perdurar a menor incredulidade. Longe de nós, a estultice de asseverar a procedência maçônica em tudo em que figure um triângulo.

Não. Seria exagêro. Seria ver neuròticamente a influência da Maçonaria em todos os setores, em tôdas as atividades,

como ocorreu com o eminente historiador Gustavo Barroso, cuja erudição excepcional tanto admiramos e que o torna uma das mais altas expressões da Cultura Brasileira.

Gustavo Barroso, intransigentemente inimigo da Maçonaria, discorreu acêrca da Bandeira da Inconfidência Mineira, apresentando-nos erudita lição, que pedimos licença para transcrever aqui.

Ei-la:

"Em importante reunião, na casa de Freire de Andrade, tomaram-se as últimas providências. Qual seria a bandeira da futura república? *Tiradentes propôs, em campo branco, o triângulo maçônico,* como significando as três pessoas da Santíssima Trindade. Estaria de boa ou má fé? Ter-lhe-ia alguém assoprado a idéia sob essa forma *despistadora,* a fim de ser aceita por êle e pelos outros, todos católicos, ou recorrera a ela de moto próprio? O problema não é de fácil solução. Fale a propósito o judeu Isaque Izeckson: "o triângulo da sua bandeira corresponde a uma metade da estrêla hexagonal de David, *Magsen David*". O triângulo maçônico é o triângulo dos Pentáculos cabalísticos, o Triângulo de Salomão dos ocultistas, o Infinito da altura ligado às duas pontas do Oriente e do Ocidente, o triângulo visível, isto é, o ternário do Verbo, "origem do dogma da Trindade", para os magistas e cabalistas judaicos, *o que justifica maçônicamente a explicação dada por Tiradentes.* É afinal, um "supremo mistério" da cabala: "imagem simbólica do Absoluto", "a um tempo o emblema da Fôrça Criadora e da Matéria Cósmica", "o símbolo maçônico do Livre Pensamento", pela significação *literal,* é um simples *delta* ou *triângulo;* pela significação *figurada,* é o Equilíbrio, a Perfeição; pela significação *esotérica,* é a Energia da Cabala, Trindade na Mística e Deus na Teurgia. Como admiràvelmente se combinam e se completam as opiniões do judeu Isaque Izeckson com as do ocultista Eliphas Levi e do alto maçon Dario Veloso, a quem recorremos para estas explicações do símbolo da Inconfidência! Dir-se-ia gente da mesma igrejinha, loja, sinagoga ou doutrina...

A PRISÃO DO LIMOEIRO — Aí funcionou a pavorosa Inquisição, que tantas atrocidades praticou. No Limoeiro, estiveram detidos, entre outros, Hipólito da Costa e o Dr. Vieira Couto do Tijuco

A verdade é que o símbolo em questão faz revelações mais preciosas do que muitos documentos...

Ao Triângulo judaico-maçônico-cabalístico, Alvarenga Peixoto acrescentou o mote *LIBERTAS QUAE SERA TAMEN,* a Liberdade, pôsto que tardia, o que não exprime a verdade, porquanto é inegável que a capitania mineira ainda não estava preparada para ser livre, quanto mais antes..."

Como explicar-se a existência do triângulo na Bandeira dos Inconfidentes? Não é evidente exprimir êle uma indiscutível manifestação maçônica? Os maçons, componentes da Inconfidência, traziam gravado na retina o Triângulo que estavam habituados a ver em Loja, simbolizando, entre outras coisas, *Liberdade, Igualdade e Fraternidade,* a Sagrada Trindade por que se batem.

É admissível supor-se que o Triângulo da Bandeira dos Inconfidentes seja inexpressivo, que nada signifique, quando os promotores do movimento eram maçons e todos nós maçons bem sabemos o que exprime o Triângulo?

Seria vãmente pretender ocultar a verdade.

Por que apenas no depoimento de Tiradentes há uma inquirição, ao de leve acêrca do Triângulo da Bandeira, com uma resposta evasiva de que êle representava a *Santíssima Trindade?*

Na Maçonaria, o Triângulo simboliza uma *Trindade Sagrada: Liberdade, Igualdade e Fraternidade.* E êle fica bem à vista de todos os que estão no Ocidente.

Tiradentes teria respondido: *Santíssima Trindade* ou *Sagrada Trindade?*

Não é cabível que êle houvesse respondido *Sagrada Trindade* e que o escrivão, por fôrça de hábito, houvesse escrito *Santíssima Trindade?*

É estranhável que, ao Dr. Álvares Maciel, o intelectual do movimento, não houvesse pedido explicação acêrca do Triângulo. Ou pediram e a resposta não foi incluída nos *Autos da Devassa?*

De quando em quando, ingênuos inconscientes ou conscientes inimigos da Verdade fantasiam uma infantil e inexplicável explicação para o Triângulo da Bandeira dos Inconfidentes.

Não cogitam de analisar as reuniões que faziam, que nada tinham de religiosas e enveredam pela religião para explicar aquêle símbolo.

Há coragem para tudo, inclusive para falsear-se a Verdade histórica.

INFLUÊNCIA DO GRANDE ORIENTE FRANCÊS

"A Maçonaria Brasileira é filha espiritual da Maçonaria Francesa. Da França, veio o Rito Moderno com que o Grande Oriente atingiu a maioridade, e, dez anos mais tarde, o Rito Escocês Antigo e Aceito, já temperado com o sal ático das inquietações latinas".

(Adelino de Figueiredo Lima, *Nos Bastidores do Mistério*... pág. 125)

As Lojas: *Comércio e Artes*, *Esperança de Niterói* e *União e Tranqüilidade* trabalhavam no Rito Francês, bem como as da Bahia, anteriormente fundadas.

Gonçalves Ledo, Frei Sampaio, José Bonifácio, D. Pedro, o Cônego Januário da Cunha Barbosa, José Clemente Pereira, o Padre Diogo Antônio Feijó, o Dr. Arruda Câmara, Monsenhor Muniz Tavares, o Duque de Caxias, o General Osório e tantos outros, foram iniciados na Maçonaria do Rito Francês.

Só muito depois, foi adotado no Brasil, o Rito Escocês Antigo e Aceito.

José Álvares Maciel, Joaquim da Silva Maia, Domingos Vidal Barbosa e outros que na França estudaram, inquestionàvelmente foram iniciados do Rito Francês, o que também ocorreu com Tiradentes.

Não há dúvida, pois, que todos êles estavam imbuídos de idéias proclamadas pelo Grande Oriente da França e elas influiram consideràvelmente no planejamento da Inconfidência Mineira.

Segundo Amiable, (*Une Loge Maçonnique d"Avant* 1789, Alcan, París 1897, pág. 9), a primeira Loja Maçônica instalou-se

na França, em Paris, aproximadamente em 1725, fundada por alguns inglêses entre os quais Lord Derwentwater. Dentro em breve, contava com cêrca de 600 filiados. Fundaram-se mais três Lojas, de uma das quais foi venerável, o Duque d'Aumont.

Da mesma opinião são Maurice Talmeyr (*La Franc-Maçonnerie et la Révolution Française,* pág. 7, Perrin, Paris, 1904) e Albert Lantoine (*Histoire de la Franc-Maçonnerie Française,* 54).

Subsistem dúvidas quanto à data da fundação da primeira Loja na França. Raymond A. Dior, à pág. 13 de *La Franc-Maçonnerie,* publicação de *Crapouillot,* escreveu: "É impossível saber onde, como e em que época a primeira Loja francesa foi criada. Pensam alguns em uma Loja Escocesa fundada por um partidário dos Stuarts emigrados; outros em uma Loja denominada *Louis d'Argent,* constituída em Paris, em 1733".

Serge Huttin declarou: "A Maçonaria foi introduzida na França aproximadamente em 1730 e tomou ràpidamente grande desenvolvimento".

(*Les Sociétés Secrètes,* pág. 65, Presses Universitaires de France, Paris, 1952)

No *Diccionário Enciclopédico de la Masoneria,* por D. Lorenzo Frau Abrines (3 grandes volumes), lemos à página 62 do vol. I: "É muito difícil precisar a época da introdução da Maçonaria da França. Os dados que sôbre êste assunto chegaram às nossas mãos, são completamente contraditórios. As opiniões dos autores dividem-se entre os anos de 1721, 1725, 1727, 1732". Thoru, (*Histoire de la Fondation du Gran Orient de Paris,* pág. 10), refere-se a uma exposição feita pela Grande Loja da França às Lojas suas subordinadas, declara que Lord Derwentwater, o cavalheiro Maskelyne e um tal Uegnerty e mais alguns nobres inglêses fundaram uma Loja em Paris, em 1725. Lord Derwentwater é considerado como o primeiro Grão-Mestre".

Quando Louis de Pardaillan de Gondrin, Duque de Antin, assumiu o Grão Mestrado, a Maçonaria se desenvolveu extraordinàriamente. Em 1743, ao morrer o Duque de Antin havia,

em París, vinte e duas Lojas e numerosas nas Províncias, só em Ruão existiam nada menos de sete.

> (Gaston Martin, *La Franc-Maçonnerie Française et la Préparation de la Révolution*, pág. 11, Les Presses Universitaires du France, aris, 2.ª edição).

O Rito Escocês, foi criado em París, em 1761, constituído em 24 de dezembro de 1772 e proclamado em 9 de março de 1773, pelo Grande Oriente da França, quando era Grão Mestre, Felipe de Orleans, Duque de Chartres. (1)

Em 1786, uma comissão, depois de cinco anos de estudos, apresentou um projeto de reforma, que foi aprovado unânimemente. Resultou daí, o *Rito Moderno* ou *Francês*, bastante diferente do Rito Escocês.

No Rito Francês, predomina o azul, na decoração dos Templos, são apenas sete os graus, a entrada em Loja é diferente, etc.

---

(1) Há divergência quanto à data da fundação do Grande Oriente da França. Raymond A. Dior (*Op. cit.* 15) dá o dia 24 de maio de 1773.

Segundo Lorenzo Frau Abrines, (*Diccionario Enciclopédico de la Masoneria*, vol. I, página 68), em 1773, foi resolvida a reorganização da Maçonaria francesa. Em 1 de março, passou a denominar-se Grande Oriente da França. Diz Serge Hutin: "...1773, foi criado o Grande Oriente, que reuniu a maioria das Lojas do primeiro grau: ao passo que os Altos Graus, a Maçonaria chamada *escocêsa*, sòmente sob Napoleão se unificou.

(*Les Sociétés Secrètes*, página 67).

Albert Lantoine em *La Franc-Maçonnerie chez Elle*, página 70, demonstra que uma comissão de oito maçons, designados para estudar a reorganização da Maçonaria Francesa, se reuniu em 24 de dezembro de 1772 e considerou dissolvida a Grande Loja da França e criou, em substituição, uma grande Loja Nacional que, em 26 de junho de 1773, passou a denominar-se *Grand Orient de France*.

A CÔR DA BANDEIRA

ESTÁ ERRADA A BANDEIRA DE MINAS GERAIS

"Essa foi escolhida, *mas esqueceram de designar as côres da Bandeira* que talvez ficasse subentendida que deveria ser tôda branca como a portuguêsa".

—(J. Norberto de Sousa e Silva, *História da Conjuração Mineira*, vol. I, pág. 120)

É fundamental a afirmação de Norberto de Sousa, para esclarecer pontos controversos da bandeira de Minas Gerais.

Há referência ao fundo, ao campo da bandeira, *"que talvez ficasse subentendido que deveria ser tôda branca como a portuguêsa"*.

E o *triângulo*? Qual a sua côr? Êste sim, é o ponto essencial da discussão, que não existiria se o fanatismo obnubilante não impedisse um estudo imparcial da Inconfidência Mineira, de suas origens, das idéias dominantes em seus principais promotores, *em sua maioria maçons*.

Inicialmente, há uma pergunta que se impõe: Por que a inclusão do *triângulo na Bandeira dos Inconfidentes*?

Foi arbitrária a sua escolha? Foi indicado como um simples adôrno?

Não, absolutamente não. O *triângulo* — é dos mais expressivos, dos mais importantes símbolos maçônicos.

Retornemos à questão da côr.

O *triângulo* sugerido pelo *maçon Tiradentes* só podia ser *azul ou vermelho*.

E por quê?

Vermelho por ser a côr adotada pelos *homens destemidos, preparadores* da gloriosa Revolução Francesa, que tamanhos e tão decisivos reflexos teve através do mundo. Revolução de que resultou a *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão,* pela Assembléia Nacional, em 27 de agôsto de 1789, Declaração consubstanciada em 17 artigos.

Poderão objetar-nos que a Revolução Francesa teve o seu início depois da Inconfidência Mineira. Muito bem, mas aludimos à côr adotada pelos *preparadores* da Revolução Francesa.

E o que exprime o vermelho?

O ardor de que se achavam possuídos os Revolucionários, simbolizava o fogo que havia de destruir a opressão e as iniquidades e o sangue (1) que todos estavam dispostos a verter

---

1) Adelino de Figueiredo Lima, à pág. 134 de *Os Templários,* escreveu o seguinte acêrca da iniciação entre os Iluminados:

"O grau em que os alemães admitiam a "revolução" de preferência, à "evolução" era o de "cavaleiro escocês". Foi sôbre êsse grau, portanto, que incidiram mais as atenções de Mirabeau.

Vejamos, pois, como se processou a primeira iniciação nesse grau em França.

O "Iluminado maior" entrou no "Synhedrio" por uma porta secreta e viu-se de repente cercado pelos "cavaleiros escocêses" armados de espadas e punhais.

Envoltos em balandraus vermelhos e com máscaras verde a ocultar-lhes o rosto, o recipiendário não poude identificar ninguém.

Um dos cavaleiros que formavam em sua volta dirigiu-lhe as saudações do "Synhedrio".

Nós te saudamos em nome da Pátria e da Humanidade. A tua vinda ao nosso meio significa que estás disposto a *dar o teu sangue* pela sausa da redenção. Significa que o teu braço se levantará ao nosso primeiro sinal para vingar as vítimas da opressão.

"Somos poucos aqui, mas somos incontáveis lá fóra. Há legiões imensas a nós ligadas por laços indissolúveis, mas o nosso dever é ocultá-las para a missão libertadora em que nos vamos empenhar.

"A Lealdade obriga-nos a prevenir-te de que, embora tenhamos confiança na vitória, não consideramos impossível uma derrota. O inimigo é muito forte e dispõe de alianças poderosíssimas. Em tôdas as lutas há sempre alternativas de glória e de martírio. Mas o martírio, quando em holocausto à liberdade, é também uma coroa de glória.

"Aceitas enfrentar com destemor as contingências do destino?

Aceitas. A nossa sociedade congratula-se contigo e pede-te por meu intermédio que prestes o seguinte juramento:

"Prometo obediência cega às ordens que receber dos altos chefes invisíveis da Ordem. Esforçar-me-ei na propaganda dos nossos

para que fôsse implantado o princípio de *Liberdade, Igualdade e Fraternidade,* adotado pela Maçonaria e, depois, aceito pelos Revolucionários Franceses. Foi a Revolução que aceitou a divisa da Maçonaria, e não o contrário, como muitos supõem. (10)

No Clube dos Jacobinos, grande núcleo maçônico, o orador (*Guarda da lei*) usava um gorro vermelho durante as sessões (Maurice Talmeyr, *La Franc-Maçonnerie et la Révolution Française,* 9).

---

propósitos e na defesa dos nossos princípios, mostrando-me sempre pronto a combater a tirania, de olhos postos na França imortal, e de alma aberta a todos os sofrimentos humanos.

Hipoteco o meu *sangue à causa da Liberdade* e jamais recuarei na estrada do dever ou me tornarei escravo da opressão.

"Reafirmo a minha decisão inabalável de combater o despotismo e de contribuir na medida das minhas fôrças para a destruição do regimen de castas e privilégios que tornam a França infeliz e humilham a consciência nacional.

— "A minha vida pertencerá desta hora em diante, menos a mim que à nossa sociedade.

Seguia-se depois a "consagração" do nosso "cavaleiro escocês" que, de joelhos, recebia a senha secreta correspondente à "palavra sagrada" dos maçons.

"Levanta-te e ouve esta recomendação final:

"Nunca mais dobres o teu joelho diante de homem algum. Todos os homens são iguais por mais alta que seja a posição em que se encontrem.

Por último, vinha um interrogatório que permitia conhecer as idéias do nosso cavaleiro".

"O estado atual dos povos corresponde aos fins para que o homem foi posto na terra?

"As sociedades civis e as religiões atingem os fins para que forom organizados?

"É possível o aperfeiçoamento moral da Humanidade?

"A fsaternidade entre todos os homens da superfície da terra não está implicitamente nicluída nas doutrinas do Cristianismo?

É indubitável, pois, que todos juravam verter o sangue pela causa Santa da Humanidade sofredora. A sangue, a sua côr, foi, pois, a idéia motriz da Revolução Francesa e refletiu-se em sua bandeira".

N.º 10) — As páginas 64 e 65 de *O que é a Maçonaria,* escrito por mim, lê-se:

A página 43 do Petit Memento Maçonnique redigé en Forme de Dictionnaire, lemos o seguinte: "A Maçonaria tem por divisa: *Liberdade, Igualdade e Fraternidade.* Essa divisa tem como autor, Claude de Saint Martin e era corrente nas Oficinas dos martinistas do sec. XVIII, antes que a República, em 1792, a tomasse da Maçonaria".

Malapert, orador do Supremo Conselho da França, escreveu, em 1874, na revista maçônica *Chaine d'Union,* o seguinte:

"Para a prática da vida, procuramos uma fórmula capaz de reu-

Há um argumento definitivo: Algumas Lojas, sobretudo as que mais apaixonadamente preparavam a Revolução, resolveram adotar o Triângulo Vermelho, colocado atrás do trono do venerável, isto é, no ponto mais observado do recinto. Sabem todos os maçons o que simboliza o Triângulo ali pôsto.

"Os intelectuais, os estudantes foram os mais ardorosos propagadores da Revolução, dentro das Lojas. Fácil é de imaginar que êles figuraram entre os que adotaram o Triângulo Vermelho e os Inconfidentes vindos da França, freqüentaram as Lojas da Universidade de Montpellier, cujos Triângulos deviam ser vermelhos. Êles regressaram com o Triângulo Vermelho das Lojas *gravados* na retina e o reproduziram na Bandeira dos Inconfidentes.

Tão grande foi a influência do vermelho na Revolução Francesa que, os girondinos, quando aconselharam a instituição do famoso Barrete Frígio, que foi usado pelos defensores das novas idéias, indicaram a côr vermelha para êle. Há um episódio da Revolução Francesa bastante expressivo: Quando Dumoureiez foi nomeado Ministro da Justiça, compareceu ao Clube dos Jacobinos e, ao assomar à tribuna, colocou sôbre a cabeça o Barrete Frígio *Vermelho*, recebendo estrepitosos aplausos. É que o *Barrete Frígio Vermelho* passara a ser o símbolo da Revolução Francesa.

(Vide Ernesto Hamel, *História da Revolução Francesa*, pág. 287)

---

nir tôdas as condições desejáveis: *Liberdade, Igualdade e Fraternidade* é a que melhor corresponde às aspirações dos maçons. Ela foi organizada por um dos nossos Irmãos, Saint Martin. O Poderio da Verdade é tão grande que a divisa revelada por Saint Martin despertou louvores.

"As 3 palavras: *Liberdade, Igualdade e Fraternidade*, dispostas nesta ordem, indicam o que deve ser uma sociedade bem organizada.

"Elas foram aceitas por tôdas as Lojas e os grandes homens da Revolução, maçons em sua maioria, adotaram-na para divisa da República Francesa".

"Do exposto, conclui-se, sem possibilidade de contestação, que não foi a maçonaria quem se aproveitou do lema adotado pela Revolução Francesa, e sim ao contrário".

Serge Hutin escreveu: "A Revolução Francesa foi inicialmente favorável à Maçonaria de que ela recebeu a divisa: *Liberdade, Igualdade e Fraternidade*" (Les Sociètés Secrètes, 67).

E por que o azul?

Antes do mais, cumpre considerar que os patriotas brasileiros, inconfidentes, que haviam estado na França, foram iniciados ou lá, principalmente em Montpellier, grande centro maçônico, (11) visitaram Lojas Maçônicas do Rito Francês, em que, como já dissemos, há predominância do Azul na decoração.

Lemos no *Diccionário Enciclopédico de la Masoneria* à página 81 do vol, I. *"Azul* dá nome ao Rito Francês ou Azul por ser a côr que serve para decoração da Loja em seus dois primeiros graus simbólicos".

> "O *Azul* é côr de alta expressão no simbolismo maçônico, Jules Boucher, (*La Symbolique Maçonnique,* 193) coloca-se em 1.º lugar na escala das côres".

O mesmo autor ensina-nos: "A côr azul é a do céu e da tolerância que deve caracterizar o desejo de excelcitude e condicionar a atitude dos maçons dos três primeiros graus".

Luis Umbert Santos escreveu: *"Azul* — Emblema de amizade, fidelidade e da perfeição infinita de Deus. (côr do sol)" (*Cincuenta Lecciones de Cultura Masónica,* pág. 121)

Lemos no *Diccionario Enciclopédico Masónico,* vol. I, pág. 81: *"Azul* — côr da túnica e da calça que constituem as vestes dos irmãos que professam o grau de Mênfis. Côr dos ornamentos que decoram as Lojas do Rito de Mênfis nos trabalhos do 1.º gráu simbólico. A côr azul refere-se nos símbolos do Rito Estrêla do Oriente à côr cerúlea das montanhas em que a filha de Jefté passou dois meses em retiro, preparando-se para a morte. Por isto, foi adotada no primeiro ponto ao grau daquele Rito ou ordem. Figura nas vestes e nas decorações das cerimônias dos graus 4.º e 14.º do Rito Escocês, para representar um dos elementos da natureza e uma das tintas primitivas do Arco-Iris. Dá nome ao Rito Francês ou Azul *por ser a que serve para ornamentação* das Lojas do Rito em seus dois primeiros graus simbólicos e na fita do 3.º".

N.º 11) — Sòmente constituídas com elementos da *Universidade de Montpellier,* havia nada menos de cinco lojas.

No Rito Escocês Antigo e Aceito, como no Rito Francês, Moderno ou *Azul*, as Lojas dos três primeiros graus são denominadas: Lojas Azuis ou simbólicas.

O Rito Francês ou Azul foi fundado no século passado por Felipe de Orleans, seu primeiro Grão Mestre.

O Rito Francês, Moderno ou Azul, é praticado pelo Grande Oriente da França, que conta com aproximadamente 50.000 maçons, distribuidos em cêrca de 500 Jojas. (12)

Para aferir da extraordinária predileção dos homens da Revolução pelas côres vermelha e azul, basta contemplar-se a bandeira qûe foi adotada: azul, branco e vermelho.

De sorte que o triângulo da Bandeira dos Inconfidentes, atualmente de Minas Gerais, deve ser *vermelho* ou *azul* por influência das Lojas Maçônicas do Rito Francês, em que foram iniciados José Joaquim da Silva Xavier, Álvares Maciel, Domingos Vidal Barbosa e outros. O verde é de todo em todo inadmissível, nada há que o justifique. É um absurdo a existência de tal côr na Bandeira de Minas Gerais.

Há outro êrro na Bandeira de Minas Gerais: a forma do triângulo. O Triângulo da atual Bandeira de Minas apresenta-se-nos, por vêzes, isósceles, isto é, com dois lados iguais e um desigual, a base, que é maior do que os outros. Não está certo.

* * *

N.º 12) — Um fato curioso: a sede do *Grand Oriente de France* é, em Paris, na rua Cadet, 16. O prédio foi comprado em 1859 pelo Príncipe Murat, então Grão Mestre, pela soma de um milhão e meio de francos que êle adiantou. Era um antigo convento de Capuchinhos. Como se vê, um Convento de Capuchinhos foi transformado em Grand Oriente Maçônico e nele funcionam numerosas Lojas.

Em Maçonaria (e em esoterismo também), o triângulo ou Delta Luminoso tem significações diferentes, de acôrdo com a igualdade ou não dos seus lados. (2)

O Triângulo escaleno representa o homem imperfeito. Os três lados desiguais exprimem o desequilíbrio, a imperfeição.

O Triângulo isósceles simboliza o homem a caminho da perfeição.

Há equilíbrio em suas ações o que é indicado pela igualdade de dois lados. É uma figura terrena. O Triângulo equilátero, pela igualdade dos seus lados e dos seus ângulos, pelo seu equilíbrio absoluto, simboliza a Divindade, conseqüência dos três elementos criadores da antigüidade, é a *Trindade*, que vamos encontrar em numerosas religiões. (13) É a Santíssima Trindade do Cristianismo. O Triângulo não figura, como símbolo apenas na Maçonaria e no Cristianismo. Otaviano de Menezes Bastos à página 677 a 685 do vol. II da sua excelente *Pequena Enciclopédia Maçônica*, escreveu o seguinte sôbre: *Três* e *Triângulo:*

---

2) O Triângulo encontrado no Templo de Jerusalém era uma figura geométrica constituída pela junção de três linhas; e a letra YOD no lentro significrava a sua origem divina. Deus presidia os três reinos da natureza: o "mineral", o "vegetal" e o "animal".

O primeiro, era a escola dos aprendizes; o segundo, a dos companheiros e o terceiro, a dos Mestres.

No Mineral, era "Tubalkain" o símbolo primário; no Vegetal, "Schibolet" representava o progresso do aprendiz; e no Animal, "Moabon" que marcava a etapa final do gênero humano, como filho que era da putrefação.

É curioso notar que também as grandes religiões adotaram o número 3 como símbolo sagrado. A Católica, exprimindo-o nas 3 pessoas da Santíssima Trindade (Padre, Filho e Espírito Santo), nos dias que Cristo passou no sepulcro, nas virtudes teológicas, nos reis magos, e nas vezes que São Pedro negou o Mestre.

Entre os indús temos a Trimurti constituído de Brahma, Siva e Vishnou personificando a "Criação", "Conservação" e a "Destruição".

Em tôdas elas, como no racionalismo, nós encontramos como elementos vitais a "Terra", a "Água" e o "Sol".

Foi, portanto, baseada nas grandes religiões e no esoterismo dos Templários, que por sua vez se inspirou no da Cavalaria Oculta do Graal, que a Maçonaria adotou como símbolo numerológico de vários gráus o número três, que se vai multiplicando na vida maçônica dos candidatos até à conquista da "Sabedoria, da Fôrça e da Beleza".

N.º 13) — Na Maçonaria, o Triângulo pode significar: *Liberdade, Igualdade e Fraternidade.*

TRÊS: — a diferença, o desequilíbrio, antagonismo que existem no número dois, cessam, repentinamente, quando se lhe ajunta uma *terceira unidade*.

A instabilidade da divisão ou da diferença, aniquilada pelo acréscimo de uma terceira unidade, faz com que, simbòlicamente, o três se converta, também, numa unidade.

Porém a nova unidade não é mais uma unidade vaga, indeterminada, na qual houve intervenção alguma, não é mais uma unidade idêntica com o próprio n.º, como acontece com a unidade primitiva; é uma unidade na qual se interveio, e que absorveu e eliminou a unidade primitiva, verdadeira, definida e perfeita. Foi assim que se formou o número três.

Êle se tornou a unidade da Vida, do que existe por si próprio, do que é perfeito.

Eis aí porque o neófito vê, no Or.: o Delta Sagrado, luminoso emblema do "Ser" ou da "Vida", no seio do qual brilha ainda a letra IOD, inicial do Tetragrama IEVE.

Ramée assim explica:

"O Triângulo, entre as superfícies, é a forma que corresponde ao número três e tem a mesma significação dêste. Assim como o número três é o primeiro n.º *completo* da série numérica, do mesmo modo o triângulo o é entre tôdas as formas. Porque o ponto e a linha, por si sós, são coisas imperfeitas e são coisas necessárias três dimensões para que um objeto tenha forma e esteja completo.

O Triângulo, conquanto composto de 3 linhas e 3 ângulos, forma um todo completo e indivisível.

Todos os outros polígonos se subdividem em triângulos e são compostos de triângulos. Êste é pois, o tipo primitivo que serve de base à construção de tôdas as outras superfícies, e é por esta razão ainda que a figura do triângulo é o símbolo da existência da divindade, bem como da sua "potência produtiva" *ou da evolução*.

Quando o novo iniciado abre os olhos à luz da Verdade, êle nada encontra, no Templo, que se relacione, simbòlicamente, com o n.º *Um;* isto é natural, porque, para facilitar o es-

tudos dos n.ºs, a Maçonaria faz uso de emblemas, para atrair a atenção sôbre as suas propriedades essenciais.

E assim deve ser, porque nada do que é sensível, pode ser admitido a representar a Unidade. Com efeito, nós só percebemos fora e em volta de nós *diversidade* e *multiplicidade*. Nada é simples na Natureza, tudo é complexo. No entretanto, se a Unidade não nos aparece naquilo que nos é exterior, parece, pelo contrário, residir no nosso íntimo.

Todo o ser pensante tem a convicção, o sentimento inato de que é *um*.

Esta unidade, que está em nós, se manifesta por sua vez na nossa maneira de pensar, agir e sentir.

Nossas idéias, levadas ao pensamento de um *todo Harmônico*, fazem nascer em nós a noção do "verdadeiro". E, sem dúvida, êste é o talismã mais precioso que pode possuir o iniciado, quando condensa o seu ideal no *justo*, no *Belo*, e no *Verdadeiro*, simbolizados no candelabro de 3 luzes que êle vê sôbre o Altar do Venerável, ideal que é o pólo único para o qual tendem tôdas as aspirações humanas".

Como Ramée, O. Wirth diz que: o binário é o símbolo dos contrários, da divisão e recomenda que não deve o neófito estacionar no n.º *dois*, pois que se condenaria à luta esteril, à proposição cega, à contradição sistemática, etc., ficaria o neófito, em suma, escravo dêsse princípio de divisão que a Antigüidade simbolizou e estigmatizou sob o nome de "Inimigo" (Agramaniu, Cheitã, Satã, Mara, etc.)

Foi então necessário proceder à conciliação do antagonismo, *"condensando no Ternário, o Binário e a unidade"*.

Três é o número da Luz (Fogo, Chama e Calor).

Três são os pontos que neófito deve se orgulhar de apor ao seu nome, em que pese aos nossos adversários ignorantes, quando pensam nos ridicularizar com o epíteto de — *Irmão três pontinhos!*

Estes três pontos, como o Delta Luminoso e Sagrado, são um dos nossos emblemas mais respeitáveis.

Êles representam todos os ternários conhecidos (dos quais falaremos mais adiante) e especialmente as três qualidades indispensáveis ao maçon:

Amor ou sabedoria *Vontade* *Inteligência*

Estas qualidades são absolutamente inseparáveis uma da outra e devem existir, em equilíbrio perfeito, no candidato à Iniciação, para que êle possa ter uma iniciação real, *viva* e não emblemática.

Senão vejamos.

Experimentemos, por um momento, separar estas qualidades uma da outra e veremos, sempre, que elas caracterizarão o desequilíbrio.

Suponhamos um ser dotado ùnicamente de *vontade*, de energia, porém, sem o menor sentimento afetuoso e desprovido de intelectualidade.

Que resultará?

Um verdadeiro bruto.

Dotemos agora alguém de Inteligência e arranquemo-lhe a Vontade e a Sabedoria, que é a expressão do Amor; teremos o pior dos egoístas e dos inúteis, num terreno onde a "boa semente" não germinará e que as ervas daninhas em breve inutilizarão. Demos finalmente, ao homem ùnicamente Amor (sabedoria), sem sombra de Vontade ou de Inteligência.

Sua bondade será inútil, suas melhores aspirações serão condenadas à esterilidade, porque não são postas em ação por uma Vontade forte, agindo sob o contrôle da Razão.

Tomemos agora, por partes, essas virtudes:

Dotemos ao mesmo tempo, uma criatura de Vontade e de Inteligência, mas tiremos todo o sentimento afetuoso em relação aos seus semelhantes. Êsse homem poderá ser um gênio, mas será também, muito provàvelmente, um monstro de egoísmo, e, como tal, condenado a desaparecer.

Suponhamos agora um ser dotado de Coração e de Inteligência, mas sem vontade, sem energia, teremos uma criatura mole, de caráter passivo, que certamente não fará mal à ninguém, que terá mesmo belas Inspirações, um Ideal elevado, mas nunca chegará a realizá-lo, por falta de energia. Em suma: um inútil.

A energia unida ao Amor daria melhor resultado, porém

a falta de Inteligência impedirá sempre o ser *bom e ativo*, de fazer obra *verdadeiramente* útil, porque o *discernimento*, função da Inteligência, lhe faltará. E êle não poderá aplicar suas belas qualidades, correndo mesmo o perigo, sob a direção de um mau intelecto, de tornar-se um servidor das fôrças do Mal, por falta de discernimento.

Vê-se, pois, que todo o Maçon que quiser ser digno dêsse nome deve cultivar *igualmente* essas três qualidades, representadas pelos três pontos (∴) que apõe ao seu nome, quais as três estrêlas que brilham ao Or ∴ da Loja.

O *Ternário*, pode, ainda, ser estudado sob múltiplos pontos de vista, dos quais citaremos apenas os principais, que são:

Do tempo:
Passado — Presente — Futuro
Do movimento diurno do Sol:
Nascer — Zênit — Ocaso
Da vida:
Nascimento — Existência — Morte
Mocidade — Natureza — Velhice
Da família:
Pai — Mãe — Filho
Da constituição oculta do Ser:
Espírito — Alma — Corpo
Do Hermetismo:
Archêo — Verbo — Substância
Da Kabbala Hebraica, da qual são tiradas as pp ∴ ... Ss.·. e pp.·. da Maçonaria.
Keter (Coroa) — Hockma (Sabedoria) — Biná (Inteligência)
Da Trindade Cristã:
Pai — Filho — Espírito Santo
Da Trimurti hindu:
Brahma — Vishnu — Siva
Sat. Chit — Ananda
Ainda na India dos "Três Gounas", ou qualidades inerentes à Substância Eterna (Maia):
Tamas (Inécia) — Rajas Movimento) — Sava (Harmonia)
Do Budismo:

(Buda (Iluminado) — Darma) (Lei) — Sanga (Assembléia dos fiéis)

Do Egito:

Osiris — Isis — Horus

Ammon — Mout — Khons

Ainda no Egito, do Sul:

Horus (Nascer) — Ra (Zénit) — Osiris (Ocaso)

Da Valdéia:

Ulomus (Luz) — Olususrus (Fogo) — Elium (Chama)

E ainda muitos outros ternários, cuja explicação se afastaria dos moldes desta instrução.

Em tôda a parte se encontra, pois, o número três, o *Ternário*, do qual o Delta Sagrado é o mais luminoso e, talvez, o mais puro emblema e, nas Lojas Maçônicas, ainda é simbolizado pelos três grandes Pilares:

FÔRÇA SABEDORIA BELEZA

que representam as Três Grandes Luzes colocadas sôbre a Painel da Loja, a primeira do Oriente, a segunda no Ocidente e a terceira no Sul, de acôrdo com a orientação das Três Portas do Templo de Salomão.

Três são as palavras que *César* enviou ao Senado Romano dando conta de sua expedição, contra *Mitrídates*, rei de Ponto: *Veni, vidi, vince;* cheguei, vi, venci.

Três os séculos que duraram as perseguições contra a igreja.

Às três da tarde morreu *Jesus Cristo*, tendo trinta e três anos de idade.

Três classes há de triângulos: equilátero, isósceles e escaleno.

Três são as cruzes que fazem todos os cristãos ao persignar-se, uma na fronte, uma na bôca outra no peito.

Três são as maneiras de se encontrar Deus em tôda a parte: por essência, presença e potência.

Três foram os apóstolos que o Senhor levou consigo para

lhes manifestar sua glória, transfigurando-se no Monte Tabor: *São Pedro, São João e São Tiago.*

Três foram os jovens que Nabucodonozor, rei da Babilônia, mandou arrojar a um fôrno por não adorarem a estátua que lhe haviam erigido: *Ananias, Masiel e Azarias.*

Três foram às vêzes que o demônio tentou *Jesus* durante o tempo de seu jejum, para se certificar se era Deus ou era homem.

Três as pessoas da Santíssima Trindade: Padre, Filho e Espírito Santo.

Três são os inimigos da alma: mundo, demônio e carne.

Três foram as quedas que deu Jesus na Via Dolorosa.

Três as classes de eclipses: anular, parcial e total.

Três os reinos da Natureza: animal, vegetal e mineral.

Três são as virtudes teologais: Fé, Esperança e Caridade.

Três as potências do cérebro: memória, entendimento e vontade.

Três classes há de ângulos: reto, agudo e obtuso.

Três eram as Marias: *Maria Egipciana, Maria Salomé* e *Maria Cleofes.*

Três as épocas da história: antiga, média e moderna.

Três as partes da geografia: astronomia, física e política.

Três são os dias da Páscoa.

Três os Reis Magos: Melchior, Gaspar e Baltazar.

Três foram os presentes que fizeram ao Menino *Jesus:* ouro, incenso e mirra; o primeiro como ao rei, o segundo como a Deus, e o terceiro como ao homem.

Três os meses de cada estação.

Três os filhos de Noé: Sem, Chan e Jafet, que povoaram o mundo depois do dilúvio universal.

Três vêzes que *São Pedro* negou a *Jesus.*

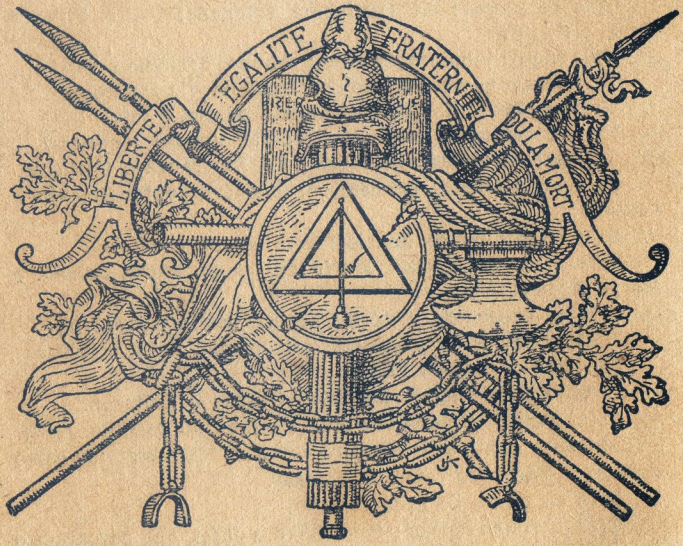
Três as embarcações que trouxeram *Colombo* para o descobrimento do Novo Mundo: *a Nina, a Pinta e a Santa Maria.*

Três são as obrigações que tem o homem neste mundo: para com Deus, para consigo mesmo e para com os seus semelhantes.

A natureza divide-se em 3 reinos, animal, vegetal e mine-

ral. Nos homens os 3 sinais da natureza divinal são: o ser, as idéias e ação segundo Platão.

O tempo divide-se em três: o passado, o presente e o futuro: o dia, em manhã, tarde e noite; a vida do homem em nascimento, existência e morte, as coisas em princípio, meio e fim.



Não querendo percorrer mais parece-nos que está de sobejo demonstrado quanto se acha impresso em todo o culto prestado ao n.º 3 e está como que provado que Deus quis em tudo lembrar ao homem a idéia da Santíssima Trindade.

TRINDADE: Perde-se na mais remota noite dos tempos, o culto prestado à Trindade como simbolizando o mistério da religião cristã, e um Deus trino em pessoas e uno na essência.

Os indus na sua religião pagã tinham o trimurti das divindades: Brahma, Vishnu e Siva. Os egípcios: Amon, Mouth e Khons. Os escandinavos os três filhos de Bore. Os gregos e romanos deram às suas falsas divindades sempre o n.º de 3, senão veja-se: os olhos em Júpiter e Argos e os 3 rostos de Hecate.

A Mitologia tem em tudo o n.º 3. As 3 graças, as 3 gorgonas, as 3 parcas, as 3 fúrias, as 3 horas, as 3 hesperídes, os 3 juízes que julgavam os mortos: Minos, Eaco e Radamanto; o tridente de Netuno, a trípode de Apolo, etc".

Nos *Autos da Devassa*, consta que Tiradentes declarou que o Triângulo representava a Santíssima Trindade. Aceitemos que êle houvesse empregado a palavra *Santíssima e não Sagrada*. De qualquer forma, *Sagrada* ou *Santíssima Trindade*, o Triângulo só pode ser equilátero.

Cumpre ressaltar que, para os maçons, *Liberdade, Igualdade*, e *Fraternidade*, é uma *Trindade Sagrada*.

Sem temor de desacêrto, pode afirmar-se que a Bandeira adotada oficialmente por Minas Gerais, não é aquela que os heróicos Inconfidentes sonharam hastear em uma Pátria que, a custa de tantos sacrifícios, desejavam emancipar.

Não é humano que êles se sacrificassem gloriosamente, que Tiradentes fôsse bàrbaramente trucidado no patíbulo, imoladas vítimas de um ideal sagrado de Independência, de Liberdade, sonhando com uma Bandeira, para ela agora ser falsificada, adulterada.

Em homenagem à memória sacrossanta dos Inconfidentes, respeitem a Bandeira pela qual êles sucumbiram, lançando as raízes, regadas com o seu sangue, de uma Pátria livre.

Nota:

Nem tudo quanto no seu interior, uma Loja do Rito Francês, apresenta, capaz de provar a impossibilidade do Triângulo da Bandeira de Minas Gerais ser verde, dissemos. Razões superiores impedem-nos de ir mais além.

INOVAÇÃO DESCABIDA
MINAS GERAIS COM DUAS BANDEIRAS

Cumpre ressaltar que, durante dezenas de anos, o Govêrno de Minas Gerais conservou respeitosamente a Bandeira com o *Triângulo Vermelho*.

Em Ouro Preto, ainda está guardada uma Bandeira com as côres corretas. Na Assembléia Estadual, existe, também, uma com as côres exatas, embora não seja hasteada.

Por sugestão equivocada de notável homem público mineiro, a côr do Triângulo foi absurdamente mudada para verde, sob a alegação de que tal côr representaria as florestas mineiras. Simbolismo inaceitável, de vez que em todos os Estados há florestas, portanto, em tôdas as bandeiras estaduais deveria haver predominância do verde, o que, felizmente, não sucede tal.

É oportuno ponderar que, em algumas das mais dignas instituições de Minas Gerais, ainda é mantida a verdadeira, a exata Bandeira dos Inconfidentes. Basta citar o Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, a cujo quadro tenho a honra de pertencer. Em seu salão nobre, está a Bandeira com o Triângulo Vermelho.

Que outra instituição mais merecedora de crédito, no assunto, do que o Instituto Histórico e Geográfico, que estudou detidamente a questão?

Há pouco, a Polícia Mineira, como homenagem a Tiradentes, mandou fazer lindas flâmulas, com o Triângulo acertadamente.

Há disparidade de Bandeiras, em Minas Gerais ou melhor, existe uma verdadeira e outra falsa e, por mais incrível que pareça, a falsa é a desrespeitosamente hasteada nos órgãos governamentais, inclusive no Palácio da Liberdade e, o que é mais grave ainda, nas comemorações de Tiradentes, em 21 de abril, em Ouro Preto, diante da estátua do imortal mártir, mais martirizado ainda com o desrespeito.

O MISTERIOSO EMBUÇADO

EPISÓDIO INEXPLICADO DA INCONFIDÊNCIA MINEIRA

Poetas e literatos balburdiaram a Inconfidência Mineira, romanceando-a irreverentemente. Com desatino, tumultuaram acontecimentos e deformaram personagens, buscando endeusar algumas.

Emaranharam de tal sorte os fatos que desumanizaram Tiradentes, para divinizá-lo, purificando-o a mais não ser, num incontido anseio de altaná-lo. Resultante disso é a apresentação de um Tiradentes desprovido de defeitos, um super-homem.

Tal fazer não é escrever História, é mistificar, é enevoar a Verdade, é deturpar a realidade e dar expansão à fantasia.

Tiradentes foi — é indiscutível — um mártir; teve o heroísmo de assumir a responsabilidade de tudo, num gesto grandioso de fraternidade e declarou-se feliz por ter, com o sacrifício da sua, salvo a vida dos companheiros. Atitude sublime! Grandiosa!

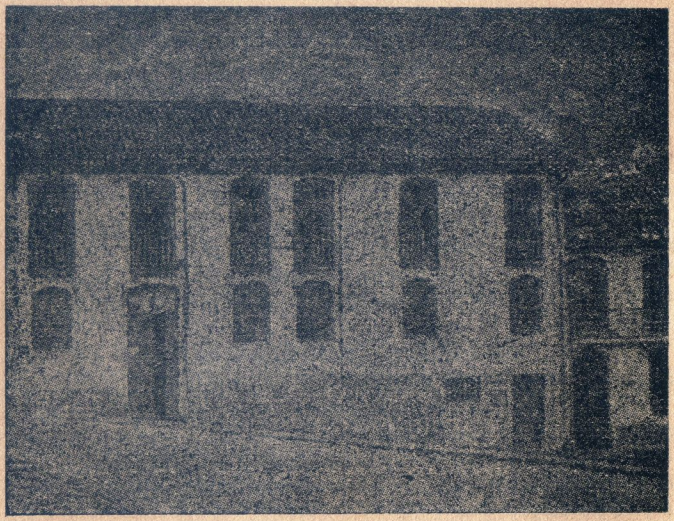
Mas... êle era um homem e não um Deus. Já pretenderam até atribuir-lhe pujança intelectual quando êle, para inteirar-se do movimento que se processava na França, pediu a mais de uma pessoa, que lhe traduzisse publicações francesas; igualmente solicitou que lhe fizessem tradução da Constituição dos Estados Unidos, provas concludentes de que o francês e o inglês lhe eram desconhecidos.

Como admitir-se, sobretudo naquela época, um intelectual incapaz de traduzir o idioma de Rousseau e o de Washington?

Há um episódio da Inconfidência Mineira não esclarecido

e ao qual, ao de leve, aludem uns poucos de historiadores: *O caso do embuçado.*

Consta dos *Autos de Devassa da Inconfidência Mineira,* vol. II, que, já depois de encontrar-se prêso o Desembargador Tomás Antônio Gonzaga, um *homem rebuçado* foi à casa dêle. Atendido por uma escrava, Antônia da Costa, incumbiu-a de



Casa de Gonzaga. Testemunha do romance de Marília e Dirceu

avisar a Luiz Antônio de Freitas que êle iria ser prêso. O mesmo *homem misterioso* falou também com Cláudio Manuel da Costa, que confirmou o fato em interrogatório a que foi submetido.

Quem era êsse misterioso embuçado ou *rebuçado,* como consta dos Autos?

Quem seria capaz de disfarçar-se, correndo grave risco, para ir avisar aos inconfidentes que se precatassem?

Se fôsse um dos conjurados, não havia porque se embuçar para aconselhar a fuga aos companheiros.

Não nos esqueçamos de que, em algumas sociedades iniciáticas, era habitual os Irmãos apresentarem-se encapuçados.

Assim era no Egito, assim faziam os Templários e, ainda agora, há, nos Estados Unidos, a terrível *Ku-Klux-Klan* (1), que tem praticado atos horríveis de atrocidade.

Tratar-se-ia de algum estrangeiro, português, possìvelmente, *iniciado* na Europa, em uma *instituição secreta* que teria ido avisar aos inconfidentes?

Eis uma versão.

Absurda? Não, para quem sabe o que é e pratica com prazer, como um dever, a *solidariedade fraternal*.

APAVORADAS AS AUTORIDADES PORTUGUÊSAS

O APARECIMENTO DO EMBUÇADO PROVOCA NOVAS INQUIRIÇÕES

Assustaram-se as cruentas autoridades portuguêsas, sobretudo o Visconde de Barbacena, quando se inteirou do aparecimento do *rebuçado*. Determinou providências, novas inquirições para averiguar o sucesso mas... nada conseguira esclarecer.

Vejamos o que, sôbre o episódio consta dos *Autos de Devassa da Inconfidência Mineira*.

---

(1) — A *Ku-Klux-Kan* surgiu em 1867. No princípio dêste século, foi dirigida por Simmons, um gigantesco atleta de 6 pés de altura, um místico que foi substituído por Edward Young Clarke, que teve como principal coadjuvante Elizabeth Tyler. Clarke organizou impressionante desfile em Washington de 3.000 *cavaleiros*.

A *Ku-Klux-Klan* chegou a contar com mais de um milhão de adeptos. Frost, em *The Challenge of the Ku-Klux-Klan* (Indianópolis, 1927), declarou que eram nada menos de seis milhões, os componentes da Ku-Klux-Klan. Vide John Moffat Mecklin, *Le Ku-Klux-Klan*, Payot, Paris, 1934.

1790

"Summario de testemunhas, a que mandou proceder o Desembargador, Ouvidor desta Comarca de Villa Rica Pedro José Araújo de Saldanha por ordem do Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Visconde de Barbacena Governador, e Capitão General desta Capitania, como abaixo se declara.

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil, e setecentos e noventa, aos onze dias do mez de Janeiro nesta Villa Rica, e Casas de Residencia do Desembargador Pedro José Araújo de Saldanha, Ouvidor Geral desta Comarca, onde eu Escrivão ao diante nomeado vim, e sendo ahi pelo referido Ministro me foi dito; que tendo sido presente ao Illustrissimo, e Excelentissimo Senhor Visconde de Barbacena, Governador, e Capitão General desta Capitania, que no dia dezenove de Maio do anno preterito contara o Desembargador Thomás Antonio Gonzaga ao Tenente Coronel do Regimento de Cavallaria regular Francisco De Paula Freire de Andrade, que na manhã daquelle dia, indo a sua Casa o Bacharel Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcellos, Advogado nesta Villa, lhe dissera a novidade, de que certo Rebuçado tinha ido em a noite antecedente ao Quintal do Bacharel Cláudio Manoel da Costa, Advogado também nesta mesma Villa, e que batendo-lhe em uma Janella, sahindo a ella o dito Claudio, aquelle Rebuçado o avisara, que certamente o prendiam, pelo que se acautelasse, e fugisse, sem que comtudo se désse a conhecer, quem era; cuja novidade, como dito fica, contou aquelle Desembargador ao dito Tenente Coronel / indo ambos para a Cidade de Marianna / de quem o mesmo Excellentissimo Senhor a ouviu; e por cujo motivo ordenou, que sobre este objecto fosse, como foi, perguntado o referido Bacharel Diogo Pereira; tendo-se depois disso averiguado mais algumas circunmstancias por effeito particulares diligencias do dito Excellentissimo Senhor; para que melhor se verifique o sobredito acontecimento, ou realize a sua insubsistencia, e affectação ordenou vocalmente a elle dito Desembar-

gador Ouvidor, que sobre o expendido tirasse as testemunhas, que consta foram do mesmo sabedoras; e para assim se praticar, mandou formar êste auto, que recebeu na fórma de Direito; e Eu José Caetano Cesar Manitti, Escrivão por Commissão, o escrevi, e com elle assignei.

Sald.ª — Jozé Caetano Cesar Manitti

Inquirição de Testemunhas para averiguação do facto, sobre que foi perguntado o Bacharel Diogo Ribeiro Pereira de Vasconcellos.

Aos onze dias do mez de Janeiro de mil, e setecentos, e noventa nesta Villa Rica, e Casas de residencia do Desembargador Pedro José Araújo de Saldanha, Ouvidor Geral, e Corregedor desta Comarca onde eu Escrivão adiante nomeado vim, e sendo ahi pelo dito Ministro foram inquiridas as testemunhas, cujos nomes, officios, idades, ditos, e costumes são os que se seguem; de que para constar fiz este termo, e Eu o Bacharel José Caetano Cesar Manitti Escrivão por Commissão, que o escrevi.

Manoel Fernandes Coelho, natural da Cidade de Portalegre, reside nesta Villa Rica, onde vive de seu Officio de Thesoureiro da Intendencia, idade, que disse ser de quarenta annos, testemunha, a quem o dito Ministro deferiu o juramento dos Santos Evangelhos em um livro delles, em que poz sua mão direita, sub cargo do qual lhe encarregou jurasse a verdade, do que soubesse, e lhe fosse perguntado, o que assim prometteu cumprir, como lhe era encarregado.

E perguntado elle testemunha pelo conteudo no Auto deste Summario, que lhe foi lido, disse, que achando-se quinze, ou vinte dias antes, pouco mais ou menos, da prisão do Doutor Claudio Manoel da Costa em casa de José Verissimo da Fonseca Escrivão da Ouvidoria desta Villa, em uma noite das sete para as noito horas da no digo horas, conversando com elle, e outro sujeito de fóra de cujo nome se não lembra succedeu baterem á porta; e indo o dito José Verissimo ver, quem era,

se demorou um espaço de tempo; e tornando, contou — Que uma Pessoa rebuçada fôra a casa do Doutor Claudio Manoel da Costa avisal-o, de que o queriam prender, e dizendo-lhe, que fugisse; do que o referido Doutor ficara muito assustado, e temeroso; e elle mencionado José Verissimo o animara, persuadindo-o, de que o referido aviso devia ser fabula, e que não o acreditasse; cujo aviso tinha succedido naquella mesma noite; e mais não disse; e lido o seu juramento o assignou com o dito Ministro; e Eu José Caetano Cesar Manitti, Escrivão por Commissão o escrevi.

Sald.ª — Manoel Fernandes Coelho

José Verissimo da Fonseca, natural de Villa Nova de Portimão, Reino do Algarve, Comarca da Cidade de Lagos, Bispado da Cidade de Faro, residente nesta Villa Rica, onde vive o Officio de Escrivão da Ouvidoria da mesma, idade, que disse ser de quarenta, e nove annos, testemunha, a quem o dito Ministro deferiu o juramento dos Santos Evangelhos em um Livro delles, em que poz sua mão direita, sub cargo do qual lhe encarregou, jurasse a verdade, do que soubesse, e lhe fôsse perguntado, o que assim prometteu cumprir, como lhe era encarregado.

E perguntado elle testemunha pelo conteudo no auto deste Summario, que todo lhe foi lido, disse que logo, que foi preso o Doutor Desembargador Thomás Antonio Gonzaga em uma dessas noites estando elle testemunha em sua Casa, onde também se achavam Manoel Fernandes Coelho, e o Capitão Luis Antonio de Freitas, este assistente que era na Casa do dito Desembargador, ahi batendo-se á porta delle testemunha e perguntando-se, quem era, responderam, que quriam falar ao referido Freitas; e sahindo este, quando tornou a entrar, contou a elle testemunha, e ao mencionado Fernandes, que uma Preta fôrra por nome Antonia, segundo sua lembrança, da Casa do mesmo Doutor Desembargador, lhe dissera, que á do dito naquelle instante havia chegado um Rebuçado, o qual lhe disse, que participasse á familia daquelle Desembargador, fugissem, porque aquella noite haviam de ser presos; estando-se nesta

conversa; o Doutor Claudio Manoel da Costa; que morava vizinho delle testemunha, lhe mandou pedir, que chegasse a sua Casa; e indo com effeito, lhe contou este, que um Rebuçado naquella ocasião antes delle chegar lhe tinha dito, que fugisse, porque ouvira dizer, que elle Doutor era preso aquella noite; e perguntando-lhe elle testemunha, se conhecia o tal Rebuçado, o mesmo lhe respondeu, que não; accrescentando, que lhe parecia, ser aquelle aviso de algum Inimigo, que queria, que elle fugisse, só para o fazer culpado de crime, que não tinha; e logo depois, digo, e o mesmo tinha já respondido o dito Luis Antonio de Freitas; e de todo o referido, sendo logo informado o Excellentissimo Senhor General, como elle testemunha suppõe, o mandou chamar á sala; e ali lhe perguntou o Ajudante Xavier de Rezende pelo recontado sucesso, que promptamente relatou, como referido fica, e lhe determinou o dito Ajudante da parte do referido Excellentissimo Senhor que indagasse da mencionada Preta, se tinha, ou não conhecido o tal Rebuçado; ao que elle testemunha satisfez; mas nunca dita Preta lhe disse com certeza, que o tinha conhecido; só sim, que lhe parecia, ser uma mulher de fóra da terra, que morava no Arrayal dos Paulistas desta Villa, mas sem lhe referir o nome; do que tudo foi elle testemunha dar logo conta do dito Ajudante e mais não disse; e lido o seu juramento, que achou conforme, o assignou com o dito Ministro: e Eu o Bacharel José Caetano Cesar Manitti, Escrivão por Commissão o escrevi.

Said.ª — Jozé Verissimo da Fonc.ª

Antonia da Costa de Nação Mina, e fôrra, assistente nesta Villa, no Sitio onde chamam o Virasaias, de Idade pouco mais, ou menos de cincoenta annos, testemunha, a quem o dito Ministro deferiu o juramento dos Santos Evangelhos em um livro delles, em que poz sua mão direita, sub cargo do qual lhe encarregou, jurasse a verdade, do que soubesse, e lhe fosse perguntado, o que assim prometteu fazer, como lhe estava encarregado.

E perguntada ella testemunha pelo conteudo no auto deste Summario, e Referimento, que nella fez a testemunha retro,

que tudo lhe foi lido, disse, que é verdade o referido, porquanto passados já alguns dias, depois de ter sido preso o Desembargador Thomás Antonio Gonzaga, em cuja casa assistia ella testemunha, e ainda se conservou algum tempo depois, em certa noite seriam nove horas pouco mais, ou menos batendo á porta, e indo ella testemunha ver, quem era, topou com um vulto, que bem não distinguiu, se era homem, ou mulher por vir rebuçado, e com chapéu desabado na cabeça, carregado sobre os olhos; o qual lhe disse que avisasse ella testemunha um moço, que ainda residia naquella casa, e tinha sido creado do dito Desembargador Gonzaga, dando-lhe signães, de quem era, que se acautelasse, e fugisse, porque o queriam prender, e que já nessa noite não dormisse em casa; e desapparecendo logo o dito vulto; Persuadida ella testemunha que aquelle moço era sem duvida um Luis Antonio de Freitas, que áquella hora se achava em casa de José Verissimo, Escrivão da Ouvidoria, logo o foi avisar, do que tinha passado; e é quanto sabe ella testemunha, a este respeito, sendo certo, como já disse, que não pôde conhecer, quem fosse aquelle embuçado pelo disfarce, e cautela, com que lhe falou, e ser de noite; e mais não disse; e sendo-lhe lido o seu juramento o achou conforme; e assignou o dito Ministro; e Eu José Caetano Cesar Manitti, Escrivão por Commissão o escrevi.

Pedro Jozé Ar.º de Saldanha

Attesto que achando-me de semana, como Ajudante de Ordens do Illmo. e Exmo. Sr. Visconde de Barbacena Governador, e Capitão General desta Capitania, se fizeram por ordem do mesmo Sr. algumas diligencias particulares para averiguar, se algum homem embuçado tinha ido de noite pelos dias dezesete ou dezoito de Maio a casa do Dr. Claudio Manoel da Costa, entrando pelo quintal, e o chamara batendo-lhe na Janella para o avisar, que o haviam de prender ou a alguns outros: e que não tendo resultado certeza alguma das ditas diligencias, fôra finalmente chamado o mesmo Dr. Claudio Manoel da Costa, e lhe perguntei de parte de S. Exa. pelo refe-

rido facto, ao que respondeu que era falso enquanto ao tempo e fórma delle, mas sim acontecera que sahindo elle do seu escriptorio acompanhando uma visita até á porta da rua já de noite, parara defronte della uma mulher, ou homem disfarçado nesse traje, que elle conhecera, pedindo-lhe que o ouvisse em particular porque tinha cousa muito importante que dizer, sem que para isso quizesse por nenhum modo entrar para dentro; e então ali mesmo lhe disse em segredo, que se ausentasse porque o haviam de prender, e que se tivesse alguns papeis que lhe fizessem mal, que os queimasse; e me certificou que êste facto succedera passados muito poucos dias depois da prisão do Desembargador Thomás Antonio Gonzaga feita nesta Villa no dia vinte e três de Maio do anno passado. Tudo referido passou na verdade e assim o juro pelo Habito que professo. e para constar onde convier passei a presente que escrevi e assignei. Villa Rica 13 de Janeiro de 1790.

Antonio Xavier de Rezende
Ajudante de Ordens'".

(*Autos de Devassa da Inconfidência Mineira*, Ministério da Educação, Biblioteca Nacional, Volume II, págs. 205 a 212 — Rio de Janeiro, 1936). Copiado de acôrdo com o original

Eis aí os depoimentos com aquela linguagem bolorenta do sórdido escrivão José Caetano Cezar Manitti.

A PRISÃO DO MAÇON PADRE JOSÉ DA SILVA ROLIM

O Padre José da Silva Rolim, iniciado na Maçonaria por Tiradentes, na Loja instalada em Tijuco, foi avisado de haver sido expedida contra êle, uma ordem de prisão, quando se encontrava na residência do Dr. José Soares Pereira da Silva. O Padre Rolim fugiu para o arraial de Itambé, a 22 léguas de Tijuco.

Joaquim Norberto de Souza, às páginas 80 e 81 do vol. II de *História da Conjuração Mineira*, assim descreve a movimentada prisão do Padre Rolim:

"Velava a justiça com os cem olhos de Argos. Afixaram-se editais por tôda a extensão diamantina convidando o povo a delatá-lo se soubesse do lugar em que se ocultava, e autorizando, ainda mesmo a seus escravos, a apreendê-lo e conduzí-lo à Vila Rica como réu de lesa-majestade. Devia tal serviço ser tomado em grande consideração, assim como também seriam punidos os que lhe dessem auxílio. Foram intimados os comandantes de distritos, justiça e oficiais respectivos do Sêrro de S. Antônio e mais lugares diamantinos a fim de que procedessem a minuciosa indagações a bem dessa diligência.

Não faltavam informações de viajantes, os quais diziam ter encontrado o Padre em viagem a cavalo pelo sertão, ou em canoa pelos rios. Nem ignorava o comandante do Itambé capitão Dr. Rodrigues que o padre estivesse escondido nos matos da fazenda mas procurava dissimular. Ao cabo do mato Gonçalves Machado quis capacitar João Francisco das Chagas, o Conversa, que o feitor Antônio Afonso, que ali ia amiudadas vêzes a cavalo, freqüentava aquêle lugar por lá ter oculto

a uma moça sem dúvida trazida do Tijuco. Fingiu o cabo do mato acreditá-lo, e recomendou-lhe muito que se calasse por serem coisas que convinha não divulgar.

Em certo dia do mês de setembro apareceu o mato cercado pelo comandante do distrito, soldados e capitães do mato. Ouviu-se um tiro e algumas horas depois desciam escoltados os escravos do Padre José da Silva. Vinha o pardo Alexandre deitado em uma rêde, banhado em sangue. Caminhava o negro Joaquim amarrado, entre os capitães do mato. Ainda uma vez logrou o Padre José da Silva evadir-se, abandonando o rancho, a que se havia acolhido.

Sendo grave o ferimento do pardo Alexandre foi chamado o capelão da fazenda do Itambé para lhe prestar os socorros espirituais. Dois dias depois capturou-se o Padre José da Silva, apreenderam-no os seus escravos e seqüestraram-se todos os seus bens. Havia o Padre saído a cavalo, seguido de um pajem, da fazenda do Itambé, vulgarmente chamada das Almas, quando há pouca distância, foram detidos por quatro pedestres, que os conduziram à casa do comandante do distrito e depois à cadeia da Vila Rica. Na residência do comandante exigiu o padre confessar-se e veio para êsse fim o capelão da fazenda de Itambé. Como eram amigos e achava-se o padre José da Silva incomunicável, é de crer que se servisse astuciosamente dêsse meio para transmissão de algum recado a qualquer de seus parentes".

O DEPOIMENTO DO PADRE ROLIM

O Padre José da Silva de Oliveira Rolim, embora pouco citado pelos autores de *História do Brasil*, foi uma das mais interessantes figuras da Inconfidência. Era um sacerdote de vida irregular, talvez mais comerciante do que padre. Foi, segundo Felício dos Santos, iniciado na Maçonaria por Tiradentes, fundador de uma Loja em Tijuco, justamente na residência do pai do Padre Rolim.

O Padre Rolim foi inquerido em Vila Rica e, depois, na Ilha das Cobras, desdizendo-se, terminando por considerar-se men-

tiroso, comprometeu outros elementos. É interessante a leitura do *Auto de Perguntas feitas ao Padre José da Silva de Oliveira Rolim*, que só vimos publicado no *Autos de Devassa da Inconfidência Mineira*.

Eis os depoimentos do Padre Rolim:

"AUTO DE PERGUNTAS FEITAS AO PADRE JOSÉ DA SILVA DE OLIVEIRA ROLIM

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil setecentos e noventa aos treze dias do mez de Abril nesta cidade do Rio de Janeiro na Fortaleza da Ilha das Cobras, aonde foi vindo o Desembargador José Pedro Machado Coelho Torres Juiz nomeado para esta Devassa pelo Illmo., e Exmo. Vice-Rei do Estado commigo Marcellino Pereira Cleto Ouvidor, e Corregedor desta Comarca, e Escrivão também nomeado para a presente Devassa, ahi mandou o dito Desembargador José Pedro Machado Coelho Torres vir à sua presença o Padre José da Silva de Oliveira Rolim, que se acha preso em custódia na dita Fortaleza, e vindo o sobredito Padre se procedeu com elle a perguntas na fórma seguinte.

E perguntando-se-lhe: como se chamava, de quem era filho, donde era natural, que idade tinha, se era casado, ou solteiro, que emprego tinha, e se tinha Ordens.

Respondeu, que se chamava o Padre José da Silva de Oliveira Rolim, que era natural do Arrayal do Tejuco Comarca do Serro do Frio Capitania de Minas Geraes, filho do Sargento Mor José da Silva de Oliveira primeiro Caixa dos Diamantes, e de D. Anna Joaquina Rosa, que tinha quarenta e um annos. que era Presbytero do Habito de S Pedro, que vivia em casa de seu Pae, e também do rendimento dos seus bens, e com effeito vendo-lhe o alto da cabeça nella vi signal, de andava tonsurado, de que dou fé.

E perguntando-se-lhe se sabia, ou suspeitava a causa da sua prisão, respondeu, que tendo sido preso na Comarca do Serro do Frio na fazenda de seu pae chamada o Itambé, e conduzido para Villa Rica, nesta se lhe fizeram differentes perguntas pelo Ouvidor, e Corregedor da mesma Comarca Pedro José de Araujo Saldanha na Devassa, a que procedeu pela sublevação, e motim, que pretendia fazer-se na Capitania de Minas Geraes, da qual Devassa era Escrivão o Ouvidor, e Corregedor, da Comarca do Sabará José Caetano Cesar Manitti, e pelas perguntas, que na dita Devassa se lhe fizeram, ficou elle Respondente certo, que a sua prisão nascia e a ella dera causa a dita projectada sedição, e motim.

E perguntado, depois de lhe serem lidas as ditas perguntas, que se acham appensas á Devassa, que se tirou na dita Capitania no appenso do numero dezeseis, e a Devassa de Minas appensa a esta, se de novo as ratificava, pois que foram feitas sem assistencia do Escrivão, ou Tabelião, e na falta delle de duas testemunhas na fórma da lei, e agora se achava também presente o Tabelião José dos Santos Rodrigues e Araujo para assistir a esta ratificação, e fazer as ditas perguntas legaes, e disesse elle Respondente se ás ditas perguntas appensas tinha, que augmentar, ou diminuir, e se eram as proprias, que se lhe haviam feito.

Respondeu, que as perguntas que neste acto se lhe leram, como também as respostas, que elle respondente deu eram as mesmas que se lhe tinham feito em Villa Rica na Devassa a que lá se procedeu e que se acha appensa a esta, e que elle Respondente de novo as ratifica, e só declara, que nas ditas perguntas, que formam na dita Devassa de Minas o appenso do numero dezeseis a folhas cinco verso do dito appenso se narrou uma conversa, que elle Respondente teve com o Tenente Coronel da Tropa paga de Minas Geraes Francisco de Paula Freire de Andrade sobre lhe derrogar o Illmo., e Exmo. Visconde de Barbacena Governador, e Capitão General da dita Capitania licença para elle Respondente ir para o Tejuco, ratificando elle Respondente neste acto toda a dita conversação

na forma que ella se escreveu, e se acha escripta, só não ratifica a conclusão da mesma em que se diz, que o dito Tenente Coronel dissera a elle Respondente — e nos havemos de governar — porquanto não tem elle Respondente lmbrança, que o dito Tenente Coronel tal proferisse; igualmente declara, que no mesmo appenso do numero dezeseis, a folhas nove verso se diz, que o dito Tenente Coronel Francisco de Paula Freire de Andrade procurara de proposito, e positivamente a elle Respondente para lhe dizer, que convidasse gente para a Sublevação, e motim o que não é assim na fórma, que se escreveu; porque o dito Tenente Coronel não procurou positivamente a elle Respondente para este fim, e só é verdade, que lhe fez a dita recommendação em occasião, que elle Respondente foi a sua casa, e com estas declarações ratifica elle respondente as ditas perguntas. E por ora houve o dito Desembargador estas perguntas por findas, e acabadas, e deu juramento ao Respondente de haver nellas falado verdade pelo que respeita a terceiro, e as assignou com o Respondente, e Tabelião José dos Santos Rodrigues e Araujo depois destas lhe serem lidas, e as achar na verdade: E declaro que o Respondente esteve a estas perguntas livres de ferros, e em liberdade: E eu Marcellino Pereira Cleto Ouvidor, e Corregedor desta Comarca, e Escrivão nomeado para esta Devassa o escrevi, e assignei.

Torres
Marcellino Pereira Cleto
Pe. José da S.ª e Oliveira Rollim
Jozé dos Santos Roiz' e Ar.º

Auto de continuação de perguntas feitas ao Padre José da Silva de Oliveira Rolim

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil setecentos e noventa aos dezesete do mez de Abril nesta ci-

dade do Rio de Janeiro na Fortaleza da Ilha das Cobras, aonde foi vindo o Desembargador José Pedro Machado Coelho Torres Juiz nomeado para esta Devassa, commigo Marcellino Pereira Cleto Ouvidor, e Corregedor desta Comarca, e Escrivão tambem nomeado para a mesma Devassa, e o Tabellião José dos Santos Rodrigues, e Araujo para effeito de se continuarem perguntas ao Padre José da Silva de Oliveira Rolim, que se acha preso em custodia na dita Fortaleza, e sendo ahi mandou vir á sua presença ao dito Padre José da Silva de Oliveira Rolim, e vindo se continuou com elle a perguntas na fórma seguinte:

E sendo-lhe lidas as perguntas, que se lhe haviam feito, e perguntando-se-lhe se eram as mesmas, e de novo as ratificava.

E sendo perguntado por tudo o que sabia da intentada conjuração, pois que sendo um dos socios della, não haverá cousa, que ignore, do que se tinha premeditado, e deve agora declarar tudo individualmente.

Respondeu, que tendo diligenciado voltar para o Tejuco, donde tinha sido despejado pelo Illmo., e Exmo. Luis da Cunha, e Menezes, e fazendo para este effeito requerimento ao Illmo., e Exmo. Visconde de Barbacena Governador, e Capitão General de Minas Geraes, no qual mostrava attestações, e folhas corridas, de que se achava sem culpa, e vendo, que assim mesmo lhe não deferiu o Illmo., e Exmo. Visconde General veiu elle Respondente por casa do Tenente Coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, e queixando-s disto, elle lhe respondu, que deixasse estar, que até meado de Fevereiro se havia de recolher para o Tejuco, ou com despacho, ou sem elle, e dizendo o Respondente como aquillo havia de ser, lhe tornou o mesmo Tenente Coronel, perguntando-lhe — se elle Respondente promettia guardar segredo — e tendo-lhe dito, que sim, disse, que estava para se lançar a Derrama, e que o Povo se havia de oppor, e que elle dito Tenente Coronel iria por casa delle Respondente para lhe explicar isto melhor; pois naquella occasião estava para sahir para fóra: Esta foi a primeira occasião, em que elle Respondente teve idéa da intentada subleva-

ção, que foi em vinte, e um do mez de Dzembro de mil setecentos e oitenta e oito.

Depois succedeu ir o Alferes Joaquim José da Silva Xavier á casa do Tenente Coronel Domingos de Abreu Vieira, aonde elle Respondente se achava hospedado, cumprimentando-o o dito Alferes, perguntou como elle Respondente ia com os seus requerimentos, e dizendo o Respondente, que não tinha sido deferido; lhe disse o dito Alferes, ahi tem Vossa Mercê, o que succede, este Governador, e Capitão General o Illmo. e Exmo. Visconde era em quem se tinham as maiores esperanças, de que não faltaria á justiça, e elle não defere um requerimento, em que Vossa Mercê se justifica tanto; a culpa temos nós em estar soffrendo estas cousas, deixe que Vossa Mercê verá, ao que elle Respondente disse ao dito Alferes que já sabia, o que elle lhe queria dizer, ao que elle dito Alferes lhe perguntou, pois quem lhe disse, foi o Tenente Coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, ao que elle Respondente lhe disse, que sim, e depois continuou o dito Alferes a ponderar as circunmtancias do Paiz, a sua riqueza, e que não podia haver dúvida em se sustentar independente.

Posteriormente dahi a dias veiu o Tenente Francisco de Paula Freire de Andrade a casa do Tenente Coronel Domingos de Abreu Vieira, aonde elle Respondente se achava hospedado, e tornando-se a falar na mesma materia, perguntou a elle Respondente se Domingos de Abreu Vieira já sabia da sublevação, e motim, e como lhe dissera, que não, lhe recomendou o dito Tenente Coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, que lhe participasse, do que elle Respondente se escusou, e depois entrando o dito Tenente Coronel Francisco de Paula Freire de Andrade falar com o Tenente Coronel Domingos de Abreu Vieira, depois quando sahiu disse a elle Respondente, que já tinha falado ao dito Domingos de Abreu Vieira, e o capacitara a entrar na dita sublevação, e motim, dizendo-lhe que havia de pagar á derrama uma grande somma de dinheiro.

Depois de passados alguns dias, vindo elle Respondente pela rua, em que mora o Tenente Coronel Francisco de Paula Frei-

re de Andrade, vendo luz no seu quarto, entrou a tempo que achou com o dito Tenente Coronel Francisco de Paula Freire de Andrade o Vigario da Villa de São José Carlos Corrêa de Toledo, o Alferes Joaquim José da Silva Xavier, e depois entrou o Doutor José Álvares Maciel, e a poucos passos se entrou a falar na derrama, e se mandou chamar o Coronel Ignacio José de Alvarenga, o qual veiu, e entre todos se entrou a falar na materia da sublevação, e motim, que se intentava, dizendo-se, que pondo-se a derrama, o Povo se opporia a ella, que o Regimento estava prompto para favorecer o partido do Povo, que poderia haver falta de polvora, e todos concordaram em a mandar vir, e elle Respondente disse, que tinha nesta cidade algum dinheiro, que o mandaria ir empregado em polvora, ouviu mais elle Respondente na dita occasião ao Coronel José de Alvarenga, que na occasião da sublevação, e motim traria alguma gente da Campanha para o auxiliarem e que ao Ilmo., e Exmo. Visconde General o iriam pôr na Bahia pelo sertão, que o Respondente disse, que elles não sabiam o que isso era, porque não tinham andando por lá, e que se elles queriam, que elle fosse com toda a commodidade, isso não era praticável naquelle caminho; pelo que assentaram, em que o remetteriam para o Rio de Janeiro, mandando-o pôr na Parahiba, a que a Illma., e Exma. Viscondessa de Barbacena viria ao depois com a sua familia.

Depois disto, que mais palavra, ou menos é substancialmente o que ali se passou, se retirou o Respondente, porque tocaram as oito horas tempo em que costumava recolher-se para cear com seu hospedante o Tenente Coronel Domingos de Abreu Vieira, que não gostava, de que lhe faltassem áquella hora, e fóra desta occasião nunca se tratou mais esta materia em ajuntamento, nem ella teve mais progresso.

E sendo instado para que dissesse completamente a verdade; pois certamente a ha de saber com mais individuação, tanto a respeito de pessoas, que eram entradas nisso, como constava serem alem das que elle tem dito o Desembargador Thomás Antonio Gonzaga, o Capitão Maximiliano de Oliveira Leite, um Doutor pequenino das partes do Sabará, os quaes

também assistiram á conversação em casa do Tenente Coronel Francisco de Paula, alem de outros, que elle Respondente ha de saber eram entrados, e a quem falaria para isso, segundo lhe tinha recommendado; e para o que tinha levado algumas cartas, as quaes deve declarar de quem, e para quem eram, declarando mais algumas circunmstancias, que omitte, como são as Leis, que se faziam, quem estava encarregado dellas, e ultimamente a senha, que havia para executar a acção, e que pessoas se intentavam assassinar, e matar.

Respondeu, que elle tem dito substancialmente tudo o que sabe, e é o mesmo, que já disse com mais extensão nas perguntas, que lhe foram feitas em Villa Rica, ás quaes se refere, e assevera, que nem o Desembargador Thomás Antonio Gonzaga, nem o Capitão Maximiliano de Oliveira Leite, nem Doutor algum pequenino das partes do Sabará assistiram a conversação sobredita, que houve em casa do Tenente Coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, nem lá entraram emquanto elle Respondente, lá esteve, que é verdade, que o Alferes Joaquim José da Silva Xavier disse a elle Respondente, que o Desembargador Thomás Antonio Gonzaga também entrava nesta conjuração, e motim; porém como o mesmo Alferes disse a elle Respondente em outra occasião, que a alguns dizia entravam várias pessoas, a quem elle não tinha falado nem sabia, que entrassem por isso ficou na dúvida, e ainda hoje está nella, de que o dito Desembargador entrasse, e quanto ás Cartas, é certo, que o dito Tenente Coronel Francisco de Paula Freire de Andrade tinha dito a elle Respondente, que falasse a algumas pessoas para entrarem na Sublevação, e motim, e dizendo o Respondente, que desse o dito dito Tenente Coronel Francisco de Paula Freire de Andrade algumas cartas para isso, respondeu, que sim; porém depois nem as escreveu, nem elle Respondente as foi procurar, e em certo modo veiu no conhecimento, de que aquillo era por modo de patranha; porque observou, quanto estiveram todos na conversação em casa do Tenente Coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, que o Regimento estava prompto, recommendou depois, ao Alferes Joaquim José da Silva Xavier, que falasse a alguns Officiaes

do Regimento, e dizendo-lhe o dito Alferes, que lhes falasse elle referido Tenente Coronel, respondeu, que não queria, porque não queria, que se soubesse que elle era entrado nesta conjuração, nem também queria saber os mais, que nella eram entrados; e que já tinha falado a dous, que era ao Respondenté. e ao Tenente Coronel Domingos de Abreu Vieira, e que não falava a mais ninguém: Alem disso observou, que tendo o dito Tenente Coronel Francisco de Paula Freire Andrade dito a elle Respondente, que ia á sua Fazenda do Caldeirão estar cinco, ou seis dias, mandou comprar dois chapéus brancos, e dizendo-lhe o Tenente Coronel Domingos de Abreu Vieira, mettendo-o a bulha, que elle fazia gastos, comprando chapéus brancos, respondeu, que era para a sua familia, porque iam estar todos na sua Fazenda do Caldeirão tres, ou quatro mezes; pelo que ficou o Respondente despersuadido dos projectados intentos, que lhe tinham communicado, e assim se retirou para o Tejuco, cuidando do modo de lá poder subsistir, conseguindo a permissão para isso; e por essa razão não tinha falado a pessoa alguma, e também porque tinha ouvido dizer ao mesmo Tenente Coronel Francisco de Paula Freire de Andrade que o peor crime, que podia commeter qualquer era convidar para aquelle intento: Que na conversação não tinha ouvido falar em feitura de Leis, nem na Senha, que se havia de dar para se executar a acção, nem tão pouco que se ajustasse matarem-se algumas pessoas, que algumas cousas poderiam escapar a elle Respondente: porém cada um conversava, o que lhe parecia, e elle não daria attenção a tudo; e que tudo o que sabe é, o que tem dito, que não tem necessidade de encobrir cousa alguma depois de declarar a sua culpa, e por mais instancias que lhe foram feitas nada mais declarou. E por ora houve o dito Desembargador estas perguntas por findas, e acabadas, e deu juramento ao Respondente de haver nellas falado verdade pelo que respeita a direito de terceiro, e as assignou com o Respondente, e o Tabelião José dos Santos Rodrigues de Araujo depois destas lhe serem lidas, e as achar na verdade: E declaro, que o Respondente esteve a estas perguntas livre de ferros, e em liberdade. E eu Marcellino Pereira Cleto Ouvidor, e Corre-

gedor da Comarca do Rio de Janeiro, e Escrivão nomeado para esta Devassa o escrevi, e assignei.

Torres
Marcellino Pereira Cleto
Pe. Jozé da S.ª de Oliveira Rollim
Jozé dos Santos Roiz' e Ar.º

Auto de continuação de perguntas feitas ao Padre José da Silva de Oliveira Rolim

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil setecentos e noventa e um aos tres dias do mez de Julho nesta cidade do Rio de Janeiro e Cadeias da Relação da Cidade; aonde foi vindo o Desembargador Conselheiro Sebastião Xavier de Vasconcellos Coutinho do Conselho de Sua Magestade e do da sua Real Fazenda Chanceller da mesma Relação e Juiz da Commissão expedida contra os Réus da Conjuração formada em Minas Geraes, junto commigo Escrivão do diante nomeado, e o Intendente nomeado da Comarca de Villa Rica José Caetano Cesar Manitti, também Escrivão da mesma diligencia, para effeito de se continuarem perguntas ao Padre José da Silva de Oliveira Rolim preso nos segredos das Cadeias; sendo ahi mandou vir á sua presença o dito Réu, e lhe fez as perguntas seguintes:

E perguntado, se era o proprio, e se ratificava as perguntas, que lhe foram lidas, e se as achava conformes?

Respondeu, que era o proprio Padre José da Silva de Oliveira Rolim; que as perguntas, e respostas não estavam conformes com a verdade; porquanto é certo, que elle Respondente mentiu na resposta, que deu em algumas cousas; e que em outras houve accrescentamento, e mudança, no que elle Respondente disse.

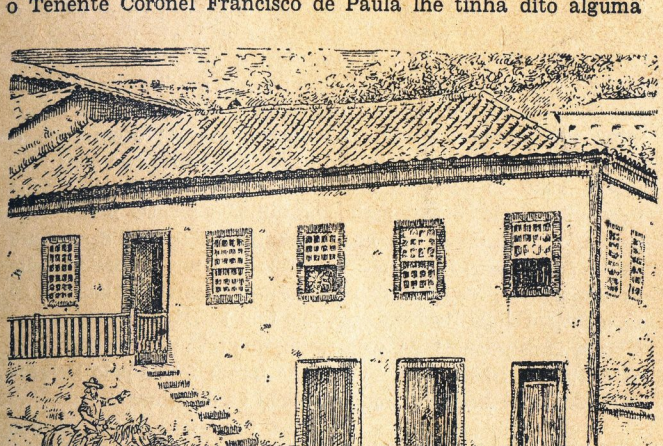
E foi perguntado, que declarasse agora com a verdade as cousas, em que tinha mentido, e as cousas, que lhe tinham sido mudadas, ou alteradas.

Respondeu, que mentiu, quando disse, que a primeira vez

que ouviu falar em levante fôra ao Tenente Coronel Francisco de Paula Freire, em sua casa, indo a entregar-lhe os papéis, em que pretendia, que o General de Minas o deixasse á sua, digo o deixasse restituir á sua casa no Tejuco, donde tinha sido mandado sahir pelo General antecedente Luis da Cunha e Menezes; porquanto nessa occasião lhe não falou o dito Tenente Coronel em levante; e a primeira vez, que ouviu falar na sedição foi depois em casa do dito Tenente Coronel, estando presente o Alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Vigario Carlos Corrêa de Toledo, Ignacio José de Alvarenga, e o Doutor José Alves Maciel; que não está certo, quem foi o primeiro, que moveu a pratica sobre o levante, que principou, por se falar, em que se lançava a Derrama.

Que mais mentiu, quando disse, que Ignacio José de Alvarenga havia de vir com quatrocentos, ou seiscentos homens para ajudar o levante; porquanto supposto seja verdade, o que o dito Alvarenga disse a respeito dos quatrocentos, ou seiscentos homens; comtudo é certo, que a elle Respondente não lembra com certeza, se o dito Alvarenga disse, que havia de vir com elles para o levante, ou para requerer com elles ao General sobre a Derrama. Também mentiu na conversa, que referiu, que havia tido com o Alferes Joaquim José da Silva Xavier, indo elle visital-o a casa de Domingos de Abreu Vieira, dizendo elle Respondente, que quando se queixara, de que o Governador lhe não deferia ao requerimento que tinha feito para se recolher a sua casa no Tejuco; que o dito Alferes lhe respondera, que o General promettera no principio grandes esperanças de fazer Justiça; e que agora lhe não deferia a um requerimento justo; que a culpa tinham todos de o estarem soffrendo; e que elle Respondente dissera que bem entendia, o que queria dizer nisso; ao que o dito Alferes tornou, dizendo, se já o Tenente Coronel Francisco de Paula lhe tinha falado em alguma cousa, dizendo elle Respondente, que sim; que então principiara o dito Alferes a referir as grandes riquezas da América; porquanto; só é verdade, ter-se elle Respondente queixado ao dito Alferes, de que o General lhe não deferisse, e que o dito Alferes, lhe respondeu, que o General tinha dado no prin-

cipio grandes esperanças de fazer justiça; e que agora faltava a ella, deixando de deferir um requerimento justo; e que tudo o mais, que referiu a este respeito foi mentira delle Respondente; pois não necessitava o dito Alferes de perguntar-lhe, se o Tenente Coronel Francisco de Paula lhe tinha dito alguma



DIAMANTINA: CASA DO INCONFIDENTE PE. ROLIM

(In "Pequena História da Inconfidência de Minas Gerais" de Augusto Lima Júnior)

cousa; quando antecedentemente tinham falado no levante em casa do mesmo Francisco de Paula elle Respondente, o dito Alferes, e as mais pessoas, que tem declarado.

Que também mentiu, quando disse, que em casa de Domingos de Abreu, se tinha falado no levante; porquanto só uma vez disse a elle Respondente o Tenente Coronel Francis-

co de Paula, que fosse metter a bulha Domingos de Abreu em sua casa sobre o levante; porem que elle Respondnte não esteve presente á pratica, que o dito Tenente Coronel teve com o dito Domingos de Abreu; e só sahindo para fóra o dito Tenente Coronel disse a elle Respondente, que tinha metido a bulha o dito Domingos de Abreu dizendo-lhe, que havia de pagar na Derama uns poucos de mil cruzados; e que nem o dito Tenente Coronel lhe disse mais cousa alguma da dita pratica nem elle Respondente falou, nem ouviu falar em casa do dito Domingos de Abreu a pessoa alguma em levante; e em tudo, o que digo e em tudo o mais que se acha escripto nas suas respostas, além do que aqui declara ser verdade, é mentira delle Respondente. E declara mais, que também mentiu nestas respostas, quando disse, que nas perguntas feitas pelo desembargador José Pedro havia accrescentamento nas respostas delle Respondente; porquanto não ha accrescentamento algum, e só as mentiras delle Respondente, que tem referido.

Foi mais perguntado, pela razão, que teve para mentir descaradamente nas perguntas que lhe foram feitas pelo Desembargador José Pedro, em que ratificou as de Minas?

Respondeu, que uma das razões, por que mentiu, no que disse a respeito do Tenente Coronel Francisco de Paula, foi porque sabia, que elle o tinha denunciado; e em vingança pretendeu carregal-o, no que depoz a respeito digo no que declarou nas suas rspostas a respeito do levante para o fazer mais culpado.

E sendo instado, que dissesse a verdade, porquanto não é crivel, que um homem Sacerdote levantasse um aleive sem temor de Deus em materia de tanta ponderação, e de tanta consequencia?

Respondeu, que então não tinha temor de Deus, só lhe lembrava a sua vingança, e agora declara, digo e agora, o que tem declarado é por descargo de sua consciencia; e que então tambem dera aquellas respostas por atemorizado, tendo-lhe dito um soldado no caminho, quando veiu para esta cidade, que Ignacio José de Alvarenga tinha feridas no corpo dos ferros, que lhe tinham posto.

E por agora lhe não fez o dito Ministro mais perguntas; as quaes sendo lidas por mim a elle Respondente, as achou conformes, com o que respondido tinha; e sendo-lhe deferido o juramento dos Santos Evangelhos, do que dou fé, pelo que respeitava a terceiro, debaixo delle declarou ter dito a verdade; e declaro com o Escrivão assistente, que o Réu esteve neste acto livre de ferros, e de tudo mandou o dito Ministro Conselheiro fazer este Auto, em que assignou com o Respondente, e Ministro assistente: E eu o Desembargador Francisco Luis Álvares da Rocha, Escrivão da Commissão, que o escrevi e assignei.

Vas.cºs
Jozé Caetano Cesar Manitti
Francisco Luis Álvares da Rocha
Pe. Jozé da S.ª de Olivr.ª Rollim

Auto de perguntas, e Acareação feita ao Padre José da Silva, o Tenente Coronel Francisco de Paula, Domingos de Abreu, e Joaquim José da Silva

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil setecentos e noventa e um aos oito dias do mez de Julho nesta cidade do Rio de Janeiro e cadeias da relação della; aonde foi vindo o Desembargador Conselheiro Sebastião Xavier Vasconcellos Coutinho do Conselho de Sua Magestade e do da Sua Real Fazenda Chanceller da mesma Relação, e Juiz da Commissão expedida contra os Réus da Conjuração formada em Minas Geraes, junto commigo o Desembargador Francisco Luis Álvares da Rocha Escrivão da mesma Commissão e o Intendente nomeado da Comarca de Villa Rica José Caetano Cesar Manitti, Escrivão assistente, para effeito de se continuarem perguntas ao Padre José da Silva de Oliveira Rollim, e ser acareado com os Réus o Tenente Coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, Domingos de Abreu Vieira, e o Alferes Joaquim José da Silva Xavier, todos presos incommunicaveis nas mesmas cadeias; e sendo ahi mandou vir á sua presença os sobreditos, os quaes se reconheceram reciprocamente pelos proprios, do que dou fé, e lhe continuou as perguntas e acareação pela maneira seguinte.

E sendo-lhe deferido pelo mesmo Conselheiro o juramento dos Santos Evangelhos aos acareados, e acareantes, pelo que respeita a terceiro, debaixo delle prometteram dizer a verdade.

E o dito Domingos de Abreu Vieira persistiu firme no que depoz no seu juramento folhas cento e duas da Devassa, tirada pelo Desembargador José Pedro Machado Coelho Torres, na parte, em que declara, que o acareado o Padre José de Oliveira Rolim assistira a algumas conversações, que houve em sua casa sobre o levante; por ser o dito Padre seu hospede; e o Alferes Joaquim José da Silva Xavier persistiu tambem firme, no que declarou nas suas respostas, de que até duas vezes, que falou com Domingos de Abreu Vieira em sua casa sobre a Sublevação, estivera presente, conversando na materia, com o Padre José da Silva de Oliveira Rolim; e o acareante Francisco de Paula Freire de Andrade persistiu firme, em que uma vez, que falara com Domingos de Abreu Vieira em sua casa sobre a sedição e motim, estivera na dita conversação o Padre José da Silva de Oliveira Rolim; no que conveio o acareante Domingos de Abreu com os dois acareantes Joaquim José da Silva Xavier, e Francisco de Paula Freire de Andrade sobre o que cada delles tem declarado; o que sendo ouvido pelo acareado Padre José da Silva de Oliveira Rolim negou pertinazmente, o que declarou o acareante Joaquim José da Silva, e o outro acareante Domingos de Abreu; e depois de negar, e pretender confirmar a verdade, que dizia também o acareante Francisco de Paula Freire, por fim custou muito a tirar-lhe decisivamente que com effeito era verdade, o que tinha declarado o acareante Francisco de Paula Freire; e que elle acareado tinha mentido nas respostas, que deu ás perguntas antecedentes; quando disse, que nunca estivera presente a nenhuma conversação, que houvesse sobre o levante em casa do dito Domingos de Abreu; não tenho outra nenhuma cousa, que responder ás declarações do dito Domingos de Abreu, e Alferes Joaquim José, mais que uma simples negativa.

E por esta fórma houve o dito Conselheiro esta acareação por concluida; a qual sendo-lhes por mim lida acharam estar conforme com o que respondido tinham; e sendo-lhe perguntado pelo mesmo Conselheiro se tinham nella alguma cousa, que

accrescentar, ou diminuir, responderam unanimemente, que nada mais tinham que accrescentar, ou diminuir; e declaro com o Ministro Escrivão assistente, que neste acto estiveram uns e outros livres de ferros, do que de tudo dou fé, assim ter passado: e para assim constar mandou o dito Conselheiro fazer este auto, em que assignou com o acareado, e acareantes, e Ministro Escrivão assistente; e Eu Francisco Luis Álvares da Rocha Escrivão da Commissão, o escrevi e assignei.

Vas.cos
Francisco Luis Alvares da Rocha
Jozé Caetano Cesar Manitti
Pe. Jozé da S.ª de Olivr.ª Rollim
Francisco de Paula Freire de Andrade
Domingos de Abreu Vieira

E logo no mesmo acto tendo mandado recolher ás suas prisões os Réus o Tenente Coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, e o Alferes Joaquim José da Silva Xavier, continuou a acareação com o dito Padre José da Silva de Oliveira e o Tenente Coronel Domingos de Abreu pelo modo seguinte.

Tendo negado o acareado Padre José da Silva de Oliveira Rolim nas respostas, que deu ás perguntas, que lhe foram feitas, que tivesse levado carta alguma do Desembargador Thomás Antonio Gonzaga, para seu Primo Joaquim Antonio Gonzaga, Ouvidor do Serro, convidando-o para entrar na Sedição, e motim, quando se ausentou de Villa Rica para o Tejuco da casa do acareante Domingos de Abreu Vieira, de quem era hospede, foi lido o parrg digo o parrafo folhas cento e tres do depoimento, que deu na Devassa o dito Domingos de Abreu, tirada pelo Desembargador José Pedro; cujo parrafo diz assim — Que elle testemunha ouviu dizer ao Padre José da Silva de Oliveira Rolim, quando estava para ir para o Tejuco, que elle levava carta do Desembargador Thomás Antonio Gonzaga para seu Primo Joaquim Antonio Gonzaga, Ouvidor do Serro do Frio, convidando-o para entrar, e auxiliar esta Sedição e motim; porem não sabe elle testemunha, nem se o dito Padre entregou a carta, nem tão pouco, se della houve resposta;

— O que sendo ouvido por ambos, acareante e acareado, persistiu o acareante firme, em que era verdade ter ouvido do acareado Padre José da Silva, o que depoz no dito juramento; e que disso estava certo sem hesitação alguma, no que persistiu sem embargo das razões, que deu o dito acareado Padre José da Silva; E este persistiu tambem firme, em que não tinha dito ao acareante Domingos de Abreu, o que elle depoz no seu juramento na fórma, que fica declarado; e que o dito Domingos de Abreu se equivocava; porquanto, o que elle acareado podia dizer-lhe, era que indo despedir-se do Desembargador lhe offerecera carta para levar a seu Primo Joaquim Antonio Gonzaga, Ouvidor do Serro do Frio, dizendo-lhe, que não queria, que elle acareado se fosse de Villa Rica para Tejuco sem levar carta suas e respondendo-lhe elle acareado, que se a carta era de alguma importancia, não podia leval-a; porque fazia tenção de se demorar um mez pelo caminho, o dito Desembargador Gonzaga lhe disse então, que a carta não era de importancia, que precisasse de resposta; pelo que entendeu elle acareado, que a carta que queria dar-lhe o dito Desembargador, era de recommendação, para que seu Primo Joaquim Antonio Gonzaga o protegesse nos negocios, que elle acareado tinha; porem que nem esta mesma carta levou, porque mandando-a buscar a casa do dito Desembargador Gonzaga na noite, que estava para partir para o Tejuco, não estava o dito Desembargador em casa; por cuja razão foi sem ella; e porque passado isto, digo e por ter passado isto com o dito Desembargador, poderia o acar digo poderia elle acareado dizer ao acareante Domingos de Abreu, que levava carta do Desembargador Thomás Antonio Gonzaga para seu Primo Joaquim Antonio Gonzaga; mas que era impossível que dissesse ao acareante, que a dita carta era para convidar o dito Joaquim Antonio Gonzaga para entrar, e auxiliar a Sedição, e motim; e não obstante esta aplicação do acareado, sempre o acareante Domingos de Abreu ficou firme, em que era verdade o que tinha deposto; e que se não equivocava; e o acareado ficou tambem

firme, em que só tinha passado com o dito Desembargador Gonzaga, o que fica referido; e que nada mais podia dizer ao acareante; e cada um delles, acareante e acareado estiveram tão firmes, e constantes, no que cada um delles declarou, que se não pôde conhecer, qual delles mentia, ou falava verdade.

Foram mais acareados, sobre o que depoz o acareante, Domingos de Abreu Vieira no parrafo folhas cento e duas verso da dita Devassa, em que o dito Domingos de Abreu declarou, que o dito Padre José da Silva de Oliveira Rolim, e o Alferes Joaquim José da Silva Xavier disseram perante elle testemunha, que tinham falado para entrarem na mesma sedição, e motim, aos Capitães da Tropa paga da Capitania de Minas Maximiano e Manoel da Silva Brandão; e sendo-lhe lido o dito parrafo do depoimento, persistiu firme, e constante o acareante Domingos de Abreu, em que era verdade tudo, o que tinha deposto, e declarado no dito parrafo; e o acareado Padre José da Silva de Oliveira Rolim persistiu tambem firme, e constante, em que nunca tinha falado com os ditos Capitães para entrarem na sublevação, nem ouvira nunca dizer ao Alferes Joaquim José da Silva Xavier, que tivesse falado para entrarem no levante, nem aos ditos Capitães, nem a Official algum da Tropa; pelo que não era possivel, que elle, ou o Alferes Joaquim José da Silva dissessem perante o acareante, que tinham falado aos ditos Capitães na fórma, que o dito acareante depoz; e depois de disputarem muito o acareante, e acareado insistiram cada um, no que fica declarado; e disse o acareante Domingos de Abreu, que se acaso o acareado não tinha falado aos ditos Capitães para entrarem no levante, comtudo era certo, que o acareado lhe tinha asseverado haver falado aos ditos Officiaes da Tropa; o que talvez seria para persuadir a elle acareante para entrar na Sublevação, vendo o grande partido, que havia, e sem ser possivel conformarem-se persistindo cada um firme, e constante, no que tinha dito, se não pôde perceber, qual delles, era o que mentia, ou falava verdade.

E por esta fórma houve o dito Conselheiro esta acareação por feita não tendo nenhum delles, que accrescentar, ou diminuir ás suas respostas, como lhe foi perguntado; e as acha-

ram conformes, como dito tinham, sendo-lhes por mim lida toda a mesma acareação; e debaixo do juramento, que já recebido tinham, declararam ter dito a verdade, pelo que respeita a terceiro; e estiveram livres de ferros no dito acto, do que dou fé; e de tudo mandou o mesmo Conselheiro fazer este Auto, em que assignou com o acareante e acareado, e Ministro Escrivão assistente: e eu o Desembargador dos Aggravos Francisco Luiz Álvares da Rocha, Escrivão da Commissão, que o escrevi e assignei.

Vas.c^{os}
Francisco Luis Álvares da Rocha
Jozé Caetano Cesar Manitti
Domingos de Abreu Vieira
Pe. Jozé da S.^{a} de Olivr.^{a} Rollim

(*Autos de Devassa da Inconfidência Mineira*, Ministério da Educação, Biblioteca Nacional, volume IV, págs. 409 e 431, Rio de Janeiro, 1936 — Copiado de acôrdo com o original).

UM MAÇON DE GRANDE VALOR

ÁLVARES MACIEL, O INTELECTUAL DA INCONFIDÊNCIA
O SEU DEPOIMENTO

Os estudiosos da nossa história são acordes em reconhecer em José Álvares Maciel, o intelectual da Inconfidência Mineira.

Cursou a Universidade de Montpellier, então poderoso centro de irradiação da Maçonaria. Lá, deve ter-se iniciado, a menos que já o houvesse feito em Coimbra, como ocorrera com outros estudantes brasileiros.

Antes de regressar ao Brasil, Álvares Maciel foi a Londres. Por que? Entre outras razões, porque lá estava funcionando a *Logia Gran Reunión Americana,* fundada pelo glorioso mártir Francisco Miranda, o grande precursor da Independência dos povos americanos.

No princípio dêste livro, em capítulo especial, exaltamos a figura de Francisco Miranda, o seu trabalho de alta valia e a contribuição extraordinária da *Logia Gran Reunión Americana,* como centro congraçador dos patriotas sul-americanos e elemento coordenador da luta pela emancipação, haja vista a simultâneidade dos movimentos libertadores na Venezuela e na Argentina.

É de valor, a leitura dos depoimentos de José Álvares Maciel, o cérebro da Inconfidência Mineira. Ei-los:

"AUTO DE PERGUNTAS FEITAS A JOSÉ ÁLVARES MACIEL

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil setecentos, e oitenta e nove aos vinte e seis do mez de Novem-

bro nesta cidade do Rio de Janeiro na Fortaleza de Vilagalhon, aonde foi vindo o Desembargador José Pedro Machado Coelho Torres Juiz desta Devassa commigo Marcellino Pereira Cleto Ouvidor, e Corregedor desta Comarca do Rio de Janeiro, e Escrivão também nomeado para esta Devassa, e o Tabellião José dos Santos Rodrigues, e Araujo para effeito de se fazerem perguntas a José Álvares Maciel, que se acha preso em custodia, e sendo ahi foi mandado vir á sua presença a José Álvares Maciel, e vindo se procedeu com elle a perguntas na fórma seguinte: E eu Marcellino Pereira Cleto Ouvidor, e Corregedor da Comarca do Rio de Janeiro, e Escrivão nomeado para esta Devassa o escrevi.

E perguntando-se-lhe, como se chamava, de quem era filho, donde era natural, que idade tinha, se era casado, ou solteiro, que emprego tinha e se tinha Ordens.

Respondeu, que se chamava José Álvares Maciel, que era filho de José Álvares Maciel Capitão-mor de Villa Rica, e de D. Juliana Francisca de Oliveira, natural de Villa Rica Capitania de Minas Geraes, de idade de vinte oito annos pouco mais, ou menos, solteiro, e Bacharel Formado em Philosophia pela Universidade de Coimbra, que não tinha Ordens, nem privilégio algum, que o isentasse da Jurisdição Real, e com efeito vendo-lhe eu o alto da cabeça lhe não vi tonsura alguma, do que dou fé.

E perguntado se sabia, ou suspeitava a causa da sua prisão.

Respondeu, que a sua prisão nasce de uma sublevação, que pretendia fazer-se na Capitania de Minas Geraes.

E sendo perguntado, como sabia della, se alguem o tinha convidado, quem, como, e aonde?

Respondeu, que a primeira vez, que ouviu a má proposição, de que a Capitania de Minas Gerais havia de ser independente, e livre foi ao Alferes Joaquim José da Silva Xavier por alcunha — O Tiradentes — nesta Cidade do Rio de Janeiro na occasião, em que elle Respondente chegou de Portugal, e se passava para as Minas, que foi pouco mais, ou menos no mez de Agosto, ou Setembro do anno de mil setecentos e oitenta e oito, indo o dito Alferes a casa delle Respondente primeira, segunda, e

mais vezes, na segunda entrou a falar nas producções, e qualidades, que tinham as Minas para poderem ser independentes, e ultimamente concluiu, que elle assim o intentava pôr em execução; porque tinha das maiores pessoas, e das mais ricas, de quem podia conseguir dinheiro para fazer um Trapiche, e para metter umas aguas de Andarahi na Cidade, o que tudo lhe havia de dar dinheiro considerável de renda, e que sendo rico, lhe ficava facil mover o levante, e convidando a elle Respondente para ir ver as aguas, viu a difficuldade, e os encontros, que aquillo havia de ter, e conheceu, que as suas idéias eram de pouco juizo, e assim reputou a proposição a respeito de levante; mas depois segunda vez ouviu tratar esta materia entre pessoas mais caracterizadas, como em conversação, dizendo as circumstancias, em que se achavam as Minas, as producções, que tinham, e o como podiam viver sobre si, mas não passou a mostrar-se na conversação animo, ou vontade, de que se puzesse em effeito, o que sucedeu na occasião em que elle Respondente tinha chegado do Sertão de Minas Geraes de ir examinar nelle as producções da natureza entrando em casa de seu cunhado o Tenente Coronel Francisco de Paula Freire, estando este presente, o Coronel Ignacio José de Alvarenga, o Padre Carlos Corrêa de Toledo Vigario da Villa de São José, e o Alferes Joaquim José da Silva Xavier, e depois passados mais alguns dias, estando os mesmos sujeitos na mesma casa, e alem delles o Padre José da Silva de Oliveira Rolim, entrando elle Respondente os achou a tratar a mesma materia; porem já com muito adiantamento; porque se passou a traçar o como se podia pôr em execução, porque depois de se falar nas producções, que havia, disse o Coronel Ignacio José de Alvarenga, que as Minas podiam ser livres da sujeição Real, e dizendo elle Respondente, que viria a succeder não nos seus dias, tornou o dito Coronel Alvarenga, que nos seus dias mesmo podia ser em razão da Derrama, que vexava o Povo, e que por isso seria facil em se mover a sacudir o jugo, e ponderando elle Respondente; que o Povo, ainda que o açoitassem, soffreria tudo, mas que ainda que assim não fosse, havia um grande obstáculo, que era o numero dos negros ser maior, que o dos brancos, e

que por conseguirem a liberdade tomariam o partido contrário, matando os brancos, e supposto que o dito Coronel Alvarenga quiz remediar isto, dizendo, que se lhes dariam primeiro a liberdade, sempre elle Respondente lembrou, que não ficaria em boa ordem o serviço das Minas, e de tudo o mais lembrado alem disso, que ainda que se fizesse, o que o dito Coronel Alvarenga tambem aconselhava, que era forrarem-se só os crioulos, e mulatos, o que não succederia sem risco da annullação entre uns, e outros, accrescia, que o numero dos Europeus, que não é pequeno são bem poucos os que se acham estabelecidos com animo de residir, que para isso seria necessário cortar a cabeça a todos, e dizendo o Padre Carlos Corrêa de Toledo Vigario da Villa de São José, que este era o seu voto, disse o Coronel Alvarenga que isso era impiedade, que nem todos seriam contrarios ao partido da Sublevação, que se fosse necessario se poriam fóra o que elle Respondente achava mais proprio, por ver, que sendo a maior parte dos paes de familia Europeus, não haviam os filhos consentir na morte delles, passando-se porem por estas dificuldades dizia o Alferes Joaquim José da Silva Xavier que a maior acção, de maior risco, e dificuldade a queria elle para si, e que já tinha ideado o modo da bandeira, que haviam de ser tres unidas em uma, (sic) significando as tres Pessoas da Santissima Trindade, ainda que elle Respondente não está muito certo nos projectos do dito Alferes, porque provocaram mais o riso, do que a contemplação séria; porem o Coronel Alvarenga assentou, que a bandeira havia de ser um genio com uma cadeia quebrada nas mãos, e por baixo um distico, que elle Respondente lhe não lembra, e isto era suppondo a acção feita sem grande difficuldade, dizendo o Padre Carlos Corrêa de Toledo Vigario da Villa de S. José, que daria cem homens e que a Villa de S. José ficava por sua conta, o Coronel Alvarenga a gente de Campanha do Rio Verde, que ficava á sua conta, e o Padre José da Silva de Oliveira Rolim que daria a do Serro, e que mandaria vir do Rio de Janeiro seiscentos, ou oitocentos mil reis, que lá tinha em polvora, e ultimamente concluiram todos os sobreditos, que esta Sublevação se fazia, a não ser contra ella o cunhado delle Res-

pondente o Tenente Coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, ao que elle respondeu que ainda sentia suas difficuldades em ter effeito a sublevação, e motim; mas contemplou com lles, e não se opoz, assim como também elle Respondente.

E instado, que dissesse completamente a verdade, que ainda dizia com diminuição; porquanto do seu mesmo juramento consta, que elle ouvira falar a differente pessoa, e em differente occasião nesta sublevação, e motim que pretendia fazer-se na Capitania de Minas Geraes, e tambem consta que nos conventículos, que fizeram em casa de seu cunhado o Tenente Coronel Francisco de Paula Freire de Andrade assistiram mais pessoas, do que as que declara.

Respondeu, que tambem ouviu falar nesta sublevação, e motim na forma que declarou no juramento que deu nesta Devassa ao Doutor Juiz de Fóra actual da cidade de Marianna, na forma em que disse no seu juramento desde folhas noventa e sete até folhas noventa e oito verso, a que se reporta, como parte desta resposta: E que enquanto aos conventículos, que se fizeram em casa de seu cunhado o Tenente Coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, a que elle Respondente assistiu, não esteve mais pessoas alguma, do que as que nomeou.

E sendo mais instado, que dissesse a verdade, porque naquellas conversações, que elle Respondente tem declarado, tratou-se o negocio com mais miudeza, do que o Respondente tem dito, de fórma que até elle Respondente se obrigou a aprompta r as manufacturas, e talvez que já elle Respondente fosse a Inglaterra a instruir-se nisso para êste fim, o que deve declarar, se teve algumas pessoas, que lhe concorressem com a despesa para isso, ou se a Inglaterra tratou, ou ouviu tratar de auxiliarem os daquella Nação este projecto do levante.

Respondeu, que se não tratou o negocio com mais miudeza alguma, do que tem declarado, que sim se falou em manufacturas, mas elle Respondente se não encarregou dellas; nem podia encarregar dellas; porque em anno, e meio que esteve em Inglaterra não podia comprehender cousa de consideração, mais que alguma curiosidade, que não fôra mandado por pessoa alguma a Inglaterra, aonde fôra por melhor se ins-

truir na chimica, tendo para isso a modica assistencia, que lhe fazia seu pae de dez mil reis por mez, e que naquelle Reino não ouvira falar nunca em pretenção de levante desta America, a unica cousa que ouviu, que respeitasse á America, foi dar-se a novidade em uma Gazeta de Oxforte, que tinha fallecido o Illmo. e Exmo. Vice-Rei do Brasil Luis de Vasconcellos, e Souza, e logo disseram alguns negociantes, que ali se achavam, e elle Respondente não conhece, que se fosse certa a noticia, que era boa occasião de mandar quatro navios para a costa do Brasil; porque governando elle se não podia passar contrabando algum.

E por mais instancias, que se lhe fizeram, nada mais declarou, dizendo, que não teria razão de occultar mais alguma cousa se a soubesse, ainda tendo-se incluido a si, e a seu cunhado o Tenente Coronel Francisco de Paula Freire de Andrade. E por ora houve o dito Desembargador estas perguntas por feitas, e acabadas, dando o juramento ao Respondente de haver nellas falado a verdade, pelo que respeita ao direito de terceiro, e assignou com a Tabellião José dos Santos Rodrigues e Araujo, e o Respondente depois destas lhe serem lidas, e as achar na verdade: E declaro, que o Respondente esteve a estas perguntas em liberdade, e livre de ferros: E eu Marcellino Pereira Cleto Ouvidor, e Corregedor da Comarca do Rio de Janeiro, e Escrivão nomeado para esta Devassa, as escrevi, e assignei.

Torres
Marcellino Pereira Cleto
José Alvares Maciel
Jozé dos Santos Roiz' e Ar.º

Auto de continuação de perguntas feitas a José Alvares Maciel

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil setecentos e noventa e um aos seis dias do mez de Setembro nesta Cidade do Rio de Janeiro e casas da Ordem Terceira de

Tiradentes, o Mártir da Inconfidência, no momento em que ia ao encontro do carrasco
(Pintura de Rafael Falco)

São Francisco aonde foi vindo o Desembargador Sebastião Xavier de Vasconcellos Coutinho do Conselho de Sua Magestade do da sua Real Fazenda Chanceller da Relação da dita Cidade e Juiz da Commissão expedida contra os Réus da Conjuração formada em Minas Geraes, commigo o Desembargador Francisco Luis Álvares da Rocha, Escrivão da mesma Commissão, e o Intendente eleito da Commarca de Villa Rica José Caetano Cesar Manitti Escrivão assistente; para o effeito de se continuarem perguntas a José Álvares Maciel, preso incommunicavel nas mesmas casas; e sendo ahi mandou vir á sua presença o dito Réu e lhe continuou perguntas pela maneira seguinte:

E sendo-lhe lidas as perguntas antecedentes; e perguntado, se as suas respostas estavam conformes?

Respondeu, que estavam conformes, e que as ratificava com as declarações seguintes, que agora faz; que na parte em que disse, que o Alferes Joaquim José da Silva propuzera, que a bandeira havia de ser tres bandeiras unidas em significação da Santissima Trindade; e que o Coronel Ignacio José de Alvarenga dissera, que havia de ser um Genio com umas cadeias quebradas nas mãos, e um verso latino, que lhe não lembra; declara agora elle Respondente que na dita conversação, se não explicou o dito Alferes pela palavra — bandeira — mas sim pela palavra — Armas — e que tudo o mais excepto a equivocação, que teve nas referidas palavras, foi a mesma verdade. Mais declara, que o Vigario de São José Carlos Corrêa de Toledo, se não explicara naquella conversação, como elle Respondente disse nas respostas ás perguntas que lhe foram feitas, dizendo, que o dito Vigario dissera, que a Villa de São José ficava por sua conta; porquanto foi equivocação nelle Respondente; e só é verdade, como agora declara, que o dito Vigario dissera, que se obrigava a pôr promptos cem homens; e do mesmo modo se equivocou dizendo, que dizendo (sic) que o Coronel Álvarenga dissera na mesma conversação, que a gente da Campanha do Rio Verde ficava á sua conta; porquanto só é verdade, como agora declara, que o dito Coronel Alvarenga só disse, que se se fizesse o levante elle tinha na Campanha

uns poucos homens chamados — pés rapados — que podiam servir para isso: e que tambem lhe não lembra se o Padre José da Silva de Oliveira Rolim disse, ou não, que a gente do Serro ficava por sua sua conta, sendo sem duvida, que disse, mandaria o mesmo Padre José da Silva vir os seiscentos ou oitocentos mil reis, que tinha nesta cidade, em polvora: e com estas declarações ratificava as respostas, que deu ás perguntas.

Foi perguntado, se mais alguma pessoa além das declaradas nas suas respostas falou sobre o estabelecimento da Republica na Capitania de Minas; ou se sabe, que alguma pessoa mais assistisse a alguma das conversações, que houve sobre esta materia em casa do Tenente Coronel Francisco de Paula Freire de Andrade?

Respondeu, que nem elle Respondente falou com mais pessoa alguma sobre a mesma materia, nem sabe, que ás conversações em casa do Tenente Coronel Francisco de Paula assistissem mais pessoas além daquellas que declarou.

Foi mais perguntado, se conhece o Doutor José de Sá Bitancur, se com elle tinha trato, amizade, ou parentesco?

Respondeu, que com o dito José de Sá Bitancur teve amizade desde o seu tempo de Coimbra; que em Villa Rica o achou, quando elle Respondente se recolheu, vindo de Lisboa, aonde tinha chegado de Inglaterra; e que em Villa Rica falou ao dito José de Sá, e o tratou; porém que com elle não tem parentesco algum.

Foi mais perguntado se nessa occasião, ou em outra qualquer tocou elle Respondente ao dito José de Sá na sublevação, ou independencia das Minas, ou teve outra alguma pratica sobre as riquezas, e vantagens da America com o mesmo José de Sá?

Respondeu, que lhe não lembra, que tivesse com o dito José de Sá pratica alguma, respectiva á independencia da America; nem na occasião, em que o encontrou em Villa Rica, nem em outra alguma.

Foi mais perguntado, se sabe, que o dito José de Sá fosse algumas vezes a casa do Tenente Coronel Francisco de Paula, e se elle Respondente lá se encontrou com elle?

Respondeu, que sabe, que o dito José de Sá algumas vezes foi a casa do Tenente Coronel Francisco de Paula Freire de Andrade na occasião em que obteve em Villa Rica, que foi antecedente ao tempo, em que se moveram as praticas sobre a independencia da America; e que elle Respondente nunca se encontrou com o dito José de Sá em casa de Francisco de Paula Freire de Andrade.

Foi instado que dissesse a verdade, a que parecia ter faltado; porquanto constava com certeza, que em casa do Tenente Coronel Francisco de Paula se communicara ao dito José de Sá Bitancur o projecto da independencia da America, indicando-se o dito José de Sá por um Doutor das partes do Sabará, que sabia do mesmo projecto; e que elle Respondente agora deve tambem declarar, reflectindo na obrigação do juramento, que tomou?

Respondeu, que não sabe, se o dito José de Sá se digo não sabe, se ao dito José de Sá se communicou por alguem o projecto da independencia da America, ou se elle esteve em casa de Francisco de Paula Freire de Andrade em occasião, que tocasse em alguma materia respectiva a dita independencia; porque elle Respondente nunca na dita casa o encontrou, nem com elle falou sobre semelhante materia.

Foi mais perguntado se o dito José de Sá veiu a Villa Rica mais algumas vezes além daquella em que elle Respondente diz, que o encontrara quando se recolheu de Portugal?

Respondeu, que veiu mais algumas vezes á dita Villa.

Foi perguntado, quando o dito vinha, digo o dito José de Sá vinha a Villa Rica, a casa aonde pousava, se elle Respondente o visitava, e as casas, que o dito José de Sá frequentava mais?

Respondeu, que quando o dito José de Sá vinha a Villa Rica, visitou elle Respondente em casa de Antonio José Cirurgião-mor do Regimento; porém que não sabe as casas, que o dito José de Sá frequentava; porque nem acompanhava com elle, nem o encontrou pelas casas, por onde elle Respondente ia.

Foi mais perguntado, se das mais vezes, em que o dito José de Sá veiu a Villa Rica, alguma dellas foi na occasião, em que

se falava na independencia da America, ou depois, que se moveu essa pratica?

Respondeu, que antes, que se movesse a pratica sobre a independencia da America veiu o dito José de Sá a Villa Rica; e tambem lhe parece, que ahi veiu depois que houve as ditas praticas, porém que no tempo, em que ellas se moveram, e trataram não veiu o dito José de Sá áquella Villa.

E por ora lhe não fez o dito Conselheiro mais perguntas, e sendo estas por mim lidas ao Respondente as achou conformes, com o que respondido tinha; e sendo-lhe deferido juramento, pelo que respeita a terceiro, do que dou fé, debaixo delle declarou ter dito verdade; e com o Ministro Escrivão assistente declaro, que neste acto esteve o Réu livre de ferros: e de tudo mandou o mesmo Conselheiro fazer este Auto, em que assignou com o Respondente, e Escrivão assistente: e Eu Francisco Luis Álvares da Rocha, Escrivão da Commissão, que o escrevi, e assignei.

Torres
Francisco Luis Álvares da Rocha
Jozé Caetano Cesar Manitti
José Álvares Maciel"

(*Autos de Devassa da Inconfidência Mineira*, Ministério da Educação, Biblioteca Nacional, Volume IV, págs. 395 a 406 — Rio de Janeiro, 1936 — Copiado de acôrdo com o original).

TRÊS FIGURAS MISTERIOSAS DA INCONFIDÊNCIA MINEIRA

MAÇONS QUE ESCAPARAM DOS SUPLÍCIOS IMPOSTOS PELOS PORTUGUÊSES

Ainda há muito por esclarecer da Inconfidência Mineira e, não há negar, coisas obscuras existem que jamais serão explicadas. Ademais disso, numerosas são as falsidades difundidas por aquêles que tinham empenho em deturpar a Verdade Histórica. Já declaramos que, tão sòmente de modo velado, alguns compêndios aludem, de leve, à participação da Maçonaria na Inconfidência Mineira. Todos ocultam que Tiradentes foi maçon, como não dão explicações acêrca do Triângulo da Bandeira dos Inconfidentes, etc.

Intervieram na gloriosa tragédia patriótica dos Inconfidentes, três maçons que se mantiveram na penumbra e conseguiram desvencilhar-se das acusações recaídas sôbre êles, evitando horrendos castigos.

Foram êles, Hermógenes Francisco de Aguilar Pantojo (1) e o Dr. José de Sá Bittencourt (2) e o presbítero Francisco Agostinho Gomes.

Como teriam êles, em face da inclemência inquisitorial dos não juízes e sim torturadores dos envolvidos na conjuração

---

(1) Pedro Calmon, erudito e imparcialíssimo, refere-se a Hermógenes Francisco de Aguilar Pantoja, à página 31 de *A Bala de Ouro*.

(2) J. Norberto de Sousa reporta-se ao Dr. José de Sá Bittencourt à página 166 e seguintes do tomo II da *História da Conjuração Mineira*, edição da Imprensa Nacional.

mineira, escapar dos atrozes suplícios, a que foram submetidos até simples suspeitos?

São segredos que a História não revela e só o culto da Fraternidade pode explicar...

O Dr. Pedro Calmon escreveu o seguinte, acêrca dos Irmãos Aguillar Pantojo e do presbítero Francisco Agostinho Gomes:

"O tenente Hermógenes Francisco de Aguilar Pantojo (irmão de Pedro Leão Pantojo, como diremos), era cadete em 1788, alferes em 89, tenente em 96. Nascera na Bahia em 1770 (declarava ter 29 anos em 1799). Casou-se em 1797, e constou que, sacrilegamente, quisera recusar o rito católico... Foi no ano seguinte que lhe nasceu o filho Gustavo Adolfo de Aguilar Pantoja, matriculado em 1816 no curso de leis, em Coimbra, (*An. da Bibl. Nac.* LXII, 230), depois político e magistrado do Império, (Laurênio Lago, *Supremo Tribunal de Justiça,* pág. 70, Rio, 1940). Capitão em 1804, "com bastante préstimo e conhecimentos, parece ter melhorado em costumes..." (*doc. ms. no Arq. Hist. Col.,* Lisboa) era ainda major em 1821. Morreu Hermógenes Francisco em 10 de fevereiro dêsse ano, quando, ao lado do marechal Felisberto marchava contra os insurretos do forte de São Pedro, *Accioli, Mem. Hist.,* III, 270-1. O velho conspirador imolou-se à legalidade... embora comprometido com os revoltosos, como disse João Ladislau de Figueiredo e Melo, *Recordações,* p. 15, Bahia, 1866.

Na Inconfidência de 1798 foi condenado a um ano, que se lhe reduziu a seis meses de prisão, e o irmão Pedro Leão Pantoja a dez anos de degrêdo para Benguela".

"Francisco Agostinho como lhe chamou Thomas Lindley, "an individual exception...", "priest of Bahia" (*Narrative of a voyage,* pág. 66), que aliás, não passou de presbítero, era filho de Agostinho Gomes, negociante na Bahia, e Isabel Maria Maciel Teixeira, êle cavaleiro de Cristo e Familiar do Santo Ofício, descendente de Fontouras e Carneiros da Silva Chaves, ela filha de Bento Maciel Teixeira e Maria da Silva (como constou do *processo* feito pela Inquisição, na mesma cidade, em 18 de maio de 1798, (*Arq. dos Feitos Findos,* Lisboa, ms. inéd.

e da carta de brazão d'armas, de 1799 — Arq. Mun. da Bahia). Foi o único herdeiro do pai opulento (sentença de 19 de outubro de 1799) e, fruindo grossas rendas, se deu a estudos largos e úteis. Mas continuou a negociar. Tinha para isto casa na Bahia em 1800 e queria associar-se a Manuel Ferreira da Câmara para explorar minas de cobre (cod. 2360, ms. in *Arq. Hist. Col.*, Lisboa). *Alv.* 17 de novembro do mesmo ano o nomeou juiz privativo para as suas causas (ms. naquele *Arq.*). Era dono (1803) do navio *Coração de Maria,* da linha de Lisboa. A referência a seu estudos à segunda fase da vida de Francisco Agostinho, *dado em* 1798 *por inconfidente, que promovia jantares sacrílegos em honra da Liberdade* (carta de D. Rodrigo de Sousa Coutinho, 14 de outubro, *Anais do Arq. Publ. da Bahia,* IX, 114). Saiu isento da acusação e em 1799 requereu uma sorte de terras e licença para organizar companhia de mineração de ferro". (*A Bala de Ouro,* págs. 31 e 32)

"Deputado às Côrtes pela terra natal em 1821, Francisco Agostinho acompanhou a atitude destemida de Antônio Carlos, rompendo com elas e retirando-se para a Inglaterra. A política, porém, não o seduziu. Voltou a influenciar os meios cultos da província com a sociedade de agricultura, fundada em 1834, sob a presidência de Ferreira Câmara. (3) Publicou em 1836 *Memória Apologética, sôbre as relações econômicas com Portugal,* e na Bahia faleceu, depois de longa enfermidade, em 15 de fevereiro de 1842".

Que jantares sacrílegos *em honra da Liberdade* eram êsses? Não eram festividades maçônicas, em que se celebra a Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade?

É digno de nota o fato de J. Norberto de Sousa e Silva, na *História da Conjuração Mineira,* não fazer referências aos dois citados irmãos.

As ligações dos irmãos Pantoja à Maçonaria prendem-se à chegada à Bahia em 1797, do capitão francês Larcher, que

(3) Em 20 de dezembro de 1822, Francisco Agostinho Gomes chegou a Recife em companhia de Diogo Feijó, Lino Coutinho Barata, Silva Bueno e Antônio Carlos. Todos sairam fugidos de Lisboa, no dia 5 de outubro (vide Rio Branco, *efemérides brasileiras,* página 682).

lá desembarcou de um navio espanhol, acompanhado da Sra. L'Entremeuse.

O insigne Mestre Pedro Calmon, com a imparcialidade que o distingue e tanto valoriza os seus trabalhos, investigou a permanência do capitão Larcher na Bahia e escreveu:

"Larcher representava, com os seus modos de corsário em férias, a poesia das aventuras navais; madame l'Entremeuse, o segrêdo das intrigas sutis. Ambos traziam a revolução.

Contou êle ao governador indulgente, que devia o infortúnio ao cavalheirismo. Realmente tomara o navio *Santo Antônio Polifemo*, que ia para o Oriente, mas para restituí-lo à guarnição, sem o levar às Maurícias, como queriam os oficiais. La chegando, foi mal recebido por isso, destituído do comando da fragata *La Préneuse*, e, quando se soube do decreto da Convenção que levava para libertar os escravos, mandado embora naquele barco espanhol. Voltava tristemente para a pátria, vítima do seu código de honra; e banido pela estupidez dos negreiros!

Esta história razoàvelmente verídica, desarmou as irritações suscitadas na Bahia por sua presença. Afinal Mr. Larcher era um brioso marinheiro; tinha situação oficial e falava de París.

Com semelhantes títulos, acolheu-o amàvelmente a boa gente. Levaram-no a ver os poucos sujeitos que liam gazetas da Europa, discutiam os discursos da Convenção e se informavam de suas idéias. Os militares, que não respeitavam o jejum da Igreja, levaram-no a banquetes igualmente sediciosos, em que se trocaram brindes de estrondo. Envolveram-se nesses festins um boticário, um clérigo, várias patentes de milícias, e, entre outros convivas, por certo Antônio da Silva Lisboa — que hospedava em sua casa à Quitanda de S. Bento a senhora l'Entremeuse.

Afloraram das denúncias os nomes do tenente Hermógenes, do major Antônio José de Sousa Portugal, do Padre Francisco Agostinho Gomes, misto de botânico e enciclopedista, milagre local de cultura européia". (*A Bala de Ouro*, págs. 30 e 31).

Francisco Borges de Barros (*A Maçonaria na Bahia*, pág.

14) atribui importante papel ao francês Larcher, na introdução e desenvolvimento das sociedades secretas no Brasil. Francês, discutidor de idéias liberais. Declara Pedro Calmon: "Observe-se que os *espíritos fortes* da Bahia, o poeta Moniz e o tenente Hermógenes, foram principalmente acusados de traduzir Volney. Recomendação de Larcher? Volney era, como Mirabeau, um dos chefes da Maçonaria francesa, Gaston Martin, *La Franc-Maçonnerie et Préparationde la Révolution*, pág. 135". (*Op. cit.*, pág. 37).

Mais do que provável é que Larcher fôsse maçon e que conquistasse, com a exposição de suas idéias, novos adeptos para a Maçonaria, entre êles os irmãos Pantoja.

Através dos informes acima e considerando-se que, naquela época, tôdas as notícias eram filtradas, cautelosamente fornecidas pelo pavor da Inquisição, cujas perversidades não conheciam limites, pode-se concluir que os irmãos Pantoja e o presbítero Francisco Agostinho Gomes, sob a orientação do francês Larcher participavam de reuniões.

À página 23 de *O Marquês de Abrantes*, foi categórico, o Mestre Pedro Calmon. Referindo-se aos deputados eleitos pela Bahia, em 3 de setembro de 1821, declarou: "Francisco Agostinho Gomes, outro antigo conjurado e *pedreiro-livre* apesar das ordens menores, invulgar erudição clássica a serviço de uma curiosidade dispersiva".

Neste trecho, que deixáramos passar ao redigir as linhas anteriores, já o insigne historiador, certamente apoiado em elementos convincentes, apresenta o companheiro dos irmãos Pantoja como pedreiro-livre.

O DR. JOSÉ DE SÁ BITTENCOURT, COLEGA DE ÁLVARES MACIEL EM COIMBRA

O Dr. José de Sá Bittencourt era de família abastada, filho de Bernardino Luiz Cardoso Bittencourt, nascido em 1755, residente em Caeté. "Residiam seus pais na Vila do Rio das Contas, sertão da Bahia, e tendo êle treze anos, foi mandado para a capitania de Minas Gerais, a fim de residir na casa de seu

tio o capitão Cipriano Ferreira da Câmara e ali estudar" (4). Estudou na Universidade de Coimbra (5) que, como já vimos, era foco difusor das idéias liberais. Coimbra era um forte centro maçônico (6). Enquanto o sectarismo, o fanatismo religioso medra onde predomina a ignorância, a maçonaria floresce nos núcleos intelectuais, onde todos têm o direito de pensar livremente.

José de Sá Bittencourt recebeu, em Coimbra, o grau de bacharel em Ciências Naturais. Visitou, em 1777, a França e a Inglaterra. Nessa época, prosperava a maçonaria na Fran-

---

(4) J. Norberto de Sousa e Silva, *História da Conjuração Mineira*, volume II, página 89.

(5) Em Coimbra, José de Sá Bittencourt foi amigo de José Alvares Maciel, maçon entusiasta, como já vimos, iniciado em Montpellier.

Lemos em J. Norberto de Sousa e Silva: "Interrogado o Dr. J. A. Maciel acêrca do Dr. José de Sá, declarou que fôra seu amigo na Universidade de Coimbra, e que quando chegou a Vila Rica, recolhendo-se da Inglaterra por Lisboa, já lá o encontrara e tratara". (*História da Conjuração Mineira*, vol. II, página 368).

Declarações do Dr. José de Sá Bittencourt: "Tratava com familiaridade os Drs. José Alvares Maciel e Barreiros, como seus colegas de Universidade". (Ibidem, páginas 368 e 370).

(6) "Coimbra vibrava de estranhas excitações. Sacudia-se violentamente numa ebulição e numa desordem. Dividia-se, entre a velha monarquia e a liberdade. Porejava o idealismo, o motim, a inconfidência, a fidelidade. Era a mocidade que lia, observava, sonhava. Os jovens que a Revolução Francesa alimentara com o nectar e o mal de sua imaterialidade. Os filhos da nevrose de 89.

Brissot, Volney, d'Holbach substituiam no páreo o eminente Péga, o grande Melo, Cujacio e Pothier. Começava a discutir-se Chateaubriand, Stael, Goethe, que levantaram à anarquia espiritual os muros floridos da arte — e Montalembert aliciava nas tabernas, Chenier encantava nas bestesgas, Marat aterrorizava nas esquinas os estudantes pálidos de samarra e capinha. Havia entre êles republicanos, havia regicidas, havia constitucionalistas, havia turbulentos democratas girondinos e jacobinos, conspiradores inofensivos e, na época dos exames, inimigos atrozes da coroa e da igreja. *Importara-se da Alemanha a sociedade secreta. Com alguma doutrina inglêsa, o exemplo de Paris, a sugestão italiana, a associação de rapazes se transformou em maçonaria política*". (Pedro Calmon, *O Marquês de Abrantes*, págs 15 e 16).

ça, como conseqüência da reforma de 1773-74. (7) Aumentava o número de seus adeptos, inclusive brasileiros. Se José de Sá Bittencourt, quando foi à França, já não era maçon, iniciado em Coimbra, onde havia lojas, é provável que, em contacto com Álvares Maciel e outros, houvesse sido influenciado e tivesse ingressado na maçonaria francesa.

Avisado de que suspeitavam de estar êle envolvido na conspiração, por ser amigo de Álvares Maciel e por ter estado na França (ser maçon), o Dr. Bittencourt saiu de Caeté, acompanhado de alguns fâmulos e, pelo interior de Minas, seguiu para o sertão baiano, para Vila das Contas, onde residiam os seus progenitores. De lá, "sabendo que no porto da Bahia existiam navios ingleses, franceses e espanhóis, dispôs-se o jovem José de Sá a emigrar para os Estados Unidos". (8) (J. Norberto de Sousa e Silva, *o. cit.* pág. 91)

O Dr. Bittencourt foi denunciado e o fato comunicado ao capitão-general governador da Bahia. De tal importância foi considerada a prisão do Dr. Bittencourt que "durante a noite, cercado por mais de trezentos homens de tropa regular e auxiliar, é prêso e conduzido o jovem José de Sá à cadeia de Camamu. Daí o transferiram para a cidade da Bahia, onde entregue a uma escolta, sob vigilância do alferes Manuel Gonçalves da Cunha, veio para o Rio de Janeiro e foi encerrado em um dos segredos da cadeia da Relação".

"Consternou-se com a sua prisão, a maior amiga que tinha nesse mundo, sua tia, D. Maria Isabel de Sá Bittencourt. Desfêz-se em pranto todo o dia a mísera e mesquinha e, quando à noite, no meio de suas lágrimas e soluços adormeceu, uma

---

(7) Gaston Martin, *La Franc-Maçonnerie Française et la Préparation de la Révolution*, página 18.

(8) Seria o Dr. Bittencourt emissário dos Inconfidentes junto aos baianos e aos pernambucanos, que acalentavam o sonho de Liberdade? Prender-se-ia o seu desejo de embarcar para os Estados Unidos ao cumprimento de alguma missão junto ao govêrno norte-americano, com quem Silva Maia e Álvares Maciel já haviam tido entendimentos por intermédio de Thomas Jefferson, na conferência de Nimes?

A sua ida à Bahia obedeceria ao propósito de seguir de lá para os Estados Unidos, tendo sido a visita aos pais, um pretexto?

visão celeste apresentou-se a seus olhos abotoados de sono. Apareceu-lhe naquele momento de aflição a Virgem do Bom-Sucesso, padroeira de Caeté, e, indicando-lhe um lugar de suas lavras, sumiu-se por entre os raios de seu esplendor. Compreendeu a consternada senhora a revelação divina. Dirigiu-se às lavras, cavou com as próprias mãos durante quinze dias e conseguiu extrair das entranhas da terra duas arrôbas de ouro. Eram o prêço do resgate de seu sobrinho! Enviou pois, à capital da colônia portuguesa tão atendíveis documentos". (J. Norberto de Sousa e Silva, *op. cit.*, págs. 91 e 92).

O ouro brasileiro subornou as autoridades portuguêsas, uma vez mais. Devem haver intervindo, também, outras influências misteriosas.

Apressou-se a justiça (?) portuguêsa. Durante três dias consecutivos, foi o Dr. Bittencourt inquirido, quando os demais levavam meses e meses. "Alvares Maciel, o vigário Carlos Correia Toledo, o tenente-coronel Francisco de Paula e o sargento-mor Luiz Vaz foram inquiridos sôbre a sua cumplicidade". (do Dr. Bittencourt).

O juiz, embora considerasse *frívola a sua defesa,* achou-o *sem culpa* e comunicou a sua opinião ao vice-rei. O conde de Resende mandou pôr o Dr. Bittencourt em liberdade, julgando-o *limpo e puro*.

Assim, o dinheiro e *misteriosas fôrças,* em ação possìvelmente em Portugal onde a maçonaria já florescia, ou instruções partidas da Inglaterra, em que predominava a maçonaria, libertaram o Dr. José de Sá Bittencourt.

A JUSTIÇA DE PORTUGAL

"Para o Brasil, a bem dizer, o que havia em vez e leis, eram sentenças. Irregular e falha era a Justiça, e seus distribuidores, com raras exceções, arbitrários, ignorantes ou venais". (Oliveira Martins, *História de Portugal*, vol. II, pág. 159).

Não foi apenas inclemente, a justiça de Portugal, com os Inconfidentes. Foi selvagem. Para julgar-se melhor do que era a miserável justiça de Portugal na época da Inconfidência Mineira, vejamos as palavras verberantes de um grande historiador português: Oliveira Martins:

"Apesar de todos os sábios que Pombal importara, a ignorância continuava na mesma. Um desembargador, conselheiro da fazenda, administrador da Alfândega, negou entrada a uma caixa, vinda de Gênova, por haver peste em Marselha: estudando o mapa e achando só meio palmo entre os dois portos, julgou perto de mais para não haver perigo. Outro desembargador não mandava para o Rio de Janeiro notícias do cêrco de Gibraltar, porque, estando-se no Brasil mais perto, as novas seriam mais frescas.

As famosas cabeças desembargatórias eram tão vazias, como vazio de gente era o reino; e documentos de pouco mais tarde acusam êste fato estupendo: ao longo da praia, as Misericórdias negociavam com os enjeitados da roda dos expostos, vendendo-os aos espanhóis, a moeda de ouro por cabeça, para crias. Essas rodas tinham nascido da necessidade de albergar a numerosa criação dos conventos. Quando a uma parte considerável da população se impunha celibato, era indispensável instituir asilos para os milhares de filhos sacrílegos.

Tal era o Portugal-Bragança, *restaurado*, ao que se disse. Para consolidar uma dinastia, cedeu-se o Oriente aos holandeses; e se não se perdeu o Brasil, foi porque êle próprio soube defender-se. Depois enfeudou-se o reino aos inglêses; e por cima de tudo isto aceitava-se o santo e a senha dos jesuítas. Quando o Brasil começou a render, D. João começou a reinar e a gastar. Devorou-se o que ainda restava em Portugal, devorou-se tudo o que veio da América. Portugal importava, só por Lisboa, 4000 contos de pão cada ano.

E uma série de doidos, de maus, ou de idiotas, levados pelo braço dos negociantes jesuítas e ingleses, pupilos de uns, prebostes de outros, disseram-se reis de um reino que era uma sombra, animada por único sonho vivo: o Sebastianismo.

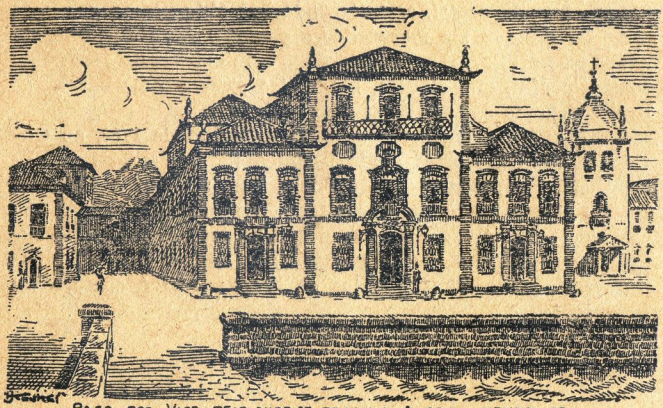
D. Maria I endoideceu de todo; e na cena portuguesa levantou-se a espessa figura do príncipe regente, com o seu olhar vago, na imóvel contemplação da régia ociosidade, bocejando em permanência — a assistir com as mãos nos bolsos, indiferente e passivo, ao desabar ruidoso do carcomido edifício da nação. Casou-se com o príncipe herdeiro dos Braganças uma princesa castelhana ou napolitana. Enxertou-se no trono roído de uma família, sempre estéril e agora moribunda, o rebento da família orgíaca em cuja seiva corria tôda a podridão ardente da Itália do Sul. Vieram daí, com um temperamento audaz e um caráter semelhante, os dois filhos que o acaso fêz rivais.. Êsse cruzamento de sangue concorreu para determinar a nossa longa crise de trinta anos (1808-38), já anunciada pelos ecos da grande revolução de França, já em esbôço na dupla fisionomia do paço de Queluz". (*História de Portugal*, vol. II, págs. 229 e 239).

"Mas a polícia não se ocupava só da segurança: era principalmente um instrumento de perseguição reacionária.

Nem por ser tirania, deixava, porém, de ser burlesca. As *moscas* prenderam mais de uma vez, rapazes, para os casar ou meter a frades, conforme as ordens da família poderosa; e o caso de Mme. de Entremeuse, entre outros, deu muito que rir e falar. Incomodada pelas exigências da Alfândega, ao chegar a Lisboa, protestara alto e bom som. Foi prêsa: por

que? Por desrespeito? Não; mas porque não se julgou que uma mulher pudesse falar tão alto e suspeitou-se que o traje encobria um *jacobino*. Prenderam-na para ver se era efetivamente mulher, e como fôsse, logo a soltaram". (Ibidem, págs. 234 e 235).

"Por tôda a parte se descobriam emissários da convenção francesa, franco-maçons apóstolos da impiedade revolucionária. Bocage foi prêso, Ratton foi banido do reino. O bispo de Algarve, confessor da rainha, queria que o episcopado português excomungasse a França revolucionária. "Os cafés, dizia



PAÇO DOS VICE-REIS ONDE SE REUNIU A ALÇADA, VENDO-SE AO FUNDO A CADEIA.

a Intendência, são clubes onde se pregam aquelas liberdades que têm adotado os tais chamados filósofos modernos". Sabia-se que na Madeira se tinha aberto a primeira loja maçônica, por via de um emissário do grão mestre de Orleans; e a um corregedor enviado a essa ilha recomendava Pina Mani-

que: "Aquêle que v. m. vir de sapatinho bicudo e mui brunido, atilhos nos calções, com gravata por cima da barba, colarinho até meia orelha, cabelo rente no toitiço e tufado sob a moleirinha com suissas até os cantos da bôca (o retrato do nosso futuro jacobino de 20) agarre-me logo dêle, tranque-o na cadeia carregado de ferros, até que haja navio para o Limoeiro: é iluminado ou pedreiro-livre!" (Ibidem, pág. 235).

Antônio Tôrres, à pág. 29 de seu vibrante livro *As Razões da Inconfidência*, narra-nos o seguinte episódio, que bem nos demonstra como exorbitavam os representantes da infame justiça de Portugal:

"Pelas ruas de Vila Rica andavam mascarados, isto é, conspiradores de máscaras, durante a noite. *Por isso publicou êle um bando a 13 de julho, declarando que tôda pessoa que provasse ter matado um mascarado a qualquer hora da noite, no Morro ou na Vila, teria como prêmio cem oitavas de ouro.* Não consta, porém, que alguém, ainda das classes mais baixas, se tivesse deixado seduzir pelas cem oitavas de ouro do governador. Êle próprio, em carta de 8 de setembro de 1720, ao Ouvidor do Rio das Mortes, diz textualmente: "A não dar-me Deus paciência e um pouco de prudência, bastaria isto a fazer-me louco... Seguro a Vmcê. que o tormento de tratos e galés não tem sido mais rigoroso do que o que há três meses tenho experimentado; e que, tendo passado por mim vários trabalhos perigosos em batalhas e sítios de praças, não é comparável nada às fadigas em que me tenho visto nestes tempos". (1)

(1) José Pedro Xavier da Veiga, *Efemérides Mineiras*, volume. II, página 417.

A BANDEIRA DE MINAS GERAIS

UMA COMISSÃO DA ASSEMBLÉIA ESTADUAL PARA ESTUDAR O ASSUNTO. PROPOSTA DO DEPUTADO HERNÂNI MAIA, BASEANDO-SE EM UM LIVRO DO AUTOR DÊSTE

Em meu livro *A Maçonaria e a Grandeza do Brasil*, já na 2.ª edição, em dois volumes, discorri acêrca da aberração de Minas Gerais ter duas Bandeiras.

O Deputado Hernâni Maia, dos mais aplaudidos oradores mineiros, parlamentar infatigável e estudioso, impressionou-se com a leitura do que escrevi. Com a eloqüência de sempre, levou o assunto para o plenário da Assembléia, na sessão de 17 de abril de 1956, o prestigioso Deputado Hernâni Maia. Disse êle:

"Inicialmente, Senhor Presidente desejo submeter à apreciação da Casa, um requerimento no sentido de que o Govêrno mande averiguar se, realmente, há desfalque na Cia. Açucareira de Matosinhos. Trata-se, Senhor Presidente, de importante emprêsa do Estado de Minas Gerais, que, segundo fomos informados, — ainda não estamos devidamente documentados — parece que o Govêrno já teve notícia das irregularidades existentes naquela Usina. Esta denúncia, certamente irá despertar aos srs. Deputados, ciosos de averiguar êsses fatos, vivo interêsse e talvez na próxima reunião possam conhecer alguma coisa sôbre a Usina referida. Trata-se, Senhor Presidente, de assunto importante, pois aquela emprêsa tem por fôrça a fiscalização do Estado.

Senhor Presidente, vamos tratar de um assunto que parece, em tempos passados, foi de interêsse desta Augusta Assembléia. À primeira vista há de parecer aos Senhores Deputados que isso

não interessa, mas, realmente, o assunto é interessante, pois se trata, de certo modo, da História do Brasil. A infância que ora vem sendo alfabetizada deve conhecer, quando nada, os pontos elementares sôbre os quais a história de nossa Pátria firma-se, tendo nos legados um pouco da beleza e da riqueza de seu passado. É que Minas Gerais tem duas Bandeiras. Ainda êste mês nesta Assembléia estivemos com duas bandeiras do Estado em nossas mãos, uma com o triângulo verde, outra com as letras e o triângulo vermelho. Daí, a nossa curiosidade. Mas não estamos apenas com a curiosidade. Ouvimos os historiadores e nos deparamos com o Professor Tenório d'Albuquerque que ora honra êste Augusto Parlamento com a sua presença e a de seus assessores técnicos nas galerias dêste recinto e que é autor de importante obra que desvenda o equívoco sôbre a bandeira do Estado de Minas Gerais.

Para nós, é sumamente honroso que um poliglota, um professor da cultura do professor Tenório d'Albuquerque nos haja confiado sua obra, uma das que enriquecem sua coleção já em edições esgotadas, porquanto êsse professor é autor de 75 obras em nossa Pátria. Para nós, os sindicalistas, cuja linguagem em português desataviado, foge aos princípios da beleza lingüística de nosso País, mas que, em verdade, demonstra o desejo de dizer com franqueza aquilo que pensamos. É um motivo de orgulho para mim ser, nesta tribuna, o intérprete da opinião do professor Tenório d'Albuquerque.

Eis, sr. Presidente, que apresentamos, então uma indicação a V. Excia., no sentido de que seja constituída uma comissão de nobres senhores Deputados e esta Comissão, ouvindo os historiadores, mantendo contato com os homens de letras, responsáveis pela História da Pátria, possam resolver, de uma vez por tôdas, como deva ser a bandeira do Estado de Minas Gerais.

Senhor Presidente e Senhores Deputados. O trabalho do professor Alcir Tenório d'Albuquerque, grande historiador, que, com sua obra em mãos apresentamos a V. Excia. esta proposição, o fazemos para que se dissipe de uma vez por tôdas, a dúvida que nos assalta com relação à côr de nossa bandeira. Não

podemos conceber que sendo êste Parlamento, composto, de homens cultos e inteligentes, se permita que esteja hasteada erradamente, a bandeira de Minas. O Sr. Tenório d'Albuquerque, cujas obras já passaram as fronteiras de Minas, é um professor respeitabilíssimo e não faria uma afirmação dessas se não estivesse seguro da sua palavra. Ademais, o professor Gustavo Barroso, católico, apostólico, romano, homem de capacidade e conhecedor profundo da história do Brasil, já disse também que a bandeira de Minas está errada. V. Excia. Sr. Presidente, poderá determinar, sem qualquer ônus, que se liquide de uma vez por tôdas a questão controvertida da côr da bandeira de Minas. Se não me engano, o Deputado Badaró Júnior, em legislatura passada cuidou dêste assunto, mas temos a impressão que êle não teve a ressonância esperada. O que não é possível é que continue a bandeira de Minas, tremulando em nosso território, como vem sendo, de maneira errada, sem que se corrija a falha. A continuar, isto, cairemos no ridículo.

Com estas considerações desejamos apresentar ao grande mestre Tenório d'Albuquerque, o nosso respeitoso agradecimento por ter trazido a sua valiosa colaboração a esta augusta Assembléia a fim de que se possa, com ela, desmanchar o equívoco, já que a nossa bandeira atual não reflete, em verdade, aquilo que sonhou Tiradentes para que hoje o povo de sua Pátria pudesse falar em democracia.

Colaborações dessa ordem, como a trazida pelo Professor Tenório, muito confortam os corações dos que desejam acertar.

Ao grande mestre, os agradecimentos do Parlamento Mineiro.

"Dia 18 de Abril de 1956"
Deputado Hernâni Maia

Nesta Augusta Assembléia, no momento, está hasteada uma bandeira mineira, cujo triângulo é verde; na Secretaria da Casa está uma bandeira histórica mineira que cobriu os ossos dos inconfidentes trazidos para o Brasil, e o triângulo é vermelho. Então, não é possível que esta Assembléia fique dando êsse atestado de não conhecer qual a Bandeira de seu Es-

tado, depois da bandeira da Pátria, sob a qual as reuniões dêste Parlamento são realizadas.

Vamos, pois, passar à leitura da indicação acompanhada do trabalho do professor Tenório d'Albuquerque para que vv. excias. possam concluir da justiça do assunto:

INDICAÇÃO N.º 700

Exmo. Sr. Presidente da Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais.

O Deputado que subscreve a presente indicação, solicita a V. Excia. ou à Egrégia Assembléia Legislativa, seja constituída uma comissão para, de conformidade com a opinião dos historiadores abalizados, proceder a minucioso estudo sôbre as côres e demais modalidades que formam a Bandeira do Estado de Minas Gerais.

Sala das Reuniões, 17 de Abril de 1956

a.) *Hernâni Maia*

JUSTIFICAÇÃO

Senhores Deputados: Poderá parecer desnecessária a providência ora solicitada, porém, deve ficar definitivamente esclarecida a celeuma que vem dominando as opiniões da imprensa, dos intelectuais e historiadores, a respeito das dúvidas que pairam sôbre a história que nos legou o augusto Pavilhão de Minas Gerais. Que seja o assunto, de uma vez por tôdas, definitivamente esclarecido.

Não pode a infância nas Escolas aprenderem dùbiamente. Ademais, nesta Augusta Assembléia Legislativa, existem duas bandeiras do Estado de Minas Gerais em côres diversas.

Uma, histórica, cobriu os ossos dos inconfidentes ao serem transportados para o Brasil.

A outra, se encontra hasteada, neste instante, no pavilhão detsa Augusta Assembléia Legislativa.

Concluindo, aqui transcrevemos, na íntegra o trabalho realizado pelo professor Tenório d'Albuquerque, que é o seguinte:

(lê "A BANDEIRA MAÇÔNICA DOS INCONFIDENTES")

Demais de dar-me a honra de ler na íntegra um capítulo do meu livro *A Maçonaria e a Grandeza do Brasil*, em plena sessão da Assembléia Estadual de Minas, o prestigioso e independente deputado Hernâni Maia, dos mais eloqüentes parlamentares montanheses, concluiu com as seguintes palavras:

"Sr. Presidente, o trabalho do professor A. Tenório d'Albuquerque, grande historiador, que, com a sua obra apresentamos a V. Exa. esta proposição, o fazemos para que se dissipe de uma vez por tôdas, a dúvida que nos assalta com relação à côr de nossa bandeira. Não podemos conceber que sendo êste Parlamento composto de homens cultos e inteligentes, se permita que esteja hasteada erradamente, a bandeira de Minas. O Sr. Tenório d'Albuquerque, cujas obras já perpassaram as fronteiras de Minas, é um professor respeitabilíssimo e não faria uma afirmação dessas se não estivesse seguro da sua palavra. Ademais, o professor Gustavo Barroso, católico, apostólico, romano, homem de capacidade e conhecedor profundo de história do Brasil, já disse também que a bandeira de Minas está errada. V. Exa., Sr. Presidente, poderá determinar, sem qualquer ônus, que se liquide de uma vez por tôdas com a questão controvertida da côr da bandeira de Minas. Se não me engano, o Deputado Badaró Júnior, em legislatura passada, cuidou dêste assunto, mas temos a impressão que êle não teve a ressonância esperada. O que não é possível é que continue a Bandeira de Minas, tremulando em nosso território, como vem sendo, de maneira erradamente, sem que se corrija a falha. A continuar isto, cairmos no ridículo.

Com estas considerações, desejamos apresentar ao grande mestre Tenório d'Albuquerque, o nosso respeitoso agradecimento por ter trazido a sua valiosa colaboração a esta augusta Assembléia a fim de que se possa, com ela, desmanchar o equívoco já que a nossa bandeira atual não reflete em verdade, aquilo que sonhou Tiradentes, para que hoje o povo de sua Pátria pudesse falar em democracia.

Colaborações desta ordem como a trazida pelo professor Tenório, muito confortam os corações dos que desejam acertar.

Ao grande mestre, os agradecimentos do Parlamento Mineiro".

BIBLIOGRAFIA

Como escrevemos êste livro enfrentando a quase totalidade dos que trataram do assunto, fizemos questão de apoiar em fatos as nossas asserções, de documentar tanto quanto possível as nossas afirmações, citando autores, fazendo transcrições, daí a extensão bibliográfica que apresentamos.

Entre outros, citamos os seguintes autores, cujos livros estão com as necessárias indicações:

A

Amiable, L, *Une Loge Maççonnique d'Avant* 1789, P. Alcan, 1897.

Amiable, L, *La Franc-Maçonnerie en France depuis* 1725, publicação do Grand Orient de France, París, 1890.

Abrines, Lorenzo Frau, *Diccionario Enciclopédico de la Masoneria*, 3 volumes, Establecimiento Tipográfico La Academia, Barcelona.

Aguiar, Antônio Augusto, *Vida do Marquês de Barbacena*, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1896.

Ameal, João e Rodrigues Cavalheiro, *De Dom João VI a D. Miguel*, Livraria Tavares Martins, Pôrto, 1939.

Armitage, John, *História do Brasil*, Edição de Egas, São Paulo, 1914.

B

Becker, Carl L., *The Declaration of Independence*, Nova York, 1921.

Barros, Francisco Braga, *A Maçonaria na Bahia*, Salvador, sem data.

Bomfim, Manuel, *O Brasil na História*, Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1922.

Brien, O. E., *Les Sociétés Secrètes des Mystères*, Payot, París, 1951.

Branco, Barão do Rio, *Efemérides Brasileiras*, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1938.

Bastos, Otaviano Menezes, *Pequena Enciclopédia Maçônica*, 2 volumes, Edição de *O Malhete*, São Paulo.

Barbosa, Rui, *Coletânea Literária* Companhia Editôra Nacional, São Paulo.

Boucher, Jules, *La Symbolique Maçonnique*, Dervy, París, 1948.

Barroso, Gustavo, *História Secreta do Brasil*, Companhia Editôra Nacional, São Paulo, 1939.

Berteloot, Joseph, *Les Franc-Maçons Devant l'Histoire, origine et diversité*, Monde Nouveau, París, 1949.

Berteloot, Joseph, *La Franc-Maçonnerie et l'Église Catholique, Motifs de Condamnation*, Éditions du Monde Nouveau, París, 1947.
Berteloot, Joseph, *La Fran-Maçonnerie et l'Église Catholique, Perspecitve de Pacification*, Editions du Monde Nouveau, París, 1947.
Berteloot, Joseph, *Jésuite et Fran-Maçon*, Dervy, París, 1952.
Benitez, General Adolfo Torres, *Les Veintiun Temas del Compañero Mason*, Editorial Aries, Toluca, México, 1946.

C

Calmon, Pedro, *O Marquês de Abrantes*, Editôra Guanabara, Rio, 1933.
Calmon, Pedro, *História Social do Brasil*, Companhia Editôra Nacional São Paulo, 1941.
Calmon, Pedro, *A Vida de D. Pedro I, Rei Cavaleiro*, Companhia Editôra Nacional, São Paulo 1941.
Calmon, Pedro, *História do Brasil*, 8 volumes, Companhia Editôra Nacional, S. Paulo. O 3.º volume a que nos referimos, é de 1943.
Calmon, Pedro, *História da Civilização Brasileira*, Companhia Editôra Nacional, São Paulo, 1940.
Calmon, Pedro, *A Bala de Ouro*, Livraria José Olímpio Editôra, Rio, 1947.
Cabral, Mário da Veiga, *História do Brasil*, 15.ª edição, Emprêsa A Noite Rio, 1944.
Calógeras, Pandiá, *Formação Histórica do Brasil*, Companhia Editôra Nacional, São Paulo, 1941.
Colinon, Maurice, *L'Église en Face de la Franc-Maçonnerie*, Librairie Arthème Fayard, París, 1954.
Chagas, Paulo Pinheiro, *Teófilo Otoni*, Editôra Zélio Valverde, Rio de Janeiro, sem data.

D

Dior, Raymond, *La Franc-Maçonnerie*, Crapouillot, París, 1943.
Deschamps, N., *Les Sociétés Secrètes et la Societé en Philosophie Contemporaine*, Avinhão, P. Oudin, 1881.

E

Evans, H. R., *Cagliostro and his Egyptian Rite of Free Mansonry*, Nova York.

F

Forestier, R. *Les Illuminés de Baviera et la Franc-Maçonnerie Allemande*, París, 1914.
Findel, J. S. *Histoire de la Franc-Maçonnerie depuis son Origine jusque nos Jours*, tradução do alemão. 2 volumes.
Figueiredo, João Ladislau de, *Recordações*, Bahia, 1866.
Fay, Bernard, *La Masoneria e la Rivoluzione Intelletuale del Secolo XVIII*, Giulio Einaudi Editore, Turin, 1945.

Fay, Bernard, *L'Esprit Révolutionnaire en France et aux États Unis*, París, 1925.

H

Huttin, Serge, *Les Sociétés Secrètes*, Presses Universitaires, París, 1952.
Hamel, Ernesto, *História da Revolução Francesa*, tradução de Consiglieri Pedroso.
Handelmann, Heinrich, *História do Brasil*, tradução feita pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 2 volumes, Rio de Janeiro, 1931.

L

Lima, Augusto de... Júnior, *Pequena História da Inconfidência*, Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1955.
Larousse, *Dictionnaire*, Librairie Larousse París.
Lepper, J. H., *Les Sociétés Secrètes de l'Antiguité à nous Jours*, Payot, París, 1927.
Lantoine, Albert, *La Franc-Maçonnerie Chez Elle*, Émile Nourry, París, 1927.
Lantoine, Albert, *La Franc-Maçonnerie Ecossaise en France*, Émile Nourry, París, 1930.
Lantoine, Albert, *Histoire de la Maçonnerie Française*, Émile Nourry, París, 1930.
Lima, Adelino de Figueiredo, *Nos Bastidores do Mistério*, Gráfica Editôra Aurora, Rio de Janeiro.
Lima, Adelino de Figueiredo, *Os Templários*.

M

Mornet, Daniel, *Les Origines Intelectuelles de la Révolution Française*, Librairie Armand Colin, París, 1954.
Martin, Gaston, *La FrancMaçonnerie Française et la Préparation de la Révolution*, Presses Universitaires, París, 1926.
Mitre, Bortolomé, *Historia de San Martin y de la Emancipación Sudamericana*, Editorial Peuser, Buenos Aires, 1942.
Martins, Oliveira, *História de Portugal*, Livraria Antônio Maria Pereira, Lisboa, 1939.
Mecklin, John Moffatt, *Le Ku Klux Klan*, Payot, París, 1930.
Morse, S. E., *Freemasonry in the American Revolution*, Washington, 1924.
Martin, Gaston, *Manuel d'Histoire de la FrancMaçonnerie Française*, París, 1934.
Melo, Mário, *A Maçonaria e a Revolução Republicana de* 1817, Imprensa Industrial, Recife, 1912.
Melo, Mário, *A Loja Maçônica Seis de Março de* 1817, *ao Oriente de Recife*, Tipografia Recife, Recife, 1921.
Mendoza, E. Rodriguez, *Miranda, el Visionario*, Editorial Claridad, Buenos Aires, 1944.
Magister, *Manual del Aprendiz*, Editorial Kier, Buenos Aires, 1946.

N

Naudon, Paul, *Les Origines Réligieuses et Corporatives de la Franc-Maçonnerie*, Dervy, Paris, 1953.

O

Onsari, Fabian, San Martin, *La Logia Lautaro y la Franc-Masoneria*, Avellaneda, 1951.

P

Priouret, Roger. *La Franc-Maçonnerie sous le Lys*, Bernard Grasset, Éditeur, Paris, 1953.
Pougel de Saint André, *Les Auteurs Cachés de la Révolution Française*, P. Perrin. Paris, 1923.
Pombo, Rocha, *História do Brasil*, 6 volumes.

Q

Quirino, Manuel, *A Bahia de Outrora*, Livraria Econômica, Salvador. 1922.

R

Ribeyrolles, Charles, *Le Brésil Pittoresque*
Rojas, Ricardo *El Santo d ela Espada, La Vida de San Martin*, Editorial Losada, 200.º milhar, Buenos Aires, 1940.
Robertson, William Spence, *La Vida de Miranda*, Ediciones Anaconda, Buenos Aires, 1947.
Robertson, William Spence, *The Diary of Francisco de Miranda*, Hispanic Society of America, Nova York, 1928.
Ragon, J. M. *La Masoneria Oculta y la Iniciación Hermética*, Editorial, Kier, Buenos Aires, 1951.
Ribeiro, João, *História do Brasil*, Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro.

S

Silva, J. Norberto de Sousa e..., *História da Conjuração Mineira*, 2 volumes, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1948.
Santos, Felício, *Memórias do Distrito Diamantino da Comarca de Serro Frio*, 1.ª edição — 1861 — Tipografia Americana, Rio de Janeiro, 1868 — 2.ª edição.
Santos, Lúcio José, *A Inconfidência Mineira*.
Serrano, Jônatas. *História Contemporânea*, Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro.
Salas, Mariano Picón, *Miranda*, Editorial Losada, Buenos Aires, 1950.
Santos, Luis Umbert. *Cincuenta Lecciones de Cultura Masónica*, Editorial Humanidad, México, 1949.

T

Talmeyr, Maurice, *La Franc-Maçonnerie et la Révolution Française*, Perrin, París, 1902.
Tôrres, Antônio, *As Razões da Inconfidência*, Livraria A. J. Castillo, Rio de Janeiro, 1925.
Thomas, Henri e Dana Lee Thomas, *Estadistas Americanos*, Livraria do Globo, Pôrto Alegre, 1956.
Taunay, Afonso de Escragnole, *Na Bahia de Dom João VI*.
Trowbridge, *Cagliostro*, Londres, 1910.
Thatsch, J. H., *Free Masonry in* 13 *colonies*, Nova York, 1919.

V

Vox, *Diccionarie General Ilustrado de La Lengua Española*, Publicaciones y Ediciones Spes. Barcelona, 1953.
Veiga, Xavier, *Efemérides Mineiras*.
Vicuña, Eugenio Orrego, *O'Higgins, Vida y Tiempo*, Editorial Losada, Buenos Aires, 1946.

Z

Zuñiga, Antonio R., *La Logia Lautaro y la Independencia de la América*, Biblioteca de la Masoneria Argentina, Buenos Aires, 1922.

A MAÇONARIA E A GRANDEZA DO BRASIL —

A. Tenório Cavalcante de Albuquerque.

"Não é um livro de combate. Não é um livro agressivo, de ataques. Ao contrário, é um livro de defesa da verdade que é eterna, que é sagrada."

.....

"Neste livro pugnamos pela verdade, lutamos para destruir a mentira. A verdade é fonte de luz, aponta-nos o caminho do Bem. A mentira é produtora de trevas, conduz-nos ao mal. Uma ilumina, outra entenebrece.

"É inquestionàvelmente, a Independência, o episódio culminante de nossa História. Nem por isso, pela sua excepcional relevância, estêve a salvo das mistificações. A pusilanimidade de alguns historiadores e a ignorância transbordante de pretensos historiadores mascararam os acontecimentos, deturparam os fatos."

Em 2.ª edição. 2 volumes.

A IGREJA CATÓLICA E A MAÇONARIA

A. Campos Porto.

Tudo quanto tem sido cuidadosamente ocultado sôbre a verdadeira religião de Deus, é exposto de modo claro e de acôrdo com os fatos registrados pela História no decorrer dos séculos.

Os acontecimentos mais trágicos, os crimes mais hediondos, todos os atentados contra o homem, tôdas as infâmias, tôdas as calúnias, tôdas as torpezas, são estudadas e provadas de modo imparcial e irretorquível.

Os estudos contidos nesta obra analisam os acontecimentos religiosos, a partir dos primeiros séculos do Cristianismo, apreciando tôda a nefanda e abominável ação dos chamados representantes de Deus, através das trevas da Idade Média, atravessando a Renascença, para chegar até os tempos atuais.

A única obra publicada até hoje, que atende corajosamente aos interêsses de todos que precisam conhecer as coisas das religiões.

AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - Lei nº 9.610/98). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura

CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA